



RENATA VIANA ENSINAS FUGIWARA

**PROCESSOS DE (INTER) COMPREENSÃO NAS
AFASIAS:
UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO NA
PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

**CAMPINAS,
2013**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

RENATA VIANA ENSINAS FUGIWARA

**PROCESSOS DE (INTER) COMPREENSÃO NAS
AFASIAS:
UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO NA
PERSPECTIVA BAKHTINIANA**

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

**CAMPINAS,
2013**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Oscar Eliel - CRB 8/6934

F954p Fugiwara, Renata Viana Ensinas, 1979-
Processos de (inter)compreensão nas afasias : um estudo neurolinguístico na perspectiva bakhtiniana / Renata Viana Ensinas Fugiwara. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Rosana do Carmo Novaes Pinto.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Compreensão. 2. Compreensão ativo-responsiva. 3. Avaliação audiológica nas afasias. 4. Neurolinguística. 5. Fonoaudiologia. I. Novaes-Pinto, Rosana do Carmo, 1961-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: (Inter)comprehension in aphasia : neurolinguistic study in the bakhtinian perspective

Palavras-chave em inglês:

Comprehension
Active-responsive comprehension
Audiologic evaluation in aphasia
Neurolinguistics
Speech Therapy

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutora em Linguística

Banca examinadora:

Rosana do Carmo Novaes Pinto [Orientador]
Maria Irma Hadler Coudry
Ivone Panhoca
Evani Andreatta Amaral Camargo
Mirian Cazarotti Pacheco

Data de defesa: 05-12-2013

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Rosana do Carmo Novaes Pinto

Maria Irma Hadler Coudry

Ivone Panhoca

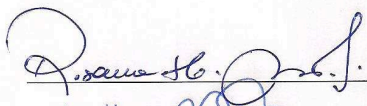
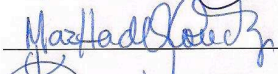
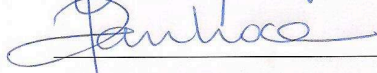
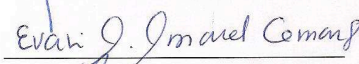
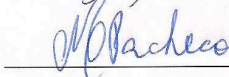
Evani Andreatta Amaral Camargo

Mirian Cazarotti Pacheco

Guilherme do Val Toledo Prado

Ana Paula de Oliveira Santana

Ester Mirian Scarpa

IEL/UNICAMP
2013

RESUMO

Este trabalho visa abordar o tema da (inter) compreensão no campo das afasias, pautado na perspectiva bakhtiniana, que a concebe como *compreensão ativo-responsiva*, já que, para Bakhtin, compreender é atribuir às palavras do Outro palavras próprias. Trata-se de uma abordagem que questiona, já de início, a dicotomia entre produção e compreensão que caracteriza os estudos neuropsicológicos tradicionais e também as noções de *decodificação* ou de *identificação* subjacentes aos modelos de processamento de linguagem. Para ampliarmos o olhar para as dificuldades de compreensão nas afasias, incorporamos questões relativas ao funcionamento auditivo, que pode ser considerado uma das facetas do processo de compreensão - a sua *interface sensorial*. Avaliamos sujeitos fluentes e não-fluentes em tarefas metalinguísticas elaboradas para testar a compreensão, utilizando subtestes das baterias de *Boston* (*Boston Diagnostic Aphasia Examination*), de Goodglass & Kaplan (1995) e PALPA (*Psycholinguistic Assessments of Language Processing in Aphasia*), de Kay, Lesser e Coltheart (1992), visando observar dificuldades dos sujeitos com relação às unidades da língua. Posteriormente, analisamos um conjunto de dados que emergiram em episódios interativos entre sujeitos afásicos e não-afásicos, em sua maioria nas sessões coletivas do Grupo III do CCA (Centro de Convivência de Afásicos) ou em sessões de acompanhamento individual. A reflexão foi respaldada pelos resultados de análises de cunho microgenético, buscando evidenciar não apenas as dificuldades, mas também as possibilidades de (inter) compreensão construídas pelos sujeitos afásicos e pelos não-afásicos nos processos interativos, pelo trabalho que ambos operam sobre os enunciados uns dos outros. Buscamos refletir, por fim, sobre questões éticas que orientam o trabalho clínico com sujeitos afásicos e as pesquisas desenvolvidas na área de Neurolinguística Discursiva, no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

Palavras-chave: compreensão; compreensão ativo-responsiva; avaliação audiológica nas afasias; Neurolinguística; Fonoaudiologia.

ABSTRACT

This work addresses the issue of (inter) comprehension in the field of aphasia based on the Bakhtinian perspective, which conceives comprehension as an *active-responsive act*, considering that, for Bakhtin, to comprehend is to attribute one's own words to the Other's words. It is, therefore, an approach which questions the dichotomy between production and comprehension which usually characterizes the traditional Neuropsychological studies, as well as the notions of *decoding* or of *identification* underlying the language processing models. In order to broaden the view of the difficulties of comprehension in aphasia, we incorporated issues related to the auditory functioning, which can be considered one of the facets of the phenomenon of comprehension – its *sensory interface*. We have evaluated fluent and non-fluent individuals with aphasia in metalinguistic tasks elaborated to test comprehension, using subtests of the *Boston Assessment Battery (Boston Diagnostic Aphasia Examination; Goodglass & Kaplan, 1995)* and of PALPA (*Psycholinguistic Assessments of Language Processing in Aphasia; Kay, Lesser and Coltheart, 1992*), aiming to observe the subjects' difficulties regarding language units. After that, we have analyzed a set of data which emerged in interactive episodes among aphasic and non-aphasic subjects, mostly in the sessions of Group III of CCA (Center for Aphasic Subjects), or in individual sessions. The reflection was grounded by the results of the microgenetic analysis, seeking to highlight not only the difficulties, but also the possibilities of (inter) comprehension built by the aphasic and by the non-aphasic subjects in interactive processes, through the work which both operate on the utterances of each other. Finally, we reflected on ethical issues that guide the clinical work with aphasic subjects and the research carried out in the area of Discursive Neurolinguistics, at the Language Studies Institute, UNICAMP.

Key-words: comprehension; active-responsive comprehension; audiologic evaluation in aphasia; Neurolinguistics; Speech Therapy

SUMÁRIO

Prefácio.....	01
Introdução.....	05
Primeira Parte – Questões teórico-metodológicas no estudo da (inter) compreensão nas afasias.....	11
Capítulo 1 - A compreensão como um processo complexo: os avanços teórico-metodológicos da perspectiva discursiva.....	13
Introdução.....	13
1. A relação dicotômica entre produção e compreensão inspirada nos modelos da “teoria da comunicação”.....	14
2. A concepção bakhtiniana de compreensão ativo-responsiva.....	21
Capítulo 2 - Aspectos metodológicos da Pesquisa.....	27
Introdução.....	27
1. <i>Loci</i> da realização da pesquisa.....	27
1.1. Centro de Convivência de Afásicos (CCA).....	27
1.1. Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação (CEPRE).....	29
2. Critérios de inclusão e exclusão na avaliação auditiva.....	29
2.1. Critérios de inclusão.....	30
2.2. Critérios de exclusão.....	30
3. Apresentação dos sujeitos participantes da pesquisa.....	31
3.1. Sujeitos afásicos.....	31
3.2. Sujeitos não-afásicos.....	35
4. Explicitação dos procedimentos experimentais e analíticos.....	36
4.1. A pesquisa realizada com protocolos de linguagem no CCA.....	37
4.1.1. O uso de protocolos metalinguísticos.....	37
4.2. Pesquisa realizada no CEPRE.....	38
4.2.1. Descrição dos procedimentos de avaliação auditiva.....	39
4.2.1.1. Avaliação Auditiva Básica (AAB).....	39
4.3. Procedimentos analíticos.....	40

4.3.1. Procedimentos analíticos das avaliações auditivas.....	41
4.3.2. Análises discursivas de enunciados produzidos em situação dialógica.....	41
Segunda Parte - Contribuições da pesquisa para o estudo dos processos de (inter) compreensão nas afasias.....	49
Capítulo 3 – Avaliações auditivas dos sujeitos afásicos da pesquisa.....	51
Introdução.....	51
1. O funcionamento auditivo: questões fundamentais para nossa reflexão.....	51
2. Considerações acerca dos resultados de avaliação auditiva em sujeitos afásicos e em seus cuidadores.....	56
2.1. Exames realizados com sujeitos afásicos e seus cuidadores.....	60
2.1.1. Resultados dos sujeitos do CCA nos exames auditivos.....	63
2.1.2. Resultados obtidos nas avaliações (AAB) dos cuidadores.....	68
3. Exames realizados para avaliar os limiares do reflexo acústico.....	71
4. Considerações sobre os exames eletrofisiológicos.....	71
5. Avaliação de “processamento auditivo”.....	73
6. Considerações finais sobre o funcionamento auditivo no âmbito do estudo das afasias.....	74
Capítulo 4 – Os instrumentos metalinguísticos na avaliação da <i>compreensão</i>	77
Introdução.....	77
1. Dados relativos às situações experimentais com sujeitos afásicos.....	79
1.1. Prova de <i>Compreensão Auditiva</i> do BDAE.....	79
1.2. Prova de compreensão do PALPA.....	85
2. Considerações gerais sobre os resultados da avaliação metalinguística.....	97
Capítulo 5 – Inferências sobre os processos de (inter) compreensão a partir de enunciados de sujeitos afásicos em episódios dialógicos.....	105
Introdução.....	105
1. Dados de episódios interativos com sujeitos não-fluentes.....	106
1.1. Episódio 1 (Sujeito JM).....	107
1.2. Episódio 2 (Sujeito JM).....	109
1.3. Episódio 3 (Sujeito TR).....	121
1.4. Episódio 4 (Sujeito GS).....	131
1.5. Episódio 5 (Sujeito MA).....	135

2. Dados de episódios interativos com sujeitos <i>fluentes</i>	138
2.1. Episódio 6 (Sujeito MG).....	138
2.2. Episódio 7 (Sujeito MG).....	149
2.3. Episódio 8 (Sujeito AC).....	153
2.4. Episódio 9 (Sujeito AL).....	155
Considerações Finais.....	163
Referências Bibliográficas.....	169

*Para meu avô **José**,
pelas palavras carinhosas de incentivo.
(in memoriam)*

*Para **Felipe**,
pelo que é na vida que compartilhamos.*

*Para **Guilherme** (o meu “**tico de gente**”),
pelo que representa em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais, **José Roberto** e **Maria Eurenice**, pelos exemplos vivos de respeito e ética e pelas contribuições para a minha formação pessoal e profissional.

À minha **querida orientadora** e grande exemplo de amor ao trabalho. Minha admiração profunda pelo modo como lida com as pessoas que estão ao seu redor. Rosana, o meu carinho e respeito por você serão eternos.

À **Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry** e **Profa. Dra. Ivone Panhoca**, pelas contribuições na qualificação. Tenho muito respeito e admiração pelo trabalho que desenvolvem com os afásicos dentro e fora do espaço acadêmico.

Aos **participantes da banca** pelas contribuições acerca deste estudo.

Ao meu irmão, Adriano, pelas palavras de incentivo. Salut!

Aos meus **amigos** de **CCA** e **GELEP**, pela amizade sincera, pela troca de experiências e angústias: Mirian, Larissa, Marcus, Thalita, Tainara, Fernando e Amanda.

Aos meus sogros, **Bernadete** e **Roberto**, que cuidaram do Guilherme nos momentos em que estive na Unicamp para a produção desta tese. Muito obrigada pela dedicação ao meu “tico de gente”.

Ao **grupo de audiologia do CEPRE**: Profa. Dra. Francisca, Maria Isabel, Mirela e Raquel, pelo carinho com que me receberam, pela dedicação na leitura do projeto (parte desta tese) e, principalmente pelo modo como trataram os sujeitos do CCA nos exames de audição realizados no CEPRE.

Aos **sujeitos do CCA** pela participação nos dados desta pesquisa e, principalmente pelos ensinamentos de vida durante as sessões coletivas do grupo III.

À **TODOS** que me ajudaram na construção desta pesquisa.

À **CAPES**, pelo auxílio financeiro.

As complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade completam toda vida do homem (...) a palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la.

(BAKHTIN, 1979/2003: 379)

PROCESSOS DE (INTER) COMPREENSÃO NAS AFASIAS: UM ESTUDO NEUROLINGUÍSTICO NA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Prefácio

Antes de tratar do tema central de minha tese, julgo ser importante contar um pouco do percurso acadêmico e profissional que me trouxe até aqui.

Em razão de minha necessidade de trabalhar com sujeitos idosos, em 2004 fiz um estágio de Saúde Pública em uma UBS (Unidade Básica de Saúde), ainda durante a graduação em Fonoaudiologia, no qual pude dar início às atividades de um grupo de pessoas entre 60 e 80 anos, com diferentes dificuldades de natureza orgânicas (problemas auditivos, dificuldades motoras e questões neurológicas, como por exemplo, a afasia), mas também diferentes necessidades psicossociais (como não ter com quem conversar, partilhar problemas de suas vidas e de suas comunidades).

Ao longo do estágio, comecei a perceber que deveria me aprofundar na reflexão acerca das afasias e, assim, busquei uma literatura que pudesse me auxiliar nesse trabalho com o grupo. Já quase ao final do estágio, me deparei com o livro “Diário de Narciso: discurso e afasia”, de Coudry (1986 [1988]) e percebi que muitas das atividades que eu já realizava com o grupo – como, por exemplo, a montagem de um jornal no qual pudessem falar de suas dificuldades individuais e coletivas – eram consideradas pela autora como atividades “significativas” e do uso social da linguagem.

Nesse mesmo período, tive alguns encontros de orientação com o Prof. Dr. Mauro

Spinelli¹ para conversar sobre minha trajetória acadêmica. Foi num desses encontros que ele me convidou para desenvolver uma pesquisa de Mestrado, dando continuidade aos estudos das afasias, que foi o tema que mais me interessou ao longo da graduação. Acredito que os encontros com pessoas de diferentes áreas da Saúde e da Linguística – como a Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry (Maza), que me foi apresentada pelo Dr. Mauro, certamente me fizeram (e ainda fazem) pensar na saúde do afásico em suas várias dimensões e me mostraram que este é um campo no qual se pode compreender toda a potencialidade humana para enfrentar os desafios e limites da vida.

Iniciei, assim, em 2005, a minha Dissertação de Mestrado², na qual refleti sobre os gêneros discursivos nas afasias, por meio de dados produzidos no Grupo II do Centro de Convivência de Afásicos (CCA)³. Além da sessão coletiva semanal, havia acompanhamentos individuais dos afásicos. Nessa interação mais efetiva com cada sujeito, houve oportunidade para entender melhor as particularidades de cada caso e me chamou a atenção as suas frequentes queixas de dificuldades para *escutar* e/ou *compreender* as falas dos outros. Nos relatos não ficava evidente se era uma questão predominantemente orgânica (relativa à audição) ou se se tratava do que chamamos de “dificuldade de compreensão” em decorrência de lesões em áreas cerebrais importantes, geralmente posteriores, para o funcionamento linguístico-cognitivo⁴. Assim, embora não tenham sido abordadas no trabalho de Mestrado, as questões relativas à compreensão permaneceram

¹O Professor Mauro Spinelli, que foi um dos fundadores e docente do curso de Fonoaudiologia da PUC-SP até 2005, ano em que faleceu, inspirou o trabalho de muitos de seus colegas e alunos que o cercavam e que tinham por ele profundo respeito e admiração.

²A dissertação foi intitulada “Reflexões sobre os gêneros discursivos nas afasias” e foi defendida em 2007. Na ocasião, analisei a produção de diferentes gêneros discursivos por sujeitos afásicos, pensando na construção de processos terapêuticos que explorassem as potencialidades discursivas, ainda que em meio a marcas de sofrimento implicadas na afasia.

³Fui apresentada à Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry pelo Prof. Dr. Mauro Spinelli e fui convidada por ela a participar do grupo II do CCA para desenvolver a minha pesquisa. O CCA é um local de convivência entre sujeitos afásicos e não-afásicos, criado em 1989, como produto de uma relação entre o Departamento de Linguística (DL) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e o de Neurologia (DN), da Faculdade de Ciências Médicas (FCM/UNICAMP). O CCA, em 1989 consistia de apenas um grupo de convivência, sob responsabilidade, por parte do IEL, da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry. Em 1996 foi criado o grupo II e em 2006 o grupo III.

⁴Na literatura tradicional, é recorrente o termo “processamento”, vinculado aos modelos neuropsicológicos componenciais que se utilizam das metáforas computacionais. Neste trabalho, entretanto, evitaremos esta terminologia, optando por “funcionamento”, por ser mais coerente com as abordagens sócio-histórico-culturais que defendemos.

como um tema de interesse, mesmo porque voltavam recorrentemente em minhas reflexões, no trabalho clínico que desenvolvia.

Um fato marcante, que definiria meus interesses após o Mestrado, foi quando atendi (em São Paulo) uma jovem de 19 anos de idade, AP⁵, que sofreu um traumatismo crânio-encefálico (TCE) após acidente de moto. AP me procurou com queixas relativas à fala e à “audição”, o que me motivou a iniciar uma breve investigação que só pôde de fato ser desenvolvida mais tarde, já no Doutorado, em relação ao tema principal da pesquisa. Comecei a frequentar o grupo III do CCA, sob responsabilidade da Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto, antes mesmo de cursar oficialmente o Doutorado. As questões acerca da compreensão passaram a ganhar maior relevância com minha participação no grupo e atendimentos individuais.

Motivada pelas discussões feitas com minha orientadora sobre a relação entre processos linguístico-cognitivos, decidi aprofundar nesta tese uma dessas tantas relações possíveis - a relação da *compreensão* com os *processos perceptivos*, com destaque para a audição.

Se, por um lado, há muita bibliografia em Fonoaudiologia acerca da *discriminação auditiva* ou da *percepção de fala*, por outro, há poucos estudos relacionados à compreensão de afásicos. Os que existem, geralmente atribuem as dificuldades à “decodificação” do sistema (da língua) ou como problema de memória.

Tendo essas questões como cenário de minha pesquisa, logo que comecei a participar do grupo, me interessei pelo caso de AC – um senhor de 70 anos de idade, aposentado, que teve um acidente vascular cerebral isquêmico - AVCi - em 2009), que já utilizava aparelho em uma das orelhas e que me informou que, de fato, apresentava alterações auditivas bilateralmente. Já no primeiro acompanhamento individual, ele me relatou que *depois do derrame na cabeça, tudo piorou mais... a visão, o ouvido, tudo ficou ruim nele* (sic). Dizia ser difícil entender as pessoas, principalmente em casa, quando

⁵AP sofreu um TCE no ano em que prestaria vestibular para Medicina Veterinária. Ela ainda permanece em atendimento fonoaudiológico e, atualmente, retornou aos estudos. Voltou a ler, a escrever e mantém o objetivo de um dia conseguir concretizar seu sonho – se formar médica veterinária.

conversava com sua esposa. Só mais tarde pudemos constatar que também ela apresenta alterações auditivas, o que certamente prejudicava a (inter) compreensão. São queixas como essas – de AP e AC –, dentre outras razões, que me motivaram a desenvolver esta pesquisa, uma vez que busco fazer da prática clínica um espaço de reflexão que possa contribuir para as questões da Neurolinguística, mas também – e acima de tudo – para a qualidade de vida dos sujeitos que acompanho, lugar em que a linguagem tem papel central. Nesse sentido, concordo com a seguinte afirmação de Lyon (1999:689), com a qual termino esta apresentação de meu trabalho. Segundo o autor, “clinical constructions and solutions will not endure – no matter how good, valid or accurate - unless the living of life is measurably and decisively better for those who we treat”.

Introdução

Os participantes todos devem, pois, conhecer-se e relacionar-se muito bem para integrar-se na prática clínica (...) devem formar uma base comum de conhecimentos mínimos, uns sobre os outros, para o processo interpretativo (COUDRY, 1986/1988: 81).

Os estudos das afasias têm se ocupado, em sua maioria, de investigar a *produção* de linguagem, ao passo que questões relativas à *compreensão*⁶ aparecem como marginais, geralmente relacionadas a problemas de *memória* ou de *percepção* (FUGIWARA & NOVAES-PINTO, 2013). Enquanto os processos de produção podem ser analisados a partir de uma *materialidade discursiva*⁷, uma vez que se pode, por exemplo, gravar e transcrever o que se diz, a *avaliação de compreensão* demanda, por parte do pesquisador, uma reflexão que leve em conta fatores de naturezas diversas – o contexto de produção, o gênero discursivo, a pertinência (ou não) de uma resposta que foi dada pelo sujeito na cadeia discursiva, a produção de signos não-verbais ao longo da interação, dentre outros, como veremos nesta tese.

Como pretendemos enfatizar neste trabalho, o termo *compreensão*, utilizado desde os estudos clássicos das afasias no século XIX de forma dicotômica em relação à produção é muito superficial para dar conta de fenômenos tão complexos. Muitas vezes, compreender significa *decodificar* o sistema da língua; ou, então, para denominar problemas cognitivos, como as dificuldades decorrentes de lesões que impactam o funcionamento dos lobos fronto-têmporo-parietais, responsáveis por funções perceptivas e lógico-gramaticais.

⁶Cabe a nós salientarmos que o termo *intercompreensão* já havia sido mencionado por Geraldi (1991/2013), por exemplo, quando ele explicita o que são as atividades linguísticas: “elas demandam, na compreensão responsiva, um certo tipo de reflexão que se poderia dizer quase “automática”, sem suspensão das determinações do sentido que se pretendem construir na *intercompreensão* dos sujeitos” (GERALDI, 1991/2013: 20).

⁷Não nos ocuparemos, nesta tese, da produção escrita, pois se trata de outro domínio extremamente complexo. Sobre os processos de escrita nas afasias, sugerimos a leitura do trabalho de Mazuchelli (2012).

No campo da afasiologia, as divisões são marcadas na própria semiologia, que coloca em oposição as *afasias de produção* e as de *compreensão*, referidas, respectivamente, como *afasia de Broca, não-fluente* ou *anterior* em oposição à *afasia de Wernicke, fluente e posterior* (COUDRY, 1986/1988⁸ NOVAES-PINTO & SANTANA, 2009a, 2009b; NOVAES-PINTO, 2012b).

Modelos formais de linguagem respaldam os estudos neurolinguísticos tradicionais e estão subjacentes tanto nos testes de avaliação nas baterias neuropsicológicas, quanto nos materiais elaborados para subsidiar os acompanhamentos terapêuticos⁹.

São poucos os trabalhos, na literatura afasiológica, que questionam a dicotomia entre produção e compreensão e buscam entender a relação entre esses processos. Kolk et al (1985), por exemplo, ao estudarem o fenômeno do agramatismo, consideram essa relação em termos de *paralelismo*. De acordo com os autores, o que leva os estudiosos a pensarem que a fala telegráfica é um problema de produção é sua materialidade, pois nela é que se percebe a presença de elementos das classes abertas (substantivos, verbos, advérbios) e a ausência de elementos funcionais (preposições, artigos e morfologia flexional). Segundo esses autores, os testes que avaliam compreensão não dão conta de incorporar as variáveis que extrapolam o domínio da língua. Os resultados apontam que os sujeitos, em geral, não têm dificuldades, mas não indicam quais teriam sido suas estratégias para compreender (extralinguísticas, contextuais, de conhecimento de mundo, de pressupostos compartilhados entre os interlocutores).

Coudry (1986/1988), já na sua definição de afasia, que veremos no Capítulo 1, não só coloca *compreensão e produção* em relação, mas ainda refere-se à compreensão como *processo interpretativo*, “relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentido” (COUDRY, 1986/1988: 55). Essa questão é relevante para nossas discussões atuais, mais especificamente as que mobilizam alguns autores e conceitos da Semiótica,

⁸Nesta tese, sempre que fizermos referência ao trabalho fundador de Coudry utilizaremos a notação Coudry (1986/1988), sendo 1986 a data de sua defesa de tese de doutorado e 1988 a data da primeira edição da publicação da tese em livro: *Diário de Narciso: discurso e afasia*.

⁹A esse respeito, ver a crítica feita por Novaes-Pinto (1999) à bateria de Boston, mais especificamente quando os autores (GOODGLASS & KAPLAN, 1995) afirmam que, além de avaliar a linguagem e propor categorias para classificar as afasias, os resultados dos testes podem orientar o trabalho terapêutico com sujeitos afásicos.

como é o caso de Sebeok (1987, apud PETRILLI & PONZIO, 2011). Voltaremos a essas questões ao longo da tese, toda vez que buscarmos refinar o conceito do que seja *compreender*, mas também quando analisarmos os dados dos sujeitos afásicos.

Alguns trabalhos de Novaes-Pinto (1992, 1999, 2004, 2007, 2012a e 2012b) serão tomados como referência, pelo fato de abordarem processos relativos à compreensão e serem pautados nos estudos neuropsicológicos de Luria (1981) e nas abordagens sócio-histórico-culturais de Bakhtin (1929/2010). Luria afirma que os processos de produção e compreensão são operações interdependentes que necessitam do trabalho articulado e solidário de diferentes áreas do cérebro e não podem ser comprometidos isoladamente. Novaes-Pinto (1999, 2004, 2007) questiona os modelos que defendem a dupla dissociação¹⁰ e sinaliza que os estudos de casos colocam em cheque essa ideia.

Buscamos apontar, nas análises desenvolvidas, os limites de modelos que buscam avaliar os processos de *produção* e *compreensão* por meio de protocolos *estandardizados* com afásicos, contrapondo-os com análises discursivas de enunciados em situações concretas de interação.

Como o título indica, o objetivo central desta tese é abordar o processo de (inter) compreensão no âmbito das afasias na perspectiva bakhtiniana – como *compreensão ativo-responsiva* – distanciando-o, portanto, da noção de *decodificação* ou de *identificação*. Nesse contexto, ganha destaque *o papel do Outro* – que Bakhtin considera como *o parceiro da comunicação verbal*, o que desconstrói o mito do falante *ativo* e do ouvinte *passivo* que caracteriza as teorias formais. Além disso, busca-se refletir acerca de algumas das diversas facetas implicadas no processo de *compreensão*, como por exemplo o funcionamento do processo auditivo – sua faceta sensorial – e ainda relacionar questões acerca do método qualitativo e das análises de cunho microgenético àquelas sobre o raciocínio de natureza abdutiva.

¹⁰Esses modelos trazem como consequência uma visão compartimentada dos processos complexos, levando a uma proliferação de baterias neuropsicológicas que até hoje são utilizadas para avaliar questões de linguagem nas afasias e também em outras patologias que comprometem o funcionamento linguístico (demência, epilepsia, dislexia, etc.).

Para alcançar seus objetivos, esta tese está estruturada em duas partes:

A **Primeira Parte**, intitulada: **Questões teórico-metodológicas no estudo da (inter) compreensão nas afasias** é constituída por dois capítulos (Capítulos 1 e 2). No **Capítulo 1**: *A compreensão como um processo complexo: os avanços teórico-metodológicos da perspectiva discursiva*, discutiremos (i) a relação dicotômica entre *produção* e *compreensão* na literatura tradicional, analisando o limite do conceito de compreensão enquanto *decodificação* e relacionada ao sistema linguístico *stricto sensu*; (ii) uma concepção dinâmica dos processos de *compreensão*, *em relação aos* processos de *produção*, respaldada pela concepção bakhtiniana de *compreensão ativo-responsiva* e pela contribuição da Semiótica, que concebe a relação entre os signos verbais e não-verbais na cadeia infinita de interpretantes.

No **Capítulo 2**: *Aspectos metodológicos da Pesquisa*, apresentamos dados relativos às condições de produção da tese, a saber (i) caracterização dos *loci* nos quais o trabalho foi desenvolvido; (ii) apresentação dos participantes do estudo e de seus “cuidadores informais”¹¹ – em geral cônjuges – bem como dos critérios de inclusão e de exclusão nas avaliações auditivas e (iii) explicitação dos procedimentos experimentais e de análises.

A **segunda parte: Contribuições da pesquisa para o estudo dos processos de (inter) compreensão nas afasias** é composta por três capítulos (Capítulos 3, 4 e 5).

No **Capítulo 3**: *Avaliação auditiva dos sujeitos da pesquisa*, apresentamos os resultados do protocolo de avaliação que abrange a percepção tonal (audiometria tonal) e a discriminação auditiva (audiometria vocal) que se constitui como um instrumento que auxilia na detecção/percepção de dificuldades auditivas.

Consideramos o funcionamento auditivo como um dos aspectos implicados nos processos de compreensão. Seria sua interface *sensorial*. Nesse contexto, entendemos que não poderíamos abordar o tema desta tese sem tocar nesta questão, principalmente

¹¹Panhoca (2010) tem se referido aos “cuidadores informais” para caracterizar as pessoas que não têm formação profissional (enfermeiros, terapeutas ocupacionais, dentre outros) – geralmente cônjuges ou outros membros da família e até mesmo amigos – e que passam a se responsabilizar pelo cuidado dos sujeitos afásicos.

considerando-se que a motivação deste estudo se deu na clínica com sujeitos afásicos e de nossas dificuldades para interpretar seus relatos sobre o impacto da afasia – se esta alterou de fato a audição propriamente dita ou processos linguístico-cognitivos de outra ordem. Nem todos os resultados das avaliações auditivas dos sujeitos desta tese poderão ser correlacionados diretamente às demais dificuldades observadas nas avaliações metalinguísticas ou dos episódios dialógicos, mas utilizamos alguns deles quando percebemos algum indício de relação entre o problema auditivo, por um lado, e de compreensão por outro.

Chamamos a atenção para o fato de que já na primeira avaliação auditiva dos sujeitos, foi possível identificar problemas nos protocolos, considerando-se que os sujeitos são afásicos. A importância dessa constatação demandou que nos detivéssemos nessa avaliação auditiva básica (AAB). Optamos por deixar a avaliação do chamado *processamento auditivo central* para uma próxima etapa da pesquisa¹². Procedemos a uma análise de achados auditivos de sujeitos afásicos e de seus cuidadores (tradicionalmente chamado de “grupo controle”) para garantir não só a proximidade entre variáveis como idade, classe social, nível de escolaridade/letramento, mas também por considerarmos aspectos sócio-histórico-culturais, relevantes para o que chamamos de (inter) compreensão (como os gêneros e tópicos discursivos que circulam nas esferas familiares).

Entendemos, ainda, que tal discussão sobre o funcionamento auditivo em pessoas com lesão cerebral pode contribuir para os acompanhamentos terapêuticos fonoaudiológicos, beneficiando tanto áreas da Audiologia, quanto da Linguagem com sujeitos afásicos.

O **capítulo 4**, com o título: *Os instrumentos metalinguísticos na avaliação da compreensão* foi desenvolvido para que pudéssemos ilustrar e discutir criticamente os limites desses expedientes e das análises quantitativas e estatísticas de seus resultados. Tal discussão se deu a partir da análise de dados de situações experimentais com duas baterias de testes neuropsicológicos desenvolvidos para testar *compreensão*: (i) *Boston Diagnostic*

¹² Apresentaremos a justificativa para esta decisão mais adiante, no Capítulo 3.

Aphasia Examination (BDAE) e (ii) *Psycholinguistic Assessments of Language Processing in Aphasia (PALPA)*.

E, finalmente, no **capítulo 5**: *Inferências sobre os processos de (inter) compreensão a partir de enunciados de sujeitos afásicos em episódios dialógicos*, buscamos, por meio de análises de cunho microgenético, entender o complexo processo de (inter) compreensão, partindo dos enunciados dos afásicos produzidos em episódios dialógicos, nas sessões coletivas e individuais do CCA.

Nas *Considerações Finais*, buscamos relacionar o conjunto de reflexões teórico-metodológicas da pesquisa com as questões éticas do trabalho desenvolvido no CCA, sem desconsiderar os aspectos funcionais (orgânicos e perceptivos), mas valorizando os aspectos sócio-histórico-culturais que devem permear todo o trabalho realizado com sujeitos que têm suas vidas impactadas pela afasia.

PRIMEIRA PARTE

QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NO ESTUDO DA (INTER) COMPREENSÃO NAS AFASIAS

CAPÍTULO 1

A Compreensão como um processo complexo: os avanços teórico-metodológicos da perspectiva discursiva

A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas) (BAKHTIN, 1979/2003: 332).

Introdução

Este capítulo visa apresentar e discutir criticamente o conceito de *compreensão* que se encontra subjacente à literatura neuropsicológica tradicional – na qual é visto em oposição à *produção* –, contrapondo-o aos princípios teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva – ND – (COUDRY, 1986/1988), que concebe *produção* e *compreensão* como processos interdependentes. Mobilizamos o conceito bakhtiniano de -*compreensão ativo-responsiva*, processo dinâmico que se dá entre os *parceiros da comunicação verbal* (cf. BAKHTIN, 1929/2010); uma abordagem que desconstrói o mito do falante *ativo* e do ouvinte *passivo* – que caracteriza os modelos de comunicação ainda vigentes.

O capítulo se estrutura em duas partes, a saber: (i) *A relação dicotômica entre produção e compreensão inspirada pelos modelos da “teoria da comunicação”*, onde, primeiramente, apresentamos questões relativas a essa dicotomia na literatura neuropsicológica, mais especificamente, no campo das afasias e, em seguida, discutindo o limite do conceito de *compreensão* enquanto *capacidade de decodificação* e relacionada ao sistema linguístico *stricto sensu*; (ii) *A concepção bakhtiniana de compreensão ativo-responsiva*.

1.A relação dicotômica entre produção e compreensão inspirada nos modelos da “teoria da comunicação”

Na Introdução desta tese, argumentamos que muitos estudos das afasias ainda têm se ocupado, em sua maioria, de investigar a *produção* de linguagem, enquanto questões relativas à *compreensão* são relegadas a um segundo plano. Antes de passarmos à discussão das questões acima, julgamos relevante chamar a atenção para o fato de que, já em 1986, Coudry ampliava a concepção de “compreensão”, ao referir-se a *processos interpretativos*, uma vez que o que está em jogo, sempre, é a produção de sentido. Isso fica claro na sua definição de afasia, como vemos na seguinte passagem:

A afasia é uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto do seu aspecto produtivo (relacionado com a produção de fala) **quanto interpretativo (relacionado com a compreensão e com o reconhecimento de sentido)**, causada por lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVCs), traumatismos crânio-encefálicos (TCEs) ou tumores (COUDRY, 1986/1988: 55).

Respalhada pelos pressupostos teórico-metodológicos da ND e pela perspectiva bakhtiniana, o estudo dos processos de compreensão ganha destaque nos trabalhos de Novaes-Pinto (1999, 2004, 2007, 2012a, 2012b; FUGIWARA & NOVAES-PINTO, 2013b, dentre outros), nos quais a autora convoca o conceito de *compreensão ativo-responsiva* (cf. BAKHTIN, 1929/ 2010). Um dos objetivos desta tese é o de retomar essas discussões, colocando os processos de compreensão em primeiro plano, contribuindo, assim, para as reflexões da ND. Reconhecendo que os processos interpretativos não prescindem da língua e só ocorrem de fato nas interações dialógicas, propomos o termo “(inter) compreensão”, respaldados por Bakhtin (1979/2003: 271), autor que define *compreensão ativo-responsiva* como a capacidade de “atribuir palavras suas às palavras do outro”. Segundo Geraldí (1991/2013: 14), no processo de *compreensão ativo-responsiva* é a presença da fala do outro que “deflagra uma espécie de inevitabilidade de busca de sentido; esta busca, por seu turno, deflagra que quem compreende se oriente para a enunciação do outro”.

Antes de aprofundarmos o conceito de *compreensão ativo-responsiva*, nos deteremos um pouco na semiologia tradicional da compreensão – também referida como afasia de *Wernicke*, *fluente* ou *posterior*, em oposição às *de produção*, também conhecidas como *afasia de Broca*, *não-fluente* ou *anterior*. (NOVAES-PINTO & SANTANA, 2009a, 2009b; NOVAES-PINTO, 2012a).

Segundo Lebrun (1983), os estudos de Broca (1865), já no final do século XIX, apontavam para a dicotomia existente entre os processos de produção e de compreensão, havendo também para cada um deles uma correlação anatômica. Os aspectos motores da expressão oral seriam de responsabilidade da área localizada ao pé da terceira circunvolução frontal do Hemisfério Esquerdo, conhecida como *Broca* (ou área 44, de *Brodmann*). Com os estudos de Wernicke (1874), passou-se a acreditar que a compreensão também estaria relacionada ao funcionamento do Hemisfério Esquerdo, na primeira circunvolução temporal, que posteriormente recebeu o nome deste pesquisador (ou área 46 de *Brodmann*). Lesões nessas duas áreas, portanto, teriam como consequências, respectivamente, uma afasia de produção e uma afasia de compreensão associada a uma linguagem fluente. A imagem a seguir, extraída de Lent (2010a), representa as áreas corticais que estariam relacionadas aos dois processos:

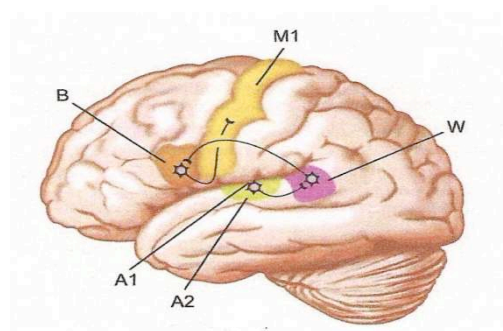


Figura 1 - W: área de compreensão de Wernicke; B: a área de expressão de Broca; A1 e A2: áreas auditivas e M1: área motora primária
Fonte: LENT (2010a: 697)

Segundo Lebrun (1983), por volta do final do século XIX verificou-se que a área de Wernicke seria responsável pelas memórias dos sons que compõem as palavras, permitindo a *compreensão* do significado de palavras e frases. Chamamos a atenção, desde já, para o fato de que há, nessa descrição, uma concepção de compreensão como *decodificação* e ligada a um tipo de memória. Além disso, vemos que se limita a unidades da língua como *palavras e frases*.

Desde os primeiros trabalhos de Wernicke, portanto, se relaciona essa área às dificuldades de compreensão, embora, segundo Lent (2010a), hoje saibamos mais a respeito de outras funções da chamada *área de Wernicke*, assim como o processo de *compreender* exige a participação de outras áreas cerebrais que não se limitam a essa.

Segundo Lent (2010a), pacientes com lesão restrita à porção do giro temporal superior apresentam *surdez linguística* – ou *déficit secundário*, segundo Luria (1981), como veremos no Capítulo 3 – e não uma dificuldade de compreensão. Pesquisas atuais sobre *afasia de compreensão* a relacionam com lesões mais posteriores que atingem os giros angulares e supramarginais. Há quadros característicos de afasia *transcortical sensorial*, nos quais os sujeitos são capazes de repetir corretamente um estímulo verbal, demonstrando que *ouviram*, mas são incapazes de *compreender* o que repetiram (LENT, 2010a). Outros estudos visam demonstrar que diferentes áreas do córtex, quando lesadas, podem levar a dificuldades específicas de compreensão. Ao analisarem os resultados obtidos por meio da aplicação do *Token Test* os autores Stachowiak, Huber, Poeck e Kerschensteiner (1977) concluíram que sujeitos com Afasia Global apresentaram desempenho inferior ao grupo controle (sujeitos sem lesão cerebral ou com lesão de Hemisfério Direito), em tarefas de compreensão de palavras isoladas. Já aqueles com afasia de Wernicke foram piores no teste de compreensão, de forma geral, quando comparados ao grupo controle. Para esses autores, “language comprehension requires not only the understanding of words and sentences, but also the processing of connected chains of utterance”¹³.

¹³A compreensão da linguagem requer não apenas o entendimento de palavras e sentenças, mas também o processamento de cadeias conectadas do enunciado (Tradução nossa).

A primeira crítica que podemos fazer a respeito de um teste que tem como objetivo avaliar a compreensão auditiva – como o Token Test – diz respeito ao fato de exigir habilidades de diferentes naturezas. Quando o sujeito “falha” no teste, não fica claro o porquê – qual foi a natureza do erro. Evidentemente, a falha tem a ver com a forma de avaliação (LEBRUN, 1983), pois é um teste limitado a unidades abstratas da língua, como palavras e frases. Para Lebrun (1983) outros testes de afasia também apresentam o mesmo problema: “quando um afásico deixa de cumprir uma ordem verbal, não devemos concluir apressadamente que ele não tenha compreendido (LEBRUN, 1983: 102)”. A segunda crítica se refere ao termo *afasia global* que geralmente é usado quando há problemas não só de compreensão, mas também de produção, ou quando, no início do quadro, não se sabe ainda que tipo de afasia é.

Novaes-Pinto (2010), baseando-se principalmente nos trabalhos de Luria (1981) e também inspirada por um artigo de Kolk et al (1985), reafirma que os complexos processos de produção e compreensão são operações interdependentes e que evidências disso podem ser obtidas por meio de *estudos de casos*, que colocam em cheque os modelos de *dupla dissociação* (NOVAES-PINTO, 1999; 2004; 2007).

O estudo de Kolk et al (1985), mencionado na introdução desta tese, foi pautado nos trabalhos de Bonhöeffler (1902) e Salomon (1914) e postula um paralelismo entre os processos de produção (chamado pelos autores de “expressão”) e de compreensão (chamado de “recepção”) no agramatismo. Os autores se valeram de um estudo de caso de uma mulher de 52 anos com Afasia Global, no qual verificaram uma deterioração da produção de palavras funcionais, bem como uma alteração da compreensão de sentenças relativas e passivas, que são estruturas mais complexas no plano da estrutura.

Outro estudo recente que abordou a questão da compreensão em agramáticos é o trabalho de McAllister et al (2009), no qual os pesquisadores avaliaram a compreensão de frases que deveriam ser relacionadas às figuras e compararam os resultados com um grupo controle. Esses resultados evidenciaram a maior dificuldade dos agramáticos para compreender sentenças não-canônicas da língua, isto é, com inversão na ordem Sujeito-Verbo-Objeto.

O estudo de Cho-Reyes & Thompson (2012) baseou-se nos resultados da *Northwestern Assessment of Verbs and Sentences* – NAVS – (THOMPSON, 2011), visando comparar sujeitos com anomia¹⁴ e agramatismo. Segundo eles, os dados da NAVS são úteis para caracterizar as dificuldades de produção e de compreensão de verbos e sentenças (canônicas e não-canônicas) nas afasias. Os resultados indicaram que os agramáticos têm mais dificuldades nessas estruturas – tanto na produção quanto na compreensão – principalmente nas sentenças com estruturas mais complexas, quando comparados aos sujeitos com anomia. Segundo os autores, ambos os grupos apresentaram resultados inferiores na compreensão, quando comparados aos resultados de produção.

Embora os resultados desses estudos sejam baseados em análises estatísticas e restritos a palavras (verbos) e sentenças, servem para demonstrar que nas afasias tradicionalmente vistas como de produção, como é o caso do agramatismo, há evidências de que a compreensão também esteja comprometida, como já defendida nos trabalhos de Kolk et al (1985).

Até aqui nos limitamos a discutir essas questões no campo dos estudos afasiológicos. A partir deste momento, passamos a refletir como a compreensão é abordada no âmbito dos estudos da linguagem, geralmente ligada a uma outra dicotomia – *emissor* versus *receptor*, sendo que ao emissor cabe *codificar* a mensagem – por meio da língua – ou seja, *produzir*, enquanto ao *receptor* resta *decodificá-la*. Trata-se, portanto, de uma tarefa ativa por parte de quem produz e passiva por parte de quem recebe a mensagem. Essa relação pode ser ilustrada por meio do seguinte esquema¹⁵:

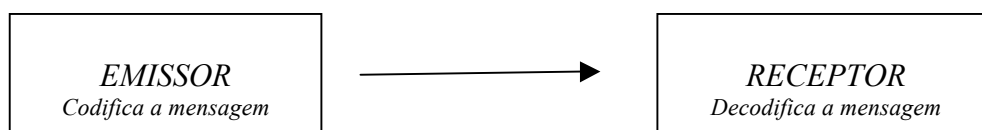


Figura 2 - Esquema que representa a dicotomia *produção x compreensão* nas teorias da comunicação

¹⁴O termo anomia se refere a uma característica da afasia, na qual o sujeito tem dificuldade para produzir itens lexicais.

¹⁵Estamos inserindo apenas parcialmente o esquema postulado por Saussure, com o objetivo de ilustrar a relação dicotômica entre os processos de produção e de compreensão, já que nosso objetivo não é explorar todos os aspectos do sistema descritos pelo autor.

O esquema acima é inspirado pela teoria estruturalista proposta por Saussure, autor que definiu a língua como um sistema subjacente à atividade da fala, ou seja, um sistema invariante que pode ser subtraído das suas múltiplas variações observáveis. Para Saussure (1916/1981: 31), “a língua é um sistema convencional adquirido no convívio social”. Esse autor institucionaliza a distinção entre uma Linguística interna, com orientações formais, e uma Linguística externa com orientações contextuais. À primeira cabe o estudo da língua, das relações internas ao sistema; à segunda o estudo da *fala*.

Partindo dos pressupostos saussureanos, Jakobson¹⁶ (1956/1969) amplia o modelo estruturalista ao refletir sobre as diferentes funções sociais da linguagem. Essas funções não se realizam de forma isolada e linear, uma vez que em uma mensagem podemos encontrar várias funções simultaneamente, (Figura 3). Para ele, o processo comunicativo ultrapassa o fenômeno estritamente linguístico, ancorado em características estruturais.

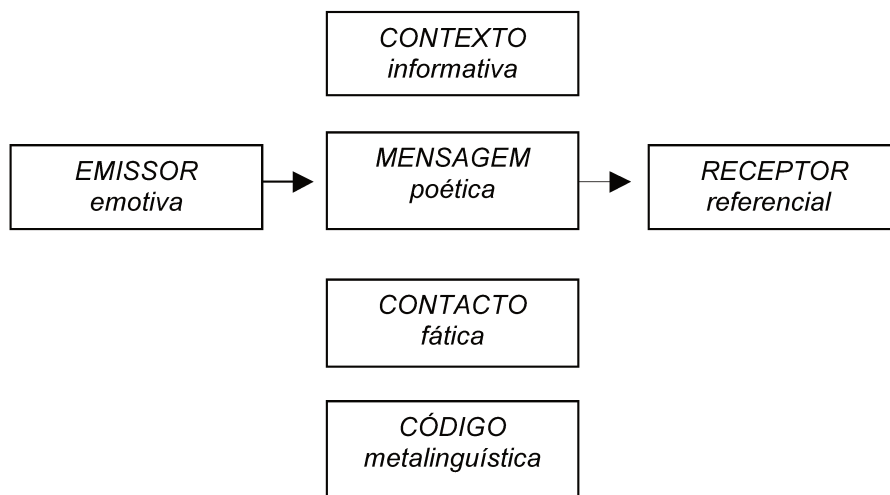


Figura 3 - Funções da linguagem e correspondentes fatores da comunicação –
Esquema funcional de Jakobson

¹⁶Jakobson (1956/1969) ressalta a importância da Linguística para uma adequada descrição e melhor compreensão dos fenômenos afasiológicos, em seu texto *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*. Foi o primeiro autor a realizar uma análise dos distúrbios afásicos utilizando-se de critérios puramente linguísticos (NOVAES-PINTO & SANTANA, 2009a e 2009b).

Jakobson rompeu com a concepção vigente de que a afasia era uma questão de língua e assumiu o ponto de vista de que só se pode entender a linguagem “em funcionamento” e compreendendo as suas distintas funções. A classificação das afasias, segundo o autor, pode ser estabelecida em relação aos dois “eixos” de organização da linguagem: o paradigmático e o sintagmático. O primeiro estaria relacionado às dificuldades do afásico para *selecionar* unidades dentre uma lista de elementos – também concebido como *eixo metafórico* – e o segundo às dificuldades com as *combinações* dos elementos previamente selecionados – ou *eixo metonímico* (NOVAES-PINTO & SANTANA, 2009a e 2009b). As afasias causariam uma ruptura em um dos dois eixos e a *bipolaridade* – característica da linguagem normal – em que seleção e combinação estão intimamente vinculadas, passaria a ser *unipolar* nos afásicos (JAKOBSON, 1956/1969; COUDRY, 2002; FEDOSSE, 2008).

Segundo Novaes-Pinto & Santana (2009: 419), “a ND, de certa forma, atualiza o modelo proposto por Jakobson e o expande, à luz dos conhecimentos advindos com o desenvolvimento da Linguística, sobre o funcionamento da linguagem, principalmente o que se deu a partir dos anos 70, com as teorias pragmáticas e discursivas”.

Embora Jakobson apontasse para os efeitos que se produz na língua e no outro e chamasse a atenção para o seu funcionamento, ainda prevalece a dicotomia entre emissor e receptor e a ênfase na língua. Sua contribuição foi muito importante e influenciou Luria com relação ao que este autor propôs sobre o funcionamento da linguagem e de sua relação com os demais processos cognitivos.

Coudry (1986/1988) já havia tratado, em sua tese de doutorado, posteriormente publicada como *Diário de Narciso: discurso e afasia*, dos limites das teorias linguísticas formais na análise das questões suscitadas pelo estudo das afasias. Aponta a abordagem enunciativo-discursiva – que toma a língua(gem) como atividade que só se realiza nas interações sociais e que constitui o sujeito – como a mais adequada para dar conta das produções dos afásicos e para orientar os processos de reorganização linguístico-cognitivos (NOVAES-PINTO, 2012a), que ocorrem nas relações dialógicas.

Bakhtin (1929/2010) critica o modelo estruturalista postulado por Saussure, afirmando que ele só pode remeter a uma abstração; quando aplicado a uma instância real, diz o autor, torna-se *ficção científica*. Bakhtin critica não só a concepção de língua como código, um sistema fechado e estável, mas o fato de se conceber os *parceiros da comunicação verbal* (cf. BAKHTIN) como “emissor” e “receptor” nos modelos estruturalistas. O próximo item deste capítulo se dedica ao conceito de *compreensão ativo-responsiva*.

2. A concepção bakhtiniana de *compreensão ativo-responsiva*

Segundo Bakhtin (1979/2003: 290), é na interação verbal que temos indícios da relação entre *os processos ativos da fala do locutor* (produção) e também dos *processos ativos de percepção e de compreensão* do ouvinte – a chamada *compreensão ativo-responsiva*. Nas palavras do autor:

(...) o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor. (BAKHTIN, 1979/2003: 290).

Ainda, segundo o autor:

Para a compreensão é ainda necessário, sobretudo, estabelecer limites essenciais e precisos do enunciado. A alternância dos sujeitos do discurso. A capacidade de definir resposta. A responsividade de princípio de qualquer compreensão. (...) no ato de compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento (BAKHTIN, 1979/2003: 378).

Geraldi (1991/2013) afirma que as ações linguísticas demandam uma concepção dos processos de produção e compreensão diferente da visão dicotômica

normalmente apresentada na literatura. Respalado pela teoria bakhtiniana, o autor afirma que:

A aprendizagem da linguagem é já um ato de reflexão sobre a linguagem: as ações linguísticas que praticamos nas interações em que nos envolvemos demandam esta reflexão, pois **compreender a fala do outro e fazer se compreender pelo outro tem a forma do diálogo: quando compreendemos o outro, fazemos corresponder à sua palavra uma série de palavras nossas; quando nos fazemos compreender pelos outros, sabemos que às nossas palavras eles fazem corresponder uma série de palavras suas.** (...) Se entendermos a linguagem como mero código, e a compreensão como decodificação mecânica, a reflexão pode ser dispensada; se a entendermos como uma sistematização aberta de recursos expressivos cuja concretude significativa se dá na singularidade dos acontecimentos interativos, **a compreensão já não é mera decodificação e a reflexão sobre os próprios recursos utilizados é uma constante em cada processo** (GERALDI, 1991/2013: 17, grifos nossos).

Para dar visibilidade aos processos ativos que ocorrem na interação verbal, Geraldi (1991/2013) propõe uma representação ancorada na perspectiva bakhtiniana, compreendendo a língua como um *sistema aberto*, na qual os sujeitos trabalham para a construção de sentidos, em uma situação concreta de comunicação que se dá entre um “eu” e um “tu”, ambos situados socialmente e historicamente. São as operações linguísticas realizadas nesse contexto que garantem a semanticidade dos recursos expressivos da língua.

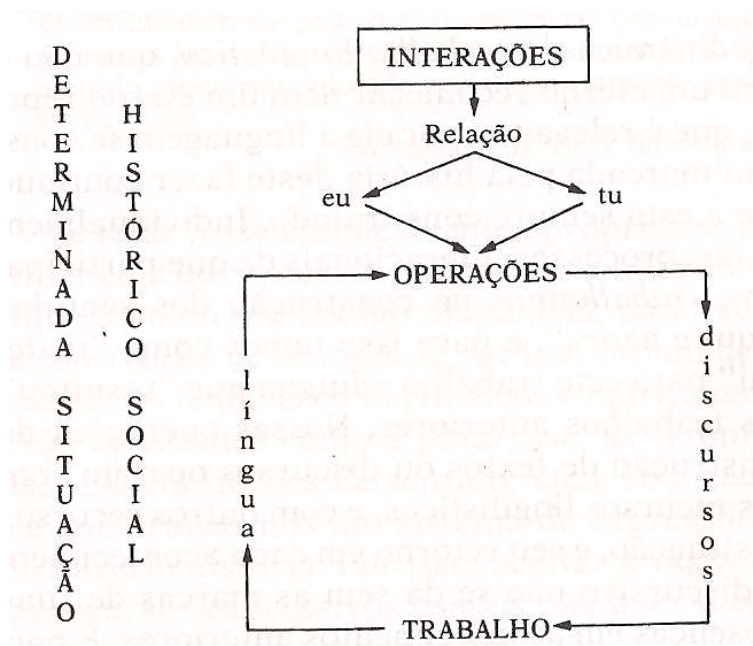


Figura 4 - A língua como um sistema aberto

Fonte: GERALDI (1991/2013: 12)

No campo da afasiologia, este conceito – de compreensão ativo-responsiva – nos permite estabelecer uma relação não-dicotômica, portanto dialética e interdependente, entre os conceitos de *produção* e *compreensão* (NOVAES-PINTO, 1999). Tal relação, evidentemente, não prescinde dos recursos da língua e, de acordo com Bakhtin, um primeiro nível da compreensão passa pelo reconhecimento dos recursos da língua *via* processos de percepção – seja auditiva¹⁷, quando nos referimos à linguagem verbal oral – seja visual, quando nos referimos à linguagem verbal escrita. Entretanto, essa é apenas a primeira fase da atribuição dos processos interpretativos, na qual a significação se constrói não só com os recursos expressivos, mas principalmente com os elementos da situação (BAKHTIN, 1929/2010; FRANCHI, 1977; COUDRY, 1986/1988; GERALDI, 1991/2013).

Segundo Clark & Holquist (1984/2004), é necessário considerar o equilíbrio que há, em Bakhtin, entre o valor que têm as formas estruturantes da língua, inclusive suas

¹⁷Bakhtin reconhece esses processos no trecho citado no início do item 2, que retomamos aqui para reforçar esta posição do autor: “e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o **processo de audição e de compreensão** desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor” (BAKHTIN, 1979/2003: 271).

organizações lexicais e sintáticas e o fato de que essas unidades e regras não foram aprendidas fora da experiência com a própria língua. Segundo eles, Bakhtin não exclui a sistematicidade que caracteriza a linguística pós-saussuriana, mas procura compreender a complexidade que o sistema tem em relação ao enunciado. Trata-se, segundo Clark & Holquist (1984/2004: 37), de “uma sistematicidade diferente, porém não menos ordenada”, de “compreender como as características repetíveis, formais, da linguagem são convertidas nos significados não menos formais, mas não repetíveis das proferições reais – atividade que determina diferenças em valores” (CLARK & HOLQUIST, 1984/2004: 37- 38).

Para concluir nossa reflexão sobre os processos de compreensão, além dos postulados bakhtinianos, trazemos para esta tese algumas questões do campo da Semiótica – a ciência dos signos – que, a nosso ver, contribuem para pensarmos a relação entre os signos verbais e não-verbais nas afasias e em outras patologias nas quais a linguagem é impactada. Coudry (2008) tem se referido à tradução intersemiótica ao analisar os enunciados dos sujeitos afásicos que transitam entre os diferentes sistemas verbais e não-verbais durante os processos de significação.

Nos contextos comunicativos concretos, a compreensão necessariamente ultrapassa o processo de *identificação* do valor linguístico do signo – ou seja, de seu significado, no interior do sistema da língua – a decodificação em termos estruturalistas. Para ser interpretado, o signo depende de um contexto linguístico e situacional. É na mediação pelos signos (de outras palavras, de outros sujeitos, de outras expressões) que se dão as relações humanas e nessas relações é que se criam as múltiplas possibilidades de interpretação e de compreensão (PETRILLI, 2013; PETRILLI & PONZIO, 2011; PONZIO, 2010a; OLIVEIRA, 2013).

Segundo Sebeok (1987, apud PETRILLI & PONZIO, 2011), a Semiótica é o lugar de convergência entre os signos e a vida, que nos permitem pensar o *ser humano* como um signo em um universo de signos. Para Peirce, este signo seria da natureza de um substantivo; para Sebeok entretanto, sua natureza é a de um verbo e este verbo seria *interpretar*. Nas palavras de Petrilli e Ponzio, dois grandes estudiosos de Sebeok, temos a seguinte reflexão:

Um ponto fundamental da doutrina dos signos de Sebeok é que viver é atividade s gnica. Manter e reproduzir vida, e não apenas interpretá-la a nível científico, são atividades que necessariamente envolvem o uso de signos. (...). Sua pesquisa parece desenvolver a convicção de Pierce de que o homem é um signo, acrescentando que esse signo é um verbo: interpretar. E na concepção particular de Sebeok sobre a realidade, a atividade de interpretar coincide com a atividade da vida, e no caso pessoal dele, com toda sua vida (PETRILLI & PONZIO, 2011: 18).

Além dessas questões, de inegável beleza, h  outro ponto relevante na teoria semiótica, levantado por Peirce e retomado por Sebeok, que diz respeito ao fato de que um signo está situado na interminável corrente de signos e por isso, cada um deles, é um *interpretante*. Este é o termo dado por Pierce ao efeito de um signo, um efeito que   ele mesmo um signo. Então, “interpretar é o verbo que melhor pode me ajudar a entender quem eu sou” (PETRILLI & PONZIO, 2011: 18).

Para nossas questões acerca da compreensão, também é relevante a forma como a Semiótica compreende a relação entre os signos verbais e os não-verbais, como possibilidade de serem interpretantes um do outro. Veremos, nos dados que serão apresentados no capítulo 5, que as afasias tornam mais recorrentes os processos de tradução inter-semióticos, principalmente do sistema verbal para o não-verbal. Esses signos são sempre considerados relacionalmente e na cultura, como afirmam os autores:

Ao olhar para o universo inteiro, a contemplação expansiva de Sebeok é o signo de sua profunda consciência de que os signos são interdependentes e relacionais,   medida que ele demonstra como uma compreensão de qualquer tipo particular de signo – tal como o verbal – s    possível à luz de sua relação com outros signos na grande rede de signos. Na perspectiva ecumênica de Sebeok, portanto, os signos da natureza e da cultura que formam essa rede não são considerados dividida e separadamente, mas como interpretantes, efeitos significantes uns dos outros (PETRILLI & PONZIO, 2011: 21).

Segundo Petrilli (2013), o interpretante que se limita a *reconhecer* o signo e, enquanto tal, está ligado como sinal com o código, com o sistema s gnico é um *interpretante de identificação*. Já o interpretante que interpreta o *tema* ou o *sentido atual* (atual no sentido de contextualizado na enunciação)   o *interpretante de compreensão responsiva*. Esse segundo tipo de interpretante não se limita a identificar o interpretado,

mas estabelecer com ele uma relação de envolvimento e participação que exprime o seu significado propriamente pragmático: o interpretante responde ao interpretado e toma posição em relação a ele.

Concluindo, portanto, o conceito bakhtiniano de *compreensão ativo-responsiva* – vem se mostrando relevante como categoria analítica em nosso campo de estudos, mas também para ilustrar o tipo de compromisso ético que assumimos quando nos filiamos à neurolinguística discursiva para desenvolver nossas pesquisas.

No próximo capítulo, detalharemos os aspectos metodológicos da pesquisa, apresentando os sujeitos que fizeram parte do estudo e os procedimentos experimentais e interativos dos quais emergiram os dados analisados.

CAPÍTULO 2

Aspectos metodológicos da pesquisa

A pesquisa pode ser considerada uma atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO, 1993: 239).

Introdução

Este capítulo, dedicado aos aspectos metodológicos da pesquisa, objetiva apresentar as suas condições de produção, a saber:

- (i) Caracterização dos *loci*: CCA (Centro de Convivência de Afásicos, IEL/UNICAMP) e CEPRE (Centro de Estudos e Pesquisa em Reabilitação Gabriel Porto, FCM/UNICAMP, onde foram realizados exames auditivos)
- (ii) Apresentação dos participantes e dos *critérios de inclusão* e de *exclusão* do estudo
- (iii) Explicitação dos procedimentos experimentais e analíticos

Este estudo realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), ao longo de um período de quatro anos, caracteriza-se por ser uma pesquisa de caráter experimental e qualitativo.

1. Loci da realização da pesquisa

1.1 Centro de Convivência de Afásicos (CCA)

O CCA (Centro de Convivência de Afásicos) originou-se de um convênio firmado entre o Departamento de Linguística (DL) do IEL e o de Neurologia (DN), da FCM/UNICAMP. Tem como objetivo acolher e acompanhar pessoas afásicas, na convivência com pessoas não-afásicas, nas mais diversas situações discursivas que caracterizam as relações humanas, permeadas pela linguagem, na vida em sociedade (COUDRY, 2002). O trabalho teórico-metodológico respalda-se pela perspectiva discursiva de linguagem, instaurada já no *Diário de Narciso: discurso e afasia*, por Coudry (1986/1988).

Os sujeitos da pesquisa participam do Grupo III, cujas atividades foram iniciadas em 2006, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto. Este grupo se reúne semanalmente, no período da manhã, iniciando com uma sessão coletiva, seguida de um intervalo para o café e de sessões de acompanhamento individuais, realizados geralmente por um estagiário do Curso de Fonoaudiologia¹⁸ e um pesquisador de Pós-Graduação (fonoaudiólogo ou linguista).

O trabalho desenvolvido se constitui pelo que chamamos de “práticas efetivas de linguagem”. Durante as sessões coletivas, além de conversarmos sobre as dificuldades dos sujeitos e suas rotinas – o que fizeram durante a semana, as notícias da família, dentre outros assuntos, discutimos fatos noticiados pelos jornais e TV, relativos aos mais diversos temas: esportes, economia, ciências, meio-ambiente, novelas *etc*, em diversos gêneros discursivos: narrativas, editoriais com opiniões, charges, *etc*. Sintetizando, de acordo com Coudry (2008:16), “do ponto de vista metodológico, é em meio a práticas significativas *com e sobre* a língua, a linguagem e outros sistemas de base semiótica que se desenvolve a dinâmica do Centro de Convivência de Afásicos”.

Essas atividades são desenvolvidas, atualmente, durante as sessões coletivas com a utilização de recursos de informática, sendo a base para o desenvolvimento dos

¹⁸O CCA abriga o *Estágio em Afasia* do Curso de Fonoaudiologia da UNICAMP.

tópicos discursivos. Trazendo para nossas reuniões as notícias veiculadas pela mídia e debatidas pela opinião pública, cumprimos também um importante papel: o de contribuir para a reinserção dos sujeitos afásicos nos diversos círculos dos quais participavam antes do episódio neurológico. A imagem que o sujeito geralmente tem de si mesmo como *deficiente* muitas vezes faz com que ele se isole das interações sociais. Essas práticas demandam que os afásicos leiam, comentem e se posicionem como *sujeitos sociais e da linguagem* (NOVAES-PINTO, 2012a).

1.2 Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE)

O Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Gabriel Porto” (CEPRE) é vinculado à Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da UNICAMP. O CEPRE é um espaço de ensino, pesquisa e assistência aos sujeitos com deficiências sensoriais.¹⁹ Nesse espaço funciona a clínica-escola do curso de Fonoaudiologia, local em que realizamos as avaliações auditivas dos sujeitos afásicos do Grupo III do CCA, que apresentamos neste estudo.

As avaliações foram realizadas conjuntamente pelas audiologistas/pesquisadoras do CEPRE e supervisionadas pela Profa. Dra. Maria Francisca Colella dos Santos. Ocorreram na clínica de Fonoaudiologia, na FCM/UNICAMP, após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da Unicamp, protocolado, sob nº. 1022/2011. Todos os participantes receberam orientações tanto com relação aos procedimentos de avaliação, quanto com os cuidados auditivos e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a sua participação.

2. Critérios de inclusão e de exclusão na avaliação auditiva

Ao longo deste estudo, frequentaram o Grupo III do CCA 10 sujeitos afásicos, dentre os quais 8 (5 do sexo masculino e 3 do sexo feminino) fizeram avaliação auditiva no CEPRE. Esses sujeitos tinham, à época da avaliação, entre 50 e 75 anos. Acreditamos que

¹⁹Informações retiradas do site <http://www.fcm.unicamp.br/fcm/centros-e-nucleos/cepre>.

haja alterações auditivas que têm sido menosprezadas em sujeitos com lesão cerebral e que possam comprometer alguns aspectos relativos ao processo de compreensão.

O projeto inicial da tese previa avaliar tanto o sistema auditivo periférico quanto o sistema auditivo central dos sujeitos afásicos, independentemente do tipo de lesão de Hemisfério Esquerdo (isquêmica ou hemorrágica). Entretanto, apenas a avaliação auditiva periférica foi realizada²⁰.

Para fins comparativos, optamos também por avaliar os cuidadores dos sujeitos afásicos, como já dissemos na Introdução da tese, para garantir não só a proximidade entre variáveis como *idade, classe social, nível de escolaridade/letramento*, mas também por considerarmos aspectos sócio-histórico-culturais relevantes para o que chamamos de (*inter*) *compreensão*.

A seguir, descrevemos os critérios de inclusão e de exclusão na avaliação do sistema auditivo periférico.

2.1. Critérios de inclusão

Foram incluídos na pesquisa, os seguintes sujeitos:

- ✓ Afásicos com lesão isquêmica e/ou hemorrágica após acidente vascular cerebral (AVCi e/ou AVCh) de hemisfério esquerdo (HE), com episódio único ou múltiplo de AVC
- ✓ Cuidadores com vínculo familiar: esposo/esposa; irmão/irmã, para garantirmos a proximidade entre variáveis como idade, classe social, nível de escolaridade/letramento, além de aspectos sócio-histórico-culturais
- ✓ Afásicos ou não-afásicos sem a presença de cerúmen ou corpo estranho nas orelhas para não dificultar a visualização do Meato Acústico Externo (MAE). Os que apresentaram alguma alteração de MAE foram encaminhados ao ambulatório de

²⁰Devido a problemas que ocorreram com os equipamentos, não houve tempo suficiente para realizar os exames eletrofisiológicos (potenciais evocados auditivos de tronco encefálico – PEATE) e de processamento auditivo central (PAC). Entretanto, a nosso ver, isso não comprometeu substancialmente as análises mais relevantes para nosso estudo.

Otorrinolaringologia da FCM/UNICAMP e reconvocados após a retirada do excesso de cerúmen

- ✓ Cuidadores sem histórico de doenças vasculares cerebrais

2.2. Critérios de exclusão

- ✓ Sujeitos afásicos com AVCi/h apenas em Hemisfério Direito (HD)
- ✓ Sujeitos com doenças infecciosas que envolvam o SNC e doença de Parkinson
- ✓ Sujeitos com infecções de Orelha Média (OM), apresentando, por exemplo, *otite*

A seguir, são apresentados os sujeitos afásicos do Grupo III do CCA que participaram desta pesquisa.

3. Apresentação dos sujeitos participantes da pesquisa

3.1. Sujeitos afásicos

Estamos considerando como sujeitos desta pesquisa os afásicos que frequentam ou frequentaram o Grupo III do CCA desde sua criação, em 2006 cujos enunciados (verbais e/ou não-verbais) sejam objeto de descrição e análise ao longo da tese

Identificamos os sujeitos afásicos por siglas compostas por duas maiúsculas e os não-afásicos por uma maiúscula seguida de duas minúsculas. Essas siglas serão retomadas ao longo do trabalho e nos quadros que sintetizam os resultados das avaliações auditivas (Capítulo 3), nas tabelas, gráficos em que buscamos comparar resultados das avaliações metalinguísticas (Capítulo 4) e nas interações entre afásicos e não-afásicos no Capítulo 5.

SR é do sexo masculino, nascido em 15/10/1952, tem ensino médio incompleto e trabalhou como técnico em mecânica industrial até se aposentar. É casado com Amx²¹ e pai de quatro filhos. Em 2005 teve um AVCi e apresenta, em consequência desse episódio,

²¹As siglas iniciadas com A (maiúscula) referem-se aos acompanhantes dos sujeitos, ou seja, seus cuidadores.

uma afasia que pode ser caracterizada como relativamente *fluente*, já que apresenta uma apraxia oral que às vezes compromete essa fluência. A ressonância magnética do crânio e a angio-ressonância demonstraram *sequelas subagudas de AVC em território da artéria cerebral média, comprometendo desde a região frontal até a ínsula, lobos parietal, temporal e occipital esquerdos*²². Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que o leva a produzir enunciados com pausas e com parafasias fonológicas. Ele também apresenta um histórico psiquiátrico, com quadro de depressão, prévio ao AVC. SR frequenta o CCA desde agosto de 2006 e durante esse período ausentou-se apenas por um semestre, devido aos desajustes com os medicamentos antidepressivos, segundo relato da esposa.

JM é do sexo masculino, nascido em 05/09/1944, com ensino básico completo, metalúrgico atualmente aposentado. Ele é casado com Aim e pai de quatro filhos. Teve um episódio de AVCi em agosto de 2008 e apresenta como consequência hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser caracterizada como *não-fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que o leva a produzir enunciados com muitas pausas e parafasias (fonológicas e semânticas). Produz enunciados gestuais, principalmente dêiticos (gestos de apontar). Em 2008, o laudo da tomografia revelou: *Parênquima cerebral apresenta extensa área hipodensa comprometendo o córtex e a substância branca da região têmporo-parietal esquerda, com apagamento de sulcos corticais. Aspecto de imagem compatível com infarto à esquerda*. JM frequenta o CCA desde 2009.

DP é do sexo feminino, nascida em 14/05/1939, casada e mãe de uma filha; exerceu a profissão de fiscal do INSS e atualmente está aposentada. DP fez uma ressonância magnética (RM) em 2004 que revelou *sinais de redução volumétrica cortical nas regiões parietais dos HE e HD e leucoarrose difusa, simétrica e bilateral nas regiões parieto-occipitais do HE*. Frequenta o CCA desde 2006.

MA é do sexo feminino, nascida em 11/09/1942, com ensino médio completo e trabalhava como artista plástica. É viúva, mãe de quatro filhos. Teve um episódio de AVCh em 2008, após passar por um procedimento de clipagem de dois aneurismas cerebrais no

²²Dados extraídos de laudos de exames neurológicos trazidos pelos sujeitos.

HE. Apresenta, em consequência desse episódio, hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser mais caracterizada como *não-fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que a leva a produzir enunciados com muitas pausas e parafasias (sobretudo fonológicas). Em 2009 o laudo da tomografia revelou: *Craniotomia fronto-têmporo-parietal esquerda. Sinais de clipagem aneurismática na região para-selar esquerda. Extensa área de encefalomalácia fronto-têmporo-parietal esquerda, indicativo de isquemia no território da cerebral média esquerda*. Frequenta o CCA desde agosto de 2009.

AC é do sexo masculino, nascido em 08/08/1936, pedreiro aposentado, mas que realiza ainda alguns trabalhos manuais, como a produção de “calhas”. É casado com Alc, tem dois filhos. AC teve um AVCi em 2009 e apresenta alteração auditiva do lado esquerdo. O laudo aponta *hipoatenuação periférica no lobo frontal e insular esquerdo sugestiva de isquemia recente e/ou edema vasogênico; presença de hemorragia subcortical fronto-têmporo-parietal esquerda sem efeito expansivo significativo*. Ele já usava prótese auditiva do lado direito, mas não tinha queixa de audição do lado esquerdo. Na produção de AC, é comum observar parafasias fonético-fonológicas e semânticas. Na impossibilidade de encontrar palavras, AC produz pausas, hesitações e (re) começos nos seus enunciados. AC frequenta o CCA desde 2009.

MG é do sexo masculino, nascido em 24/09/1958, com ensino superior e aposentado como técnico de informática. Ele é casado com Ave e tem duas filhas. Teve um AVCi em 2009 e o laudo aponta *área de perda volumétrica córtico/subcortical associado a alteração de sinal parenquimatosa denotando gliose, comprometendo a região temporal esquerda no giro superior e a interface têmporo-parietal adjacente. Trajeto vascular venoso transparenquimatoso na região frontal lateral esquerda, caracterizando anomalia venosa/angioma como variante extrema da normalidade*. Em consequência desse episódio, apresenta uma afasia que pode ser caracterizada como *fluente*. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que o leva a produzir enunciados com muitas parafasias (principalmente semânticas) e alguns circunlóquios. Frequenta o CCA desde fevereiro de 2011.

TR é do sexo feminino, nascida em 19/06/1954, com ensino fundamental completo e aposentada da função de auxiliar de enfermagem. Ela é casada com Aot e mãe de uma única filha. Teve um AVCi em 1998 e em consequência desse episódio apresenta hemiparesia à direita e uma afasia que pode ser caracterizada como *não fluente* e com a presença de estereotipias lexicalizadas (*um dois, obrigada; feijão arroz*). Produz poucos enunciados verbais, com muitas pausas e utiliza-se de gestos para compor seus enunciados. Em 1998, o laudo da tomografia revelou: *Presença de área de hipoatenuação bem definida na região frontal à esquerda. Observa-se área de hipoatenuação, mal definida, extensa na região parietal esquerda, estendendo-se até a região da convexidade*. Frequenta o CCA desde fevereiro de 2011.

AL é do sexo masculino, nasceu em 18/08/1947, trabalhou como corretor de imóveis até a ocorrência do episódio neurológico (AVCi). Ele é casado com Ase e considera como seus os filhos de Ase. O laudo da tomografia realizada em 2011 apresentou *infarto isquêmico acometendo o território da divisão posterior da artéria cerebral média à esquerda e extensa área hipodensa, acometendo a ínsula e lobos temporal e parietal superior e inferior à direita*. AL chegou ao CCA com um quadro que pode ser considerado como de jargonafasia severa. Ele frequenta o CCA desde o início de 2012.

GS é do sexo masculino, nascido em 01/07/1930, brasileiro, casado, pai de dois filhos, aposentado, com ensino básico. Teve AVCs isquêmicos de repetição em 2004 e apresenta, em consequência desses episódios, disartria, leve paresia à direita e uma afasia caracterizada como *não-fluente*. GS produz estereotipias (/a'da/; /o'da/) com prosódia aparentemente intacta e apoio de enunciados gestuais. O laudo da tomografia realizada em 2006 revelou: *Estruturas da fossa posterior sem anormalidades. Extensas áreas de gliose subcortical interessando os lobos frontal, temporal e parietal à esquerda determinando ectasia por tração do ventrículo lateral correspondente*. GS frequentou o CCA de abril de 2008 a 2010²³.

²³GS abandonou os acompanhamentos depois do falecimento da esposa, provavelmente em decorrência de um quadro depressivo. As informações sobre GS foram extraídas da tese de doutorado de Cazarotti-Pacheco, 2012.

SS é do sexo feminino, nascida em 30/07/1972, brasileira, casada, mãe de três filhas. Trabalhou na oficina mecânica da família, com o marido até a ocorrência do episódio neurológico. O laudo de 2012 indica que as complicações da síndrome da artéria cerebral média e das doenças reumáticas do endocárdio levaram SS a ter um AVCi com a *formação de área hipodensa nos lobos frontal, parietal e occipital com discreto efeito expansivo em território de artéria cerebral média*. SS apresenta uma afasia não-fluente, com rara produção verbal e rica linguagem não-verbal, que vem desenvolvendo desde seu ingresso no Grupo III do CCA, em abril de 2012.

A seguir, apresentamos o Quadro 1 que sintetiza as principais características desses sujeitos, relativas às lesões e às afasias, conforme descrito acima:

Sujeito	D/N	Sexo	Lesão Cerebral
SR	15/10/1952	M	AVCi E nos lobos frontal, temporal e occipital
JM	05/09/1944	M	AVCi E nos lobos temporal e parietal
DP	14/05/1939	F	AVCi E nos lobos parietal e occipital
MA	11/09/1942	F	AVCh E nos lobos frontal, temporal e parietal
AC	08/08/1936	M	AVCi E nos lobos frontal, temporal e parietal
MG	24/09/1958	M	AVCi E nos lobos frontal, temporal e parietal
TR	19/06/1954	F	AVCi E nos lobos frontal e parietal

AL	18/08/1947	M	AVCh E no lobos parietal inferior e superior e temporal
GS	01/07/1930	M	AVCi E nos lobos frontal, temporal e parietal
SS	30/07/1972	F	AVCi E nos lobos frontal, parietal e occipital

Quadro 1 - Resumo das características dos sujeitos afásicos desta pesquisa

No próximo item (3.2), apresentamos os sujeitos não-afásicos, que consideramos neste trabalho como *cuidadores informais*, seguindo terminologia proposta por Panhoca, que realizaram exames auditivos no CEPRE.

3.2. Sujeitos não-afásicos

Os sujeitos não-afásicos deste estudo são cuidadores informais dos afásicos que frequentam o CCA. Segundo Panhoca & Rodrigues (2009), são pessoas que não recebem nenhum tipo de remuneração e detém a maior responsabilidade pelos cuidados prestados ao afásico, além de residirem ou passarem a maior parte de seu tempo com ele. Para as autoras, os cuidadores podem tirar o afásico da condição de *paciente* e levá-lo à condição de *sujeito* socialmente inserido.

Amx é esposa de SR, nascida em 11/02/1959, dona de casa. Muito companheira de SR, o acompanha nas reuniões da igreja e em outras atividades sociais.

Aim é esposa de JM, nascida em 16/03/1945, dona de casa. Até pouco tempo atrás, o trazia ao CCA, mas percebeu que ele poderia vir sozinho, para que ele desenvolvesse maior autonomia.

Ajn é irmão de MA, nascido em 18/12/1946 e trabalha como professor universitário. Foi ele quem nos procurou para que ela pudesse frequentar o CCA.

Alc é esposa de AC, nascida em 28/12/1937. É italiana, trabalhou muito tempo na lavoura e agora está aposentada.

Ase é companheira de AL, nascida em 06/06/1951, trabalha em uma loja e é ela quem o traz ao CCA.

Aot é esposo de TR, nascido em 11/07/1955, trabalhava como maquinista, aposentado atualmente. Aot traz TR todas as semanas ao CCA, pois moram em outra cidade da região.

Esclarecemos que alguns cuidadores não foram mencionados nesta apresentação, pois não realizaram as avaliações auditivas devido aos critérios de exclusão anteriormente mencionados. Outra consideração importante a ser feita é que esses sujeitos apenas serão referidos quando tratarmos a respeito da avaliação auditiva, no Capítulo 3.

4. Explicitação dos procedimentos experimentais e analíticos

Antes de passarmos mais especificamente ao detalhamento dos procedimentos experimentais e analíticos da pesquisa, julgamos relevante esclarecer que tanto com relação ao trabalho realizado no CCA, quanto naquele desenvolvido no CEPRE, a concepção dialógica de linguagem assumida pela ND se constitui como cenário para todas as atividades, mesmo quando se trata da avaliação por meio de instrumentos metalinguísticos. A interação, nessa concepção, portanto, permeia todas as instâncias metodológicas.

4.1. A pesquisa realizada com protocolos de linguagem no CCA

Em seguida, descrevemos os aspectos que consideramos “experimentais”, já que partimos do trabalho realizado com protocolos de avaliação, o que resulta, como veremos mais adiante (Capítulo 4), em uma análise crítica desses instrumentos.

É necessário salientar que utilizamos os protocolos experimentais – como os subtestes de compreensão auditiva da bateria de *Boston Diagnostic Aphasia Examination* (BDAE) e da bateria *Psycholinguistic Assessment of Language Processing in Aphasia* (PALPA) – como *procedimentos que buscam auxiliar* na investigação das dificuldades de compreensão, buscando olhar mais de perto” alguns dos aspectos relativos ao funcionamento das estruturas da língua, cientes de que se trata de um recorte que prioriza apenas a função metalinguística. Como já dissemos, partimos do pressuposto de que a compreensão é constituída por múltiplas facetas que revelam a influência tanto de aspectos

orgânicos/fisiológicos/perceptivos, quanto de aspectos próprios da natureza da língua (gem) e da constituição sócio-histórico-cultural do próprio sujeito.

4.1.1. O uso de protocolos metalinguísticos

A Bateria de Boston (BDAE), elaborada por Goodglass & Kaplan (1995), consiste de um conjunto de 4 narrativas, sendo que para cada uma delas é apresentado um par de perguntas, para as quais o sujeito deve responder *sim* ou *não*. Esclarecemos que selecionamos apenas as provas relativas à compreensão auditiva de narrativas curtas²⁴. Como exemplo, transcrevemos a primeira delas, adaptada da versão em espanhol por Novaes-Pinto (1999):

[Uma mulher entra em uma sapataria e diz ao atendente: “Boa tarde, vim comprar uns sapatos”. O atendente começou a trazer os modelos e a mulher os experimentava. Depois de um bom tempo, ela por fim decidiu-se e disse: “O que eu quero são uns sapatos de crocodilo”. O atendente, já desesperado, lhe respondeu: “Mas a senhora não sabe que os crocodilos não usam sapatos?”]

1a) Demorou muito tempo para a mulher decidir-se? (resposta esperada: Sim)

1b) Quando ela entrou na sapataria, ela sabia o tipo de sapatos que queria? (resposta esperada: Não)

As análises críticas que fazemos a esses protocolos e os resultados que obtivemos com os sujeitos em situações experimentais serão apresentados e discutidos no Capítulo 4 desta tese.

O outro material usado neste estudo que, segundo Kay, Lesser & Coltheart (1992), visa avaliar a compreensão de afásicos foi o PALPA, bateria que consiste de um conjunto de 60 pranchas, cada uma contendo três figuras, dentre as quais o sujeito deve apontar apenas uma, relacionada ao significado de uma sentença lida oralmente aos sujeitos afásicos. Antes de começar o teste, o avaliador apresenta imagens que serão recorrentes ao longo de todas as pranchas: a menina; o menino; o homem; a mulher; o cachorro; o gato e o cavalo, para garantir o reconhecimento desses elementos lexicais que compõem as sentenças.

²⁴Essas provas foram traduzidas por Novaes-Pinto (1999) a partir da versão em espanhol.

Para os propósitos desta pesquisa, selecionamos apenas 23 “sentenças” (que são as estruturas avaliadas no teste), sendo (i) 6 pares de ativas e passivas (12 sentenças no total); (ii) 2 envolvendo análises comparativas, (iii) 4 com verbos reversivos; (iv) 5 envolvendo uso de dêiticos – que apresentamos com entonação interrogativa. Exemplificando cada uma dessas categorias, temos:

- (i) O cavalo está chutando o homem // O homem está sendo chutado pelo cavalo.
- (ii) A menina é mais alta do que o cachorro.
- (iii) A menina está *comprando* o gato // A menina está *vendendo* o gato
- (iv) O homem tem mais galinhas. (leamos *Qual é o homem que tem mais galinhas?*)

4.2. Pesquisa realizada no CEPRE

Como já dissemos anteriormente, o projeto inicial desta tese previa uma avaliação auditiva completa dos sujeitos afásicos e de seus cuidadores. O estudo foi planejado em conjunto com a equipe de audiologistas do CEPRE.

4.2.1 Descrição dos procedimentos de avaliação auditiva

Os procedimentos avaliativos foram realizados na ordem em que estão descritos, seguindo protocolo padronizado por Munhoz et al. (2003). Os resultados serão apresentados no Capítulo 3, ao longo da discussão.

4.2.1.1. Avaliação Auditiva Básica (AAB)

A AAB é composta pelos seguintes exames/procedimentos avaliativos: Meatoscopia (ou Otoscopia); Audiometria Tonal, Audiometria vocal (ou Logaudiometria). Os exames foram realizados em cabina acústica e o audiômetro utilizado foi o Interacoustic

AC 40, com fones TDH 49, devidamente calibrados. Foram também realizados exames de Imitanciometria (ou timpanometria) e a Pesquisa dos Reflexos Acústicos. A seguir, cada um desses exames é descrito.

✓ **Meatoscopia**

A *meatoscopia* é a inspeção visual do meato acústico externo, com o auxílio do otoscópio, visando detectar a presença de cerúmen em excesso ou de alterações nas orelhas externa e média. Caso isso ocorra, deve-se encaminhar o paciente ao médico especialista na área da otorrinolaringologia antes da realização da avaliação audiológica. Somente após a solução do problema, se poderá definir, indicar, prescrever ou orientar a conduta clínica correta para cada sujeito (ALMEIDA & IORIO, 1996). Como vimos, trata-se de um critério de inclusão para o desenvolvimento da pesquisa. Foi utilizado, na realização dos exames, um aparelho da marca *Heine*.

✓ **Audiometria tonal e vocal**

Na *audiometria tonal*, o sujeito é convocado a levantar o braço a cada tom ouvido. Este tom recebe variações quanto à frequência e intensidade. Os limiares tonais em adultos, por via aérea, são avaliados nas frequências de 0,25 kHz a 8,00 kHz, e os limiares por via óssea foram pesquisados nas frequências de 500Hz, 1,00kHz, 2,00kHz, 3,00kHz e 4,00kHz, quando necessário. O audiômetro usado foi o AC 40, com fones TDH 49, calibrados de acordo com as normas ISO – 389 e IEC – 645 (WILBER, 1999).

Na logaudiometria utilizamos palavras trissílabas para obter o limiar de reconhecimento de Fala (SRT/LRF) e 25 vocábulos monossilábicos, em cada orelha, para a realização do Índice de Reconhecimento de Fala (IRF/IPRF). A forma de aplicação desses testes foi avaliada para cada sujeito. De acordo com as dificuldades de linguagem específicas decorrentes da afasia, o teste foi aplicado por meio da repetição das palavras, repetição de ordens simples e/ou com recursos de apontar figuras e/ou uso de gestos.

✓ **Imitanciometria dos reflexos acústicos**

A realização deste exame visa observar alterações na orelha média, não diagnosticadas durante a meatoscopia. Neste exame realizamos a curva timpanométrica e a

pesquisa do reflexo acústico contralateral e ipsilateral, nas frequências de 500, 1,00kHz, 2,00kHz, 3,00kHz e 4,00kHz. O reflexo acústico é fundamental para a discriminação auditiva, pelo fato de minimizar a sensação de mascaramento causada pelas frequências graves quando estamos expostos a sons agudos em intensidade elevada, portanto é um reflexo importante para a boa inteligibilidade. No *arco reflexo ipsilateral*, o estímulo passa pelas orelhas externa, média e interna, ativa a via auditiva aferente, passa pelo núcleo coclear, pelo complexo olivar superior e atinge o núcleo motor do nervo facial do mesmo lado da orelha estimulada. No *arco reflexo contralateral* direito, o estímulo é oferecido por um fone colocado na orelha contrária à da sonda de captação do reflexo. O estímulo ativa as orelhas externa, média e interna, o nervo coclear, o núcleo coclear à direita, cruza a linha média e ativa o complexo olivar superior e o núcleo motor do nervo facial contralateral à da orelha estimulada; passa pela via eferente do nervo facial esquerdo e provoca a contração do músculo estapediano contralateral.

Quando encontramos alteração de tronco cerebral baixo, vemos o reflexo ipsilateral *normal* e contralateral *ausente*. As alterações centrais apresentam disfunção do complexo olivar superior, a ponto de não exercer o controle da ação do nervo facial na contração da musculatura estapediana.

4.3. Procedimentos analíticos

Por uma questão de complexidade, iniciamos este item apresentando primeiramente os procedimentos analíticos das avaliações auditivas (tópico desenvolvido no Capítulo 3) e, em seguida, questões relativas à análise de cunho microgenético, de situações de caráter experimental (no capítulo 4), bem como de enunciados obtidos em situações dialógicas com os sujeitos afásicos nas sessões coletivas e individuais do CCA (no Capítulo 5).

4.3.1. Procedimentos analíticos das avaliações auditivas

Os dados foram avaliados de acordo com os parâmetros de normalidade relacionados no Quadro 2 :

AVALIAÇÕES	REFERÊNCIA	CLASSIFICAÇÃO
Meatoscopia	Almeida e Iorio (1996)	Inspeção visual do MAE
Timpanometria	Carvalho, (2003)	Tipo A: normal;Tipos B, Ar, Ad, C: alteração de OM
Pesquisa do Reflexo Estapediano	Carvalho (2003)	Reflexo > 70dBNA acima do limiar audiométrico.
Audiometria Tonal (via aérea)	Momensohn-Santos, Russo (2005)	Até 25dBNA: normal 26-40dBNA: perda leve 41-70dBNA: perda moderada 71-90dBNA: perda severa >91dBNA: perda profunda
Audiometria Tonal (via óssea)	Momensohn-Santos, Russo (2005)	VO<15dB: normal <15dB: perda condutiva VA/VO<a 10dB: PANS VA e VO>15dB: perda mista VA=VO ou ausência de VO: perda central
Logaudiometria	Momensohn-Santos, Russo (2005)	90 a 100%:normal 75 a 90%:dificuldade leve 60a75%:dificuldade moderada 50a60%:pequeno reconhecimento Abaixo de 50%: reconhecimento muito comprometido

Quadro 2 - Critérios de normalidade usados na avaliação AAB

4.3.2. Análise discursiva de enunciados produzidos em situação dialógica

O caminho teórico-metodológico adotado nesta tese diverge de abordagens que se preocupam em quantificar dados de experiência e proceder a análises estatísticas, próprio das perspectivas que predominam na área de ciências médicas, que correlacionam de forma direta estímulos, respostas e eventos consequentes.

Segundo Minayo (2004), a abordagem qualitativa realiza uma aproximação fundamental e de intimidade entre sujeito e objeto, uma vez que ambos são da mesma natureza. Para a autora, a abordagem qualitativa se atém às intenções e aos projetos dos atores envolvidos na pesquisa, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas. Portanto, trata-se de uma tarefa epistemológica que busca uma postura mais dialética, atuando em nível do significado e das estruturas – ações humanas portadoras de significados.

Damico & Simmons-Mackie (1999, apud NOVAES-PINTO, 2012b), no artigo intitulado *Qualitative methods in aphasia research: basic issues* reafirmam a importância do método qualitativo nos estudos da afasiologia, revelando que dados são gerados também por meio de anotações realizadas durante a observação direta de um evento, análise de áudio e videogravações, anotações em diários, dentre outros.

Adotamos, para esta pesquisa um análise pautada no chamado “paradigma microgenético”, uma proposta metodológica compatível com a pesquisa de cunho qualitativo, pois se caracteriza por se voltar para as minúcias dos acontecimentos – e por isso nomeado “microgenético” – preocupando-se com a investigação de processos intersubjetivos nos quais os dados emergem, visando compreender como ocorrem (VYGOTSKY, 2001/2009).

A “análise microgenética”, segundo Góes (2000) ocupa-se da construção de dados atentando também para os recortes de episódios interativos e é associada ao uso de videogravação e à trabalhosa atividade de transcrição. Tem como ponto de partida o olhar do investigador para as idiossincrasias de sujeitos que atuam em diversos papéis discursivos, em situações reais de interlocução, historicamente situados. Não se desconsidera, entretanto, que compreender processos também pressupõe buscar regularidades (NOVAES-PINTO, 1999).

Referimo-nos a uma citação de Góes (2000) que, a nosso ver, sintetiza e esclarece a natureza da abordagem “microgenética”, que

(...) não é micro porque se refere à curta duração dos eventos, mas sim por ser orientada para minúcias indiciais – daí resulta a necessidade de recortes num tempo que tende a ser restrito. É genética no sentido de ser histórica, por focalizar o movimento durante processos e relacionar condições passadas e presentes, tentando explorar aquilo que, no presente, está impregnado de projeção futura. É genética, como sociogenética, por buscar relacionar os eventos singulares com outros planos da cultura, das práticas sociais, dos discursos circulantes, das esferas institucionais (2000: 15).

Acreditamos que a análise pautada no paradigma microgenético, aliada aos demais instrumentos das pesquisas qualitativas, pode se apresentar como um caminho

profícuo no estudo das questões sobre as quais nos ocupamos nesta pesquisa, sobretudo porque, como dissemos logo no início da tese (Introdução), defender a hipótese de que um sujeito compreendeu (ou não) só será possível se tivermos a capacidade (no sentido de conhecimento construído sobre um determinado fenômeno e sobre o sujeito) para inferir (ou *abduzir*), a partir de outros enunciados (verbais e/ou não-verbais) por ele produzidos em uma dada interação (NOVAES-PINTO, 2013c).

Para Simmons & Mackie (1999), as intuições e as experiências dos pesquisadores não devem ser desprezadas quando se procede a uma análise qualitativa. Trata-se de uma perspectiva *holística* que Peirce (*apud* DAMICO, SIMMONS-MACKIE, 1999) descreve como de natureza *abdutiva*, em contraposição aos métodos dedutivos e indutivos próprios das ciências naturais.

Petrilli (2013, *apud* NOVAES-PINTO, 2013) relata que Ponzio²⁵, em 2009, explicitou a relação entre os métodos (a indução, a dedução e a abdução) e os interpretantes – baseando-se na Semiótica proposta por Pierce. Segundo Ponzio, nos processos inferenciais há diferentes graus de dialogicidade, sendo a *abdução* o método com o grau mais alto de dialogismo, seguida na ordem pela *indução* e *dedução*.

Na dedução (assim como nos signos indiciais), a relação entre as premissas e a conclusão é regulada pela contiguidade necessária: os fatos afirmados nas premissas nos obrigam a aceitar a conclusão-interpretante, como no célebre silogismo: Premissa 1: *Sócrates é homem*; Premissa 2: *Todo o homem é mortal*. Portanto, *Sócrates é mortal* (por dedução lógica). Tal relação é caracterizada por um nível muito baixo de alteridade e dialogicidade, Coudry (1996) relaciona esse tipo de raciocínio ao que chama de *dado-evidência*²⁶.

Na *indução*, a conclusão não é imposta incondicionalmente pelas premissas. Ao contrário, as premissas e a conclusão são ligadas apenas por uma tendência em aceitar a conclusão. A relação entre elas é de tipo *simbólico* e por isso a inferência é amplamente

²⁵ Além de Ponzio, outros autores também já fizeram esta modalização, tal como Abaurre et al (1997); Guinsburg (1983/1989).

²⁶ O chamado *dado-evidência* é constituído, no campo das afasias, por meio da metodologia psicométrica, derivado de aplicação de testes metalinguísticos (COUDRY, 1996). Coudry distingue ainda o *dado-exemplo*, que descreve de forma superficial o fenômeno e (iii) o *dado-achado*, que permite ao investigador levantar hipóteses para interpretar um fenômeno, orientado pelo que sabe do quadro clínico e sobre o sujeito.

determinada pela interpretação e pela convenção. O processo indutivo, assim como o dedutivo, é um processo *unilinear*, possui uma ordem precisa de sucessão, vai de um ponto de partida a um ponto de chegada, sem descontinuidade, retornos, retrocessos.

Na *abdução* (ou *retrocesso*, como também a chama Peirce, em seu texto de 1923), a inferência faz o caminho contrário – do consequente ao antecedente. A lei da abdução é procurada *a posteriori* em relação à observação e à interpretação sobre a qual se funda. Tal dependência torna a conclusão (a análise) *refutável*. Em alguns casos, *a lei* se funda na enciclopédia cognitiva existente; em outros, é completamente inventada. A relação entre as premissas e a conclusão não é determinada nem pela obrigação da contiguidade (dedução), nem pela arbitrariedade da convencionalidade (indução). As premissas sugerem a conclusão somente com base em uma relação de relativa semelhança: parte-se de um resultado que evoca uma determinada lei, na qual é possível se basear para explicar o caso específico em questão. Nesse tipo de inferência, a relação entre as premissas e a conclusão é somente provável; é dominada pela conjectura, pela inclinação a adivinhar (PETRILLI, 2013 *apud* NOVAES-PINTO, 2013c).

É interessante o ponto de vista de Ponzio, quando afirma que a abdução é o processo metodológico mais dialógico de todos, pois é exatamente isso que está subjacente à análise microgenética de episódios dialógicos. As minúcias analisadas – principalmente no caso desta pesquisa que se destina a avaliar a (inter) *compreensão* – muitas vezes estão presentes nos enunciados dos outros sujeitos, os “parceiros da comunicação verbal” (*cf.* BAKHTIN, 1929/2010). Como exemplo deste processo abduutivo, citamos uma análise de Novaes-Pinto (2012c e 2013c) de um episódio com o sujeito OJ, que não conseguiu nomear a figura de uma pirâmide, mas, após um tempo, disse “Eu, São Sebastião do Paraíso; você?”

A única possibilidade de análise deste enunciado, segundo a autora, é recorrer aos indícios presentes, fazendo um percurso de *retrocesso* tanto com relação ao objeto mostrado (a figura de uma pirâmide), quanto na busca – de natureza abduitiva, visto que é dominada pela conjectura, pela inclinação a adivinhar. A autora relembra a importância da experiência do investigador e do conhecimento que tem dos sujeitos, que certamente guia esses processos abduitivos. No dado em questão, a pesquisadora (Irn) infere sobre vários

conhecimentos que estão em jogo, a fim de concluir que OJ tinha a representação fonológica da palavra *pirâmide*:

- (i) OJ sabia [que Irn morava em Piracicaba]
 - (ii) OJ sabia [que Irn sabia] que ele morava em S. Sebastião do Paraíso
- Dessas duas inferências se pode extrair os elementos que faltam no enunciado de P

Eu (*moro em*) S. Sebastião do Paraíso. Você (*mora em Piracicaba*).

Entretanto, não é essa a informação que OJ quer dar a Irn. Ele quer, de fato, mostrar que sabe o nome do objeto que está na figura e não consegue produzir. Também não consegue produzir o nome da cidade (Piracicaba), mas ele espera que Irn, ao completar seu enunciado com *Piracicaba* – compreenda (infira) que ele só fez este caminho porque queria enunciar “pirâmide”. Ou seja:

- (iii) OJ sabia [que Irn sabia] [que OJ sabia] que Irn morava em Piracicaba.

Segundo Coudry (1996), os dados que mais interessam para a reflexão em Neurolinguística é o que a autora denominou *dado-achado*, compatível com o paradigma microgenético e também produto de uma metodologia heurística, de natureza abdução. É uma descoberta que correlaciona teoria e dado em um movimento recíproco e flagra o singular, pressupondo um tratamento discursivo que permite levantar hipóteses com as quais o investigador procura interpretar o que ocorre no “acontecimento discursivo”, retomando uma noção de Pêcheux (1983/1988). Nessa perspectiva, o investigador é orientado pelo que já sabe a respeito do quadro clínico, mas também do sujeito (COUDRY & FREIRE, 2010). Segundo as autoras, a interlocução na prática clínica é o lugar de *produção/compreensão/interpretação* de fatos/dados a partir de um modo de funcionamento linguístico peculiar, no qual se pode explicitar, perguntar, comentar, explicar, repetir, responder, nomear, descrever, justificar, relatar.

Nesse contexto, para as autoras *interpretar* um fato como um *dado* requer um *método* desenvolvido em dois tempos: “o da ocorrência do fato na interlocução e o da análise do fato que o transforma em dado” (COUDRY & FREIRE, 2010: 25). Essa concepção está totalmente em consonância com o que foi discutido acima, acerca dos

processos abduativos, que explica as inferências do pesquisador retrospectivamente (*em retrocesso*, nos termos de Pierce).

A análise microgenética, portanto, é a que julgamos como a mais adequada para dar conta das análises dos dados que emergem nas situações dialógicas, como veremos nos capítulos 4 e 5.

SEGUNDA PARTE

CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA PARA O ESTUDO DOS PROCESSOS DE (INTER) COMPREENSÃO NAS AFASIAS

CAPÍTULO 3

Avaliações auditivas dos sujeitos afásicos da pesquisa

Eu to ouvindo, mas depois do AVC eu não entendo...
(AC, a respeito de suas dificuldades, abril de 2011),

Introdução

Como foi dito no início desta tese, um dos objetivos desta tese é o de ampliar o olhar para as dificuldades de compreensão nas afasias, incorporando questões de natureza perceptiva, dentre as quais os problemas auditivos, que nunca são considerados na abordagem deste tema. Quando mencionados, em geral são relacionados ao chamado *processamento auditivo*. Buscamos, neste capítulo, pensar na relação entre o funcionamento auditivo e os impactos das lesões cerebrais que provocam dificuldades de compreensão nas afasias, considerando que, muitas vezes, há um comprometimento auditivo prévio, já em função da idade dos sujeitos.

Para alcançar tal objetivo julgamos ser relevante explicitar algumas questões sobre (i) o funcionamento auditivo e sobre (ii) as avaliações auditivas de sujeitos afásicos e não-afásicos participantes da pesquisa. Visamos, assim, caracterizar a contribuição do estudo dessa relação para uma abordagem mais abrangente acerca dos processos de (inter) compreensão. Em seguida, apresentamos e discutimos os resultados dos exames feitos pelos sujeitos da pesquisa.

1. O funcionamento auditivo: questões fundamentais para nossa reflexão

O sistema auditivo é constituído por regiões anatômicas e funcionais referidas como *central* e *periférica*. O *sistema auditivo periférico* é basicamente sensorial e responsável por receber e analisar as pistas acústicas emitidas pelos movimentos vibratórios do meio. É composto pelas partes *externa*, *média* e *interna* das orelhas – doravante OE, OM

e OI – além do nervo vestibulo coclear (VIII par craniano), estruturas responsáveis pelas habilidades de detecção do sinal (acuidade auditiva), condução sonora e transformação do sinal acústico em respostas neuroelétricas (FERRE, 1997; MUNHOZ et al 2003). Essas estruturas (OE, OM, OI) podem ser observadas na figura abaixo, que também representa a via auditiva:

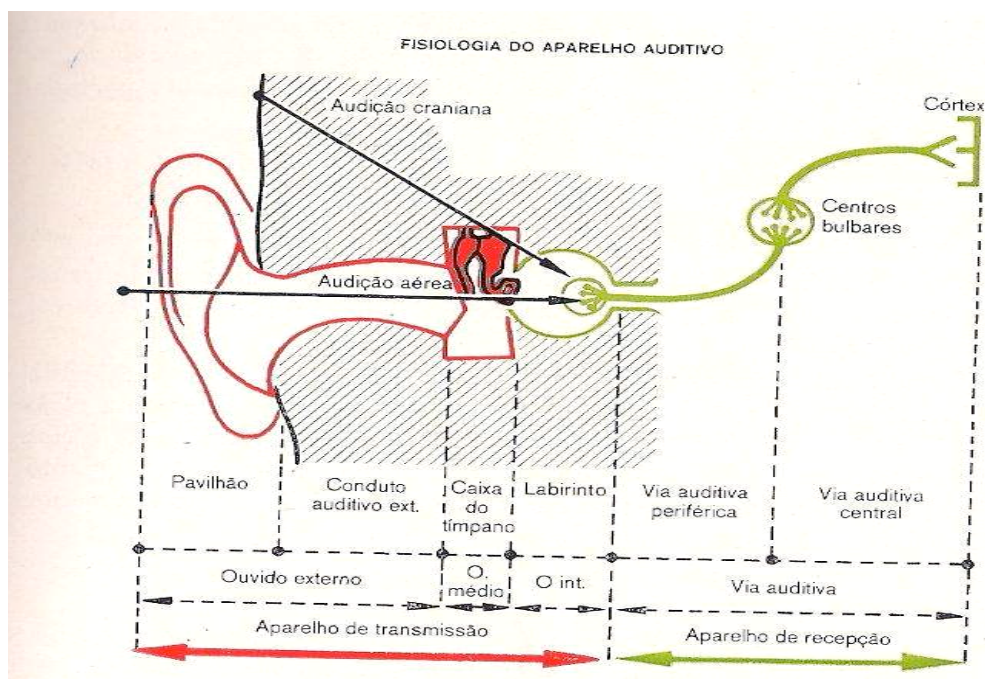


Figura 5 – Fisiologia do aparelho auditivo

Fonte: HUNGRIA (1973)

As vias auditivas e estruturas cerebrais compõem o *sistema auditivo central*, o qual analisa e interpreta os estímulos recebidos pela audição periférica. Cada estação da via auditiva é responsável por diferentes mecanismos auditivos, que interagem entre si. Lesões estruturais e neurofisiológicas em diferentes locais e/ou estruturas poderão produzir dificuldades de percepção auditiva de forma distinta e, conseqüentemente, comprometer a *compreensão*.

Em síntese, o estímulo auditivo – após ser detectado – percorre o nervo vestibulo coclear até o núcleo coclear, complexo olivar superior (COS) e lemnisco lateral (LL), estruturas localizadas no tronco encefálico. Tais estruturas são responsáveis pela tonotopia coclear, que permite identificar uma escala de frequência ao longo da membrana

basilar, a fonte sonora e o início da audição binaural, por meio do cruzamento de vias ipsilaterais e contralaterais no COS e axônios do LL. O LL projeta os axônios pós-sinápticos do COS ao Colículo Inferior, no Mesencéfalo, que por sua vez enviam seus axônios ao corpo geniculado medial, no tálamo. Todo esse processo conta ainda com a participação da formação reticular, estrutura conectada com outras vias cerebrais, estando envolvida no processo de atenção seletiva e audição na presença de ruído (CHERMACK & MUSIEK, 1997).

Finalmente, os axônios geniculados se dirigem à área auditiva cortical primária no Giro de *Heschel* (giro temporal transversal) e área auditiva secundária no lobo temporal. O córtex auditivo é o estágio final das vias auditivas ascendentes no lobo temporal, com organização tonotópica e representação bilateral – ou seja, em cada lobo chegam fibras de ambas as orelhas. Vias corticais e corticotalamocorticais estabelecem conexões com diversas áreas do cérebro, em especial com o lobo frontal e faz conexões inter-hemisféricas por meio do corpo caloso (MUSIEK et al, 1994).

Podemos encontrar problemas desde o meato acústico externo até a região da orelha interna, com comprometimento da orelha externa e/ou média nas perdas condutivas e da cóclea e/ou nervo auditivo nas perdas neurossensoriais. Em todos esses casos, refere-se aos processos como *alterações periféricas*. Já as *alterações centrais*, segundo a literatura da área, relacionam-se com um distúrbio do *processamento auditivo*²⁷ da informação sonora. Essa afirmação segue a *American Speech-Language-Hearing Association* (ASHA, 1996/2005) que entende por *processamento auditivo* (PA) os mecanismos e processos do sistema nervoso auditivo, que capacitam a *decodificação* e o *entendimento de fala*, especialmente em situações desfavoráveis, como na presença de ruído de fundo ou com fala competitiva. Não nos deteremos, neste momento, a uma análise crítica dessa terminologia, mas quando se fala de *processamento auditivo central*, neste contexto, estamos nos

²⁷É evidente que há uma contraparte *central* nos processos auditivos, em oposição ao que se considera *periférico*. Essa visão é compatível, inclusive, com o que Luria (1981) considera como *secundário* ou *primário*, respectivamente, na arquitetura funcional do cérebro. As *avaliações* tradicionalmente feitas para detectar *déficits* de processamento auditivo central são formuladas sobre uma concepção redutora de *linguagem* e mesmo de *língua*, desconsiderando, por exemplo, a relação do sujeito com a língua.

referindo apenas aos aspectos acústicos da cadeia sonora. De acordo com a literatura, o PA é responsável pelas seguintes funções: localização e lateralização sonora, discriminação auditiva, reconhecimento de padrões sonoros, aspectos temporais da audição (resolução, mascaramento, integração temporal e ordenação temporal), desempenho auditivo na presença de sinais acústicos competitivos e para sinais acústicos degradados. Alterações do PA, portanto, se refere às desordem da audição em que há comprometimento dessas habilidades relacionadas com a análise e/ou interpretação dos padrões sonoros.

Lesões cerebrais podem comprometer a condução dos estímulos auditivos para outras regiões do córtex, ocasionando disfunções auditivas, sendo essencial o estudo e conhecimento morfofuncional do sistema auditivo – tanto periférico quanto central – para a compreensão dessas alterações (GUIDA et al 2007). É essa a questão mais diretamente ligada às preocupações desta tese, ou seja, avaliar de que forma lesões cerebrais que provocam as afasias também podem afetar o funcionamento auditivo e como este, uma vez comprometido, implicaria em dificuldades de compreensão – ou, pelo menos, alguns de seus aspectos.

Luria (1981) postula que o cérebro pode ser dividido em três unidades funcionais, sendo cada unidade, por sua vez, subdividida em três zonas distintas – primária, secundária e terciária. Nos limitaremos, pelos objetivos desta tese, a discorrer sobre a chamada “Unidade II” (ou *Bloco II*). As zonas de projeção do córtex auditivo (situado na região superior do lóbulo temporal) têm representação completa de cada fibra auditiva em hemisfério contralateral²⁸. A zona *primária* recebe impulsos nervosos por meio das vias de projeção sensorial. A audição, por exemplo, serve para mediar a percepção sonora. A zona secundária analisa as informações auditivas que entram no córtex e estão diretamente associadas à zona primária. As zonas secundárias do córtex temporal são compostas de axônios curtos e retêm o caráter modal específico, ou seja, auditivo. Luria afirma que os experimentos de Pavlov e de outros pesquisadores no início do século XX revelaram que

²⁸Segundo o autor, esse conhecimento auxiliou os pesquisadores soviéticos, como Gershuni, em 1968, a obterem informações importantes sobre lesões unilaterais do córtex auditivo primário, além de descobrirem dados acerca do modo de funcionamento dessas partes da região temporal e, conseqüentemente, auxiliando nos diagnósticos das lesões (LURIA, 1991).

lesão das zonas secundárias do córtex temporal não causa a perda de audição. A distinção de sons simples pode ocorrer; porém, é impossível diferenciar combinações de sons. Isso nos mostra que as zonas secundárias do córtex auditivo têm papel fundamental na diferenciação de estímulos acústicos, já que são adaptadas para a análise e síntese de sons da fala, que o autor chamou de *fala qualificada* (LURIA, 1991). O funcionamento linguístico-cognitivo não pode ser explicado limitando-se às estruturas secundárias, visto que se trata de processos que dependem de informações qualitativamente diferentes e integradas, como por exemplo, da compreensão de uma estrutura gramatical ou de uma operação aritmética (KAGAN & SALING, 1997).

Após um Acidente Vascular Cerebral hemorrágico²⁹ (AVCh) ou isquêmico³⁰ (AVCi) muitos pacientes se referem a dificuldades relacionadas à audição, como podemos observar no relato do sujeito AC, cujo enunciado abre este capítulo. Tais dificuldades relacionam-se à percepção sonora, rebaixamento auditivo unilateral ou bilateral, dentre outras, que por sua vez provocam dificuldades de compreensão.

Segundo Luria (1986), lesões do córtex temporal (auditivo) no HE levam a uma alteração da organização complexa da percepção auditiva, de modo que os sujeitos não conseguem organizar os estímulos acústicos recebidos nas suas estruturas encadeadas, sendo incapaz de repetir corretamente palavras ou sentenças. Entretanto, o autor salienta que diferentemente de lesões parieto-occipitais (ou parietal inferior), os sujeitos com lesão de córtex temporal têm preservadas a orientação espacial, a organização espacial de movimentos e realizam operações aritméticas, além de compreenderem certas relações lógico-gramaticais, tais como “o irmão do pai; o pai do irmão”.

Iniciamos este capítulo com a descrição do córtex auditivo e sua fisiologia pela sua importância nos estudos afasiológicos, sobretudo quando tratamos do fenômeno da compreensão nas afasias. O estudo do sistema auditivo (periférico e central) em afásicos com lesão isquêmica ou hemorrágica de HE justifica-se também pelo fato de haver um

²⁹AVCi ou infartos cerebrais é mais frequente quando comparado com o Acidente Vascular Cerebral Hemorrágico (AVCh) e se caracteriza pela interrupção do fluxo sanguíneo em alguma parte do cérebro por obstrução de uma artéria. .

³⁰No AVCh há uma ruptura de um vaso sanguíneo que acarreta uma hemorragia cerebral em alguma parte do cérebro formando hematoma subdural, hemorragia intra-parenquimatosa, ou ainda hemorragia subaracnóidea.

aumento de queixas de audição em pacientes afásicos, como já dissemos. Uma análise mais minuciosa mostra que as alterações auditivas se baseiam em um efeito sistêmico do distúrbio de audição. Lesão em zona secundária do córtex auditivo acarreta, segundo Luria (1991) desordens de *compreensão* de fala, da nomeação de objetos e da recordação de palavras, além de perturbações na escrita.

Estudos atuais (KILENY et al, 1987; ALVARENGA et al, 2005, entre outros) relacionam o funcionamento auditivo com quadros de afasia, mas poucas pesquisas apresentam os problemas de audição relacionados às dificuldades de compreensão. Ao longo de nossa pesquisa bibliográfica, não encontramos trabalhos sobre essas questões na perspectiva discursiva, como objetivamos fazer nesta tese.

2. Considerações acerca dos resultados de avaliação auditiva em sujeitos afásicos e em seus cuidadores

É inevitável, como vimos até agora, que a afasia interfira significativamente em vários aspectos da atividade linguística dos sujeitos. Podemos esperar, portanto, que interfira também nos resultados de avaliação que consistem de protocolos padronizados que privilegiam a produção verbal oral. Uma consequência disso é que tais resultados podem levar a equívocos nos diagnósticos que são feitos a partir do mau desempenho do afásico em avaliações auditivas.

Um exemplo de diagnóstico equivocado, que trazemos para esta discussão, é o caso de uma jovem afásica - AP - com 20 anos de idade à época que sofreu o Traumatismo Crânio-Encefálico (TCE) em decorrência de acidente de moto em 2008, e que foi encaminhada para realizar avaliação auditiva, justificada por queixas de que a audição “tinha piorado” (sic AP). Este caso foi relatado por Ensinas (2011), artigo no qual chamamos a atenção para a discrepância entre os resultados dessa avaliação (2009) e daquela feita dois anos após a primeira, em 2011. As figuras a seguir referem-se aos resultados de sua *audiometria tonal*

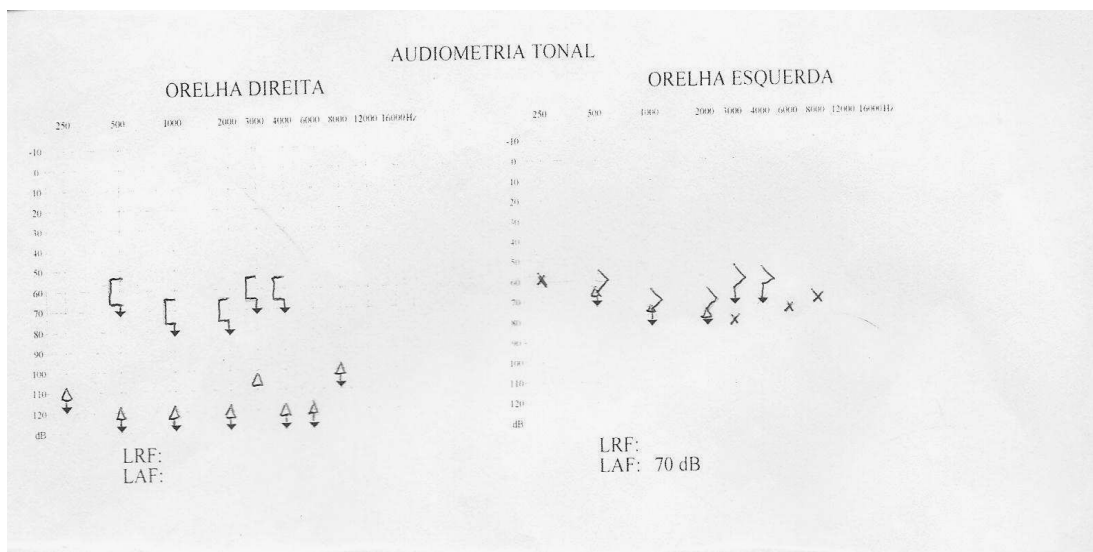


Figura 6 - Audiometria tonal de AP realizada em agosto de 2009

Fonte: exame de AP

Foi realizada, parcialmente, a AAB, após a primeira sessão fonoaudiológica de AP³¹, na qual ela teve dificuldade para responder às questões feitas pelo avaliador, o qual julgou as respostas como *inconsistentes* e sugeriu exames complementares para confirmar o diagnóstico de perda auditiva profunda.

Após dois anos de terapia fonoaudiológica, solicitamos novo exame, justamente para confrontar os resultados, visto que AP parecia compreender melhor, indicando, portanto, que não se tratava de perda auditiva profunda. Os resultados da audiometria tonal, em ambas as orelhas, são ilustrados na figura 7:

³¹Com relação à produção, AP apresenta dificuldades para nomear e descrever objetos e também para produzir enunciados em gêneros complexos, como narrar uma história ou argumentar em favor de um ponto de vista. No processo dialógico tenta criar estratégias comunicativas (verbais e não-verbais) para permanecer no discurso, dando pistas para seu interlocutor construir com ela a significação. Por ser jovem, os projetos de vida de AP incluem continuar os estudos para passar no vestibular. Nós ressaltamos que, os exames foram feitos em uma clínica particular na região metropolitana de São Paulo, porém não foram realizados pela mesma avaliadora. Em conversa com as audiologistas do CEPRE, elas mencionaram a necessidade de se realizar uma avaliação auditiva cuidadosa e minuciosa com um sujeito que apresente lesão cerebral. Portanto, para elas, é imprescindível a avaliação de linguagem deste sujeito - antes da realização dos exames de audição - bem como a adaptação às provas auditivas.

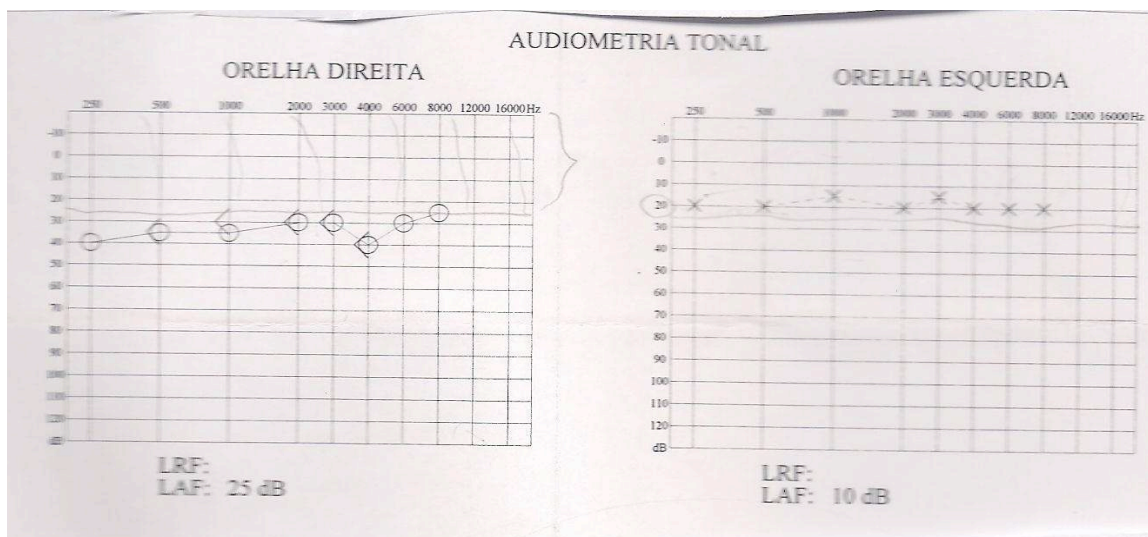


Figura 7 - Audiometria tonal de AP realizada em julho de 2011

Fonte: exame de AP

Por ter incorporado a reflexão sobre este caso na tese, solicitamos em 2012 um novo exame, para avaliar a hipótese de que os resultados seriam diferentes, o que foi confirmado, como se vê na figura a seguir:

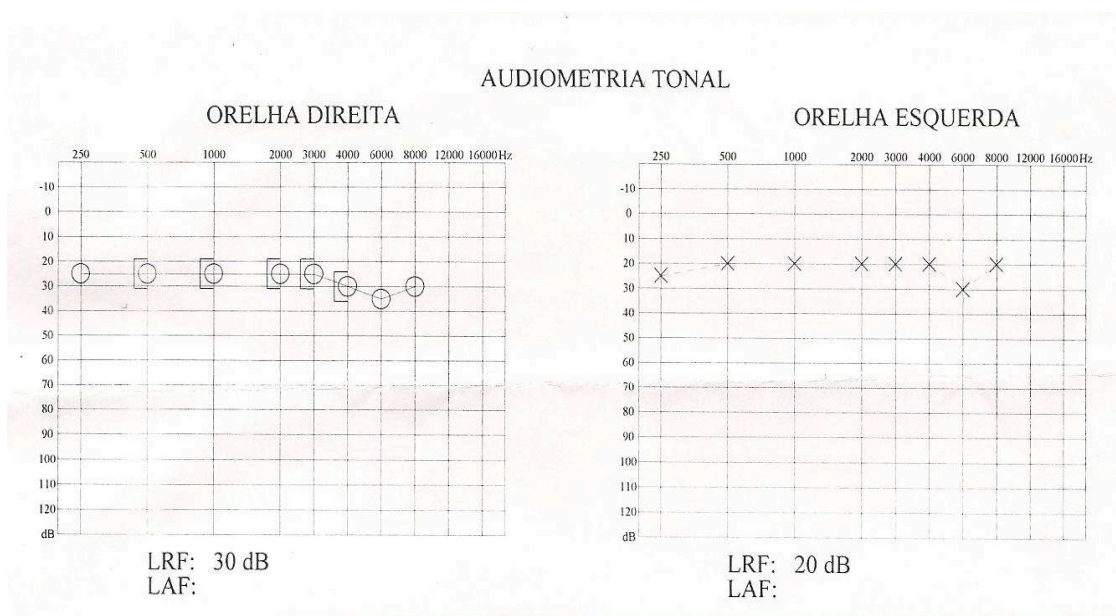


Figura 8 – Audiometria tonal de AP realizada em março de 2012

Fonte: exame de AP

A pergunta que se coloca é o quê o caso de AP nos indica sobre a relação entre funcionamento auditivo e os processos de compreensão de linguagem nas afasias. Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o fato de AP ter uma lesão fronto-têmporo-parietal esquerda, geralmente relacionada às dificuldades de compreensão nas afasias e também mencionada na literatura sobre *processamento auditivo central*. Embora nosso foco não seja traçar uma correlação direta entre a lesão e os sinais (sintomas), não podemos desconsiderar o que se sabe hoje sobre o papel dessas regiões no funcionamento linguístico-cognitivo. Como veremos nos Capítulos 4 e 5, outros dois sujeitos por nós avaliados – MA e AC – com lesões nessas regiões também apresentaram dificuldades em alguns aspectos tanto nas avaliações metalinguísticas quanto nos episódios dialógicos.

Quanto aos resultados obtidos nos exames, podemos fazer algumas considerações. São avaliações que se baseiam em estudos neuropsicológicos, utilizando baterias de avaliação metalinguística. O fato de o sujeito ser *afásico* é desconsiderado nas avaliações – mesmo porque, muitas vezes, ele não se apresenta ao audiologista como *afásico*. Por outro lado, podemos afirmar que falta, em geral, aos audiologistas, o conhecimento sobre as afasias, o que faz toda a diferença e pode explicar a discrepância entre o laudo e o que o sujeito consegue ou não fazer em situações efetivas de uso da linguagem.

Há artigos, na literatura (PIRES DE MELO, 2007; ROBERTT et al, 1998; BARAN, et al, 2004, BIERDERMANN et al, 2008; ALVARENGA, et al, 2005) que avaliaram o papel das vias auditivas aferentes e eferentes na função auditiva em pacientes pós-AVCs e que observaram diferenças entre os resultados dos limiares auditivos em sujeitos afásicos. Os trabalhos de Baran et al. (2004) e de Biedermann et al. (2008), por exemplo, encontraram limiares de afásicos dentro da normalidade, enquanto os de Alvarenga et al. (2005) verificaram a ocorrência de alterações auditivas (perdas auditivas).

Gomes da Silva (2007) mostrou que ainda há poucos estudos envolvendo a relação entre afasia e função auditiva. Os que existem, em geral, se limitam a tratar mais especificamente da discriminação e identificação de fonemas, por meio dos seguintes

testes, já referidos no Capítulo 2: imitanciometria, audiometria tonal, logaudiometria, emissão otoacústica transiente, potencial evocado auditivo de tronco encefálico, teste de ordem e fusão temporal³² e o teste de *Gap in Noise*³³. Os resultados mostraram que as funções de apenas algumas estruturas da via auditiva, como por exemplo: cóclea, colículo inferior e complexo olivar superior foram usadas nas tarefas de discriminação e segmentação fonêmica e, sendo assim, o modelo auditivo não é suficiente para interpretar os resultados das tarefas linguísticas (discriminação e segmentação fonêmica) devido à falta de correlação entre o que ocorre nas vias auditivas e a maioria das variáveis nas tarefas linguísticas. Mesmo que a autora não compartilhe uma concepção de linguagem discursivamente orientada – uma vez que se limita ao uso de tarefas metalinguísticas ao longo da avaliação – não podemos deixar de ressaltar a relevância de sua crítica quanto aos limites desses instrumentos para avaliar o funcionamento auditivo em sua relação com o funcionamento linguístico-discursivo, no caso das afasias.

A partir deste momento, passamos a apresentar os resultados que obtivemos em nossa pesquisa experimental, realizada no CEPRE, como já explicitado no Capítulo 2, com os sujeitos afásicos que participaram do estudo.

2.1. Exames realizados com sujeitos afásicos e cuidadores

A seguir, listamos os exames realizados com os sujeitos afásicos e de seus cuidadores na ordem em que foram ocorrendo, etapas: Meatoscopia; Audiometria Tonal (at); Audiometria Vocal/Logaudiometria (SRT e IPRF); Imitanciometria/Timpanometria e a busca pelos reflexos do músculo estapédio.

Na audiometria tonal, os resultados dos limiares auditivos dos sujeitos afásicos³⁴ foram registrados em um gráfico denominado *Audiograma* (MENEZES et. al, 2011), seguindo os padrões convencionais internacionais. Entre os afásicos, TR e MG não apresentaram alteração auditiva, enquanto os demais tiveram um resultado abaixo do limiar

³²A tarefa de resolução temporal busca verificar a capacidade do sistema auditivo de detectar mudanças de tempo, ocorrência de dois eventos auditivos consecutivos e evitar que sejam detectados como único evento.

³³Teste de detecção de intervalos de silêncio.

³⁴Com exceção de AB, que não compareceu ao retorno do exame. Assim como descrito no Capítulo 2, a condição necessária para realização da avaliação auditiva básica (AAB) é a ausência de cerúmen no MAE.

de normalidade. No grupo dos acompanhantes também encontramos alterações auditivas, como nos casos de Aim (cuidador de JM) e Alc (cuidador de AC).

Posteriormente, realizamos a audiometria vocal/logaudiometria e investigamos a capacidade do sujeito para detectar e/ou reconhecer sons da fala em limiares mínimos da audição e em limiares de conforto e, assim, confirmamos os resultados da audiometria tonal. Salientamos que divergências entre a audiometria tonal e a vocal podem ser tanto decorrentes de um problema técnico do aparelho, de uma perda auditiva funcional não orgânica, de patologia do sistema auditivo central, dentre outras razões, ou até mesmo uma dificuldade de compreensão das instruções dadas ao sujeito. (MENEZES et al, 2011).

Uma das contribuições que esta pesquisa, embasada na visão discursiva de afasia, pode dar à avaliação auditiva de sujeitos afásicos é a de incorporar possibilidades de significação ainda não previstas nos protocolos padronizados da AAB, ou seja, considerar como *corretas* respostas não-verbais que identifiquem a palavra ouvida pelos sujeitos, por meio de gestos, desenhos e enunciados escritos, como vemos na figura 9 abaixo:

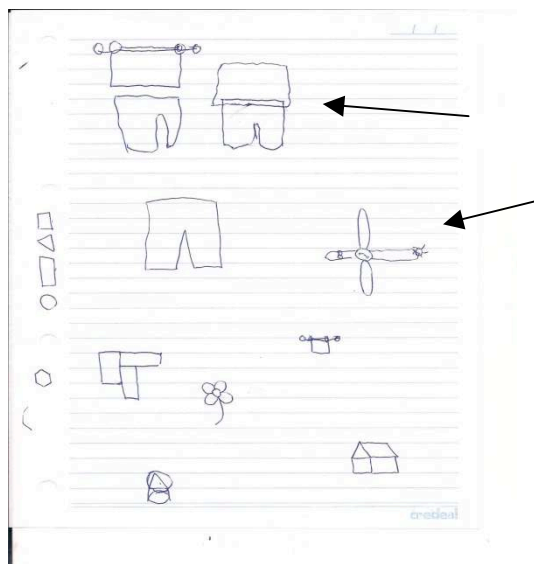


Figura 9 - Desenhos feitos por JM, ao longo do exame de logaudiometria, para identificar as seguintes palavras do teste: aeronave; paletó.

Houve uma sugestão, por parte dos audiologistas que acompanharam esta parte da pesquisa, para que se buscasse uma maneira de “padronizar” os procedimentos avaliativos, a fim de que se pudesse garantir uma regularidade, para fins diagnósticos, uma

vez que alguns afásicos respondiam ao teste por meio de desenhos, outros por meio de gestos ou ainda por meio da escrita. Nossa argumentação se deu no sentido de esclarecer que esses processos – que consideramos como *recursos alternativos de significação* – não dependem apenas do tipo de afasia³⁵, mas decorrem do uso efetivo da linguagem e da relação do sujeito com esses diferentes recursos. Em outras palavras, nada garante que um mesmo sujeito vá se utilizar do mesmo recurso ao longo de toda a avaliação, o que inviabilizaria o uso de diferentes protocolos. Propomos, portanto, um protocolo discursivamente orientado, que considere as múltiplas possibilidades de significação, ou seja, uma avaliação, na qual a linguagem (mesmo fragmentada) se exiba em toda a sua complexidade. Nas palavras de Coudry (1997:14): “que ofereça uma visibilidade ao que está ou não alterado, ao que falta e ao que excede em relação ao funcionamento normal da linguagem”,

Os dados da tabela 1 demonstram que TR, por exemplo, tem preservada a discriminação auditiva. Isso só foi possível perceber pelo uso das estratégias alternativas, ao longo da avaliação, com destaque para o uso de gestos. O resultado que obteve (100% de acertos) seria provavelmente muito diferente se fossem aceitas apenas respostas verbais orais.

A logaudiometria é, sem dúvida, a etapa da AAB em que a intervenção do avaliador pode ocorrer, visto que nesta fase unidades propriamente linguísticas – sons e palavras da língua – são *testadas*. A bateria padrão prevê apenas respostas verbais orais durante a tarefa de repetição das palavras pronunciadas pelo investigador, como já foi dito. Na prática clínica, muitos audiologistas acabam adaptando o protocolo para garantir que o sujeito afásico não só compreenda a tarefa, mas que demonstre efetivamente que está ouvindo. A literatura da área, entretanto, não reflete esta prática, uma vez que se atém à validação desses mesmos protocolos e de seus resultados.

Propomos, portanto, que na logaudiometria com afásicos, sejam consideradas corretas, as respostas dos sujeitos que revelem estarem preservadas:

³⁵ É da natureza da linguagem: indeterminada, heterogênea e polissêmica, como considera Coudry (1986/1988).

- (i) A repetição verbal de palavras - conforme o protocolo padronizado para o exame de audição em qualquer sujeito
- (ii) O uso de recursos não-verbais – como desenho e a expressão gestual
- (iii) O uso da escrita
- (iv) A utilização de um protocolo discursivamente orientado, em que são possibilitadas várias estratégias de significação (oficiais ou não oficiais) , como exemplificamos abaixo, em que palavras da lista balanceada que constam na AAB sejam representadas por meio de figuras, que podem ser apontadas pelos sujeitos. A nosso ver, isso pode garantir que há (ou não) comprometimento da discriminação auditiva, alcançando o objetivo do teste;



Figura 10 – exemplo de avaliação discursiva/alternativa para discriminação auditiva com sujeitos afásicos (*grão, mão, pão*).

2.1.1. Resultados dos sujeitos do CCA nos exames auditivos

Passamos, agora, a apresentar os resultados obtidos pelos sujeitos afásicos e também as observações feitas ao longo da AAB.

Sujeito AC

A configuração audiométrica de AC pode ser classificada como uma *Perda Auditiva Neurosensorial de grau leve a moderado em ambas as orelhas*, uma vez que as frequências graves e/ou médias se encontram na faixa de intensidade referente ao grau leve e as frequências médias e/ou agudas encontram-se na faixa de intensidade referente ao grau moderado (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE).

Na logaudiometria, AC obteve respostas divergentes do resultado da audiometria tonal – o que não é esperado e que pode ser explicado por algumas hipóteses: (1) problemas técnicos – o que descartamos já que o audiômetro estava calibrado e sem distorção de estímulos ou (2) falta de compreensão das instruções. Neste caso, torna-se mais difícil avaliar; porém, acreditamos que possa existir uma relação entre as dificuldades que AC apresentou na avaliação e um quadro de patologia do sistema auditivo central, proveniente do AVCi e da hemorragia subcortical expansiva.

O limiar de reconhecimento de fala apresentou resultado de 30dB, ou seja, a menor intensidade na qual AC responde corretamente a pelo menos 50% dos estímulos de fala (palavras trissílabas) apresentados. Como AC demonstrou dificuldades para repetir, apresentamos figuras referentes às palavras, o que de fato o ajudou muito. Na etapa seguinte, nem foi necessário apresentar figuras, pois ele havia compreendido o que deveria ser feito. Isso indica que as dificuldades podem ter sido decorrentes do próprio teste, sobretudo pela existência de instruções muitas vezes incompreensíveis.

Ao final do exame, AC nos relatou que sentiu dificuldade para entender as palavras; sabia o que era para ser feito, mas não conseguia repetir. Disse AC: *“Eu to ouvindo, mas depois do AVC eu não entendo”* (sic). Devemos nos lembrar, aqui, que AC já tinha diagnóstico de perda auditiva antes mesmo de ter sofrido o AVC, como relatamos na apresentação da tese.

Sujeito TR

Os limiares auditivos obtidos no exame de TR estão dentro dos padrões de normalidade, compatíveis com o índice de audição normal (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). TR também discriminou os estímulos de fala (palavras trissílabas e dissílabas) sem dificuldade, mas não teve tanto êxito quando foi solicitada a repetir palavras monossílabas e, principalmente, *logatomas*. Percebemos que ela compreendeu a solicitação da tarefa, mas ficou ansiosa para repetir as palavras, falando junto com a avaliadora em muitos momentos.

TR nos disse que não tem dificuldade para escutar, que nunca teve queixa de audição e não sentiu piora após o AVC.

Sujeito JM

A audição de JM encontra-se dentro dos padrões de normalidade nas frequências graves e/ou médias, mas há uma *Perda Auditiva Neurosensorial de grau moderado em agudos, em ambas as orelhas* – provavelmente em decorrência de atividade profissional – uma vez que as frequências graves e/ou médias se encontram na faixa de intensidade normal e as frequências médias e/ou agudas encontram-se na faixa de intensidade referente ao grau moderado (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). JM usou o desenho como estratégia para demonstrar que havia compreendido as palavras escutadas. Embora esse procedimento não fizesse parte do protocolo, como vimos no início deste capítulo, utilizamos esse recurso, como vimos representado na Figura 9. Após os exames, JM nos disse que se sentiu satisfeito por ter conseguido, por meio do desenho, mostrar aos examinadores que havia “ouvido”.

JM não conseguiu repetir os *logatomas* e, neste caso, seria impossível esperar dele uma representação por desenho. Não acreditamos que ele tinha tido dificuldades para discriminar os sons, embora não tenha repetido.

Sujeito SR

Podemos dizer, após a avaliação, que SR tem uma audição dentro dos padrões de normalidade nas frequências graves e/ou médias e *Perda Auditiva Neurosensorial de grau moderado em agudos, em ambas as orelhas*, também provavelmente em decorrência de atividade funcional, uma vez que as frequências graves e/ou médias se encontram na faixa de intensidade normal e as frequências médias e/ou agudas encontram-se na faixa de intensidade referente ao grau moderado (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). Pelos resultados dos exames, poderia-se inferir que SR teve dificuldades para discriminar *logatomas*, decorrentes de alterações auditivas. Entretanto, atribuímos tais dificuldades às imprecisões articulatórias próprias de sua afasia.

SR julgou não ter ido muito bem ao exame e sente mais dificuldade para entender do lado direito (orelha direita). Tentou usar prótese auditiva para ver se melhorava, mas não obteve bons resultados e decidiu abandonar o uso do aparelho. Segundo ele, o aparelho apenas “aumentava” a capacidade de audição, mas continuava a ter a mesma dificuldade de “entender” o que ouvia.

Sujeito DP

DP tem audição dentro dos padrões de normalidade nas frequências graves e/ou médias e *Perda Auditiva Neurosensorial de grau moderado em agudos*, em ambas as orelhas, uma vez que as frequências graves e/ou médias se encontram na faixa de intensidade normal e as frequências médias e/ou agudas encontram-se na faixa de intensidade referente ao grau moderado (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). DP nos trouxe o exame que realizou em 2008 e constatamos que ela não teve alteração da configuração audiométrica em 2011. Além disso, DP não apresentou dificuldade para discriminar os estímulos de fala em ambos os exames e relatou que, atualmente, sente dificuldades para entender o que ouve em ambiente ruidoso. Queixa-se, também, de *zumbido*, diariamente.

Sujeito MA

MA tem audição dentro dos padrões de normalidade nas frequências graves e/ou médias, mas há *Perda Auditiva Neurosensorial de grau leve em agudos*, em ambas as orelhas, uma vez que as frequências graves e/ou médias encontram-se na faixa de intensidade normal e as frequências médias e/ou agudas encontram-se na faixa de intensidade referente ao grau leve (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). MA apresentou dificuldade leve na repetição de monossílabos, mas teve um bom desempenho com palavras dissílabas e trissílabas. Assim como vimos nos exames de SR e TR, MA que também tiveram dificuldades na repetição de *logatomas*.

Segundo MA, após o AVC sua audição *piorou*, segundo ela afetando mais o lado direito, principalmente em ambiente ruidoso.

Sujeito AL

AL obteve o resultado de *Perda Auditiva Neurosensorial de grau leve a moderado* em ambas as orelhas, uma vez que as frequências graves e/ou médias encontram-se na faixa de intensidade referente ao *grau leve* e as frequências médias e/ou agudas encontram-se na faixa de intensidade referente ao *grau moderado* (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). O exame de reconhecimento dos estímulos de fala não foi realizado com AL, uma vez que seu quadro se caracterizava como uma jargonafasia de grau severo, à época.

Sujeito MG

Os limiares auditivos obtidos no exame de MG estão dentro dos padrões de normalidade, compatíveis com o índice de audição normal (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE), confirmando os resultados da audiometria tonal.

MG nos disse que sente dificuldade na discriminação de palavras (sic MG), mas acreditamos que essa sensação seja decorrente do fato de ele ter lido o laudo do exame (2010) que revelava um déficit de *processamento auditivo central*.

A tabela abaixo (tabela 1) resume as etapas e resultados das avaliações auditivas básicas (AABs) realizadas pelos sujeitos afásicos.

Afásico	Meatos-Copia	Tonal OD-OE	LRF OD-OE	IPRF OD-OE Monossílabos	IPRF OD-OE Dissílabos	Tipo de Curva Tímpano- métrica	Reflexos
SR	Sem alteração	Curvas Descendentes	10-05	84%-88%	88%-100%	A	Presentes
AL	Sem alteração	Curvas Descendentes	25-20	—	—	A	Presentes
JM	Sem alteração	Curvas Descendentes	15-05	80%-88%	88% ---	A	Ausentes

DP	Sem alteração	Curvas Descendentes	20-25	96%-92%	—	A	Presentes
MA	Sem alteração	Curvas Descendentes	15-0	84%-88%	100% ---	C	Presentes
AC	Sem alteração	Curvas Descendentes	30-35	56%56%	80% -88%	A	Ausentes
MG	Sem alteração	Sem alterações	15-10	80%-92%	—	A	Ausentes
TR	Sem alteração	Sem alterações	10-05	100%-100%	—	A	Presentes

Tabela 1 – Resultados dos afásicos

2.1.2. Resultados obtidos nas avaliações (AABs) dos cuidadores

Sujeito Alc

Alc (esposa de AC) apresenta audição dentro dos padrões de normalidade nas frequências graves e/ou médias e *Perda Auditiva Neurosensorial de grau moderada a severa em agudos*, em ambas as orelhas, uma vez que as frequências graves e/ou médias encontram-se na faixa de intensidade normal e as frequências médias e/ou agudas encontram-se na faixa de intensidade referente ao grau moderado a severo (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). Alc apresentou leve dificuldade na discriminação dos estímulos de fala, com voz produzida em intensidade elevada, o que nos leva a pensar em uma perda auditiva com características de alteração neurosensorial. Alc foi orientada com relação aos cuidados relativos à saúde auditiva e encaminhada ao médico otorrinolaringologista para tratamento do quadro respiratório (constante secreção nasal, em excesso).

Alc se queixa de *zumbido* no ouvido há muito tempo, mas não apresentava dificuldade para escutar. Ao conversarmos sobre a configuração audiométrica de seu

exame, ela começou a se queixar que, às vezes, apresenta dificuldade para entender o seu marido – AC. Essa questão nos leva a pensar se a dificuldade da (inter) compreensão entre AC e Alc – geralmente atribuída à afasia de AC, também pudesse ser em parte explicada pela perda auditiva de Alc.

Sujeito Aot

Aot (marido de TR) apresenta audição normal. Pudemos constatar apenas na frequência de 8,00 kHz um rebaixamento de grau moderado em ambas as orelhas (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). Aot apresentou resultados na logaudiometria compatíveis com aqueles encontrados na audiometria tonal, comprovando a configuração audiométrica de sua audição. Aot nos relatou queixa de *zumbido*, além de outros problemas de saúde. Solicitamos que agendasse uma consulta com o otorrinolaringologista para que pudesse tratar de seus problemas relacionados ao quadro respiratório e auditivo. Verificamos que, após a realização dos exames, ele passou a ter mais cuidado com sua alimentação e começou a fazer atividades físicas.

Sujeito Aim

Aim (esposa de JM) apresenta audição dentro dos padrões de normalidade nas frequências graves e/ou médias e *Perda Auditiva Neurosensorial de grau leve em agudos*, em ambas as orelhas, uma vez que as frequências graves e/ou médias encontram-se na faixa de intensidade normal e as frequências médias e/ou agudas encontram-se na faixa de intensidade referente ao grau leve (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). O laudo surpreendeu Aim, que não esperava apresentar *perda auditiva*. Ela nos contou, após a realização dos exames, que, às vezes, não entende o que JM fala. Em outras palavras, parece que as dificuldades de (inter) compreensão entre JM e Aim são, ao menos parcialmente, explicáveis pela sua própria perda auditiva.

Sujeito Amx

Amx (esposa de SR) apresenta audição normal (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE), com resultados na logaudiometria compatíveis com aqueles encontrados na audiometria tonal, comprovando a configuração audiométrica de sua audição normal. Ela nos relatou que nunca teve problema de audição e entende bem as outras pessoas quando está conversando em ambiente ruidoso.

Sujeito Ajn

Ajn (irmão de MA) apresenta audição normal. Pudemos constatar, apenas na frequência de 8,00 kHz, um rebaixamento de grau moderado em ambas as orelhas (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). A logaudiometria apresentou resultados compatíveis com a audiometria tonal – o que era esperado, Ajn nos contou que decidiu acompanhar sua irmã no dia dos exames de audição, pois queria saber como estava sua própria audição.

Sujeito Ase

Ase (esposa de AL) apresenta os limiares auditivos dentro dos padrões de normalidade, compatíveis com o índice de audição normal (Fonte: laudo dos exames realizados no CEPRE). A logaudiometria confirmou os resultados da audiometria tonal, comprovando a configuração audiométrica de sua audição normal. Ase não se queixou de problemas de audição antes ou após os exames. A tabela abaixo (tabela 2) resume as etapas e resultados da avaliação auditiva básica (AAB) realizada pelos cuidadores dos afásicos.

Cuidador	Meatos-Copia	Tonal OD-OE	LRF OD-OE	IPRF OD-OE Monossílabos	IPRF OD-OE Dissílabos	Tipo de Curva Timpano- métrica	Reflexos
Amx	Sem alteração	Sem alterações	15-20	100%-100%	---	Não fez	Não fez
Ase	Sem alteração	Sem alterações	25-25	100%-100%	—	Não fez	Não fez

Aim	Sem alteração	Curvas Descendentes	05-0	96%-92%	---	A	Ausentes em 2kHz contra OD
Ajn	Sem alteração	Sem alterações	05-10	88%-92%	—	Não fez	Não fez
Alc	Sem alteração	Curvas Descendentes	10-10	100%-96%	---	C	Ausentes em contra OD
Aot	Sem alteração	Sem alterações	10-10	100%100%	---	A	Presentes

Tabela 2 – Resultados dos Cuidadores

3.Exames realizados para avaliar os limiares do reflexo acústico

Por meio da imitanciometria³⁶, pudemos verificar objetivamente se a membrana timpânica dos afásicos apresentava movimentos normais e se a pressão aérea encontrava-se semelhante nos seus dois lados, indicando o bom funcionamento (ou não) da tuba auditiva e a continuidade da cadeia ossicular (GRASEL et al, 2011). Constatamos que os afásicos SR, AL, DP, MA e AC apresentaram reflexos do músculo estapediano, porém não foram evidenciados reflexos nos exames de JM, MG e TR. Grasel et al (2011) recomendam a interpretação da imitanciometria em conjunto com os resultados das audiometrias tonal, vocal e da meatoscopia.

4.Considerações sobre os exames eletrofisiológicos

Embora não tenhamos realizado o exame eletrofisiológico com os sujeitos desta tese, julgamos importante tecer alguns comentários sobre seus objetivos, uma vez que em pesquisa futura, pretendemos retomar a investigação das relações entre os seus resultados e os quadros de afasia.

³⁶A mensuração do reflexo do músculo do estapédio (imitanciometria) independe das respostas do sujeito. No momento da realização do exame o paciente deve ficar imóvel para que sejam feitas as medidas necessárias de todo o percurso do nervo auditivo até o nervo facial. Movimentos corporais ou faciais podem levar à compressão dos músculos, acarretando na alteração de resultados.

Nesse exame, podemos avaliar a estimulação, captação, amplificação, medição e registro de atividades neurofisiológicas do sistema auditivo, sendo compreendidos a orelha interna, o nervo coclear, o tronco encefálico e o córtex, em resposta à estimulação, por meio de eletrodos, como descrevemos no capítulo 02 desta tese.

É um procedimento de registro de eventos bioelétricos da cóclea e do nervo coclear, sendo um método relativamente simples, rápido e que não depende de respostas diretas do sujeito avaliado, sendo confiável na avaliação objetiva da fisiologia coclear (SOUSA & ISSAC, 2011). Dependendo do local da lesão, pode haver comprometimento das vias de condução que conectam o córtex auditivo com outras áreas do cérebro, afetando vias auditivas centrais e/ou periféricas, o que também pode influenciar os processos de compreensão.

A avaliação da via auditiva central também pode ser realizada de forma objetiva, por meio dos exames eletrofisiológicos, que são os mais indicados para avaliar a integridade da via auditiva, a fisiologia e o local de lesões ou disfunções auditivas. Esses procedimentos são de grande utilidade para a avaliação audiológica de sujeitos como os afásicos, que podem não responder de forma adequada às avaliações comportamentais.

Potenciais Evocados Auditivos (PEA) são respostas bioelétricas frente à estimulação acústica, ou seja, referem-se a uma série de mudanças elétricas (neurais) que ocorrem tanto no sistema auditivo periférico quanto no central, do nervo auditivo até o córtex, em decorrência da introdução de um estímulo acústico. Estes potenciais fornecem uma medida objetiva sobre a integridade do sistema auditivo como um todo e podem ser classificados quanto à latência das ondas em potenciais de curta, média e longa latência. As duas principais razões para a utilização dos PEAs são: identificar o limiar de detecção do sinal acústico e inferir sobre a integridade funcional e estrutural dos componentes neurais da via auditiva.

O entendimento que temos sobre o *status* auditivo de um sujeito depende da interpretação de um avaliador em associação com outros exames, sendo assim, um resultado isolado traz informações importantes, mas é apenas parte de um cenário muito complexo (MENEZES et al, 2011). Este estudo, de natureza interdisciplinar, permite

contribuir com o conhecimento funcional do sistema auditivo, favorecendo as orientações fonoaudiológicas relacionadas às queixas de audição que frequentemente acompanham os quadros afásicos, mas que são sub-valorizadas.

Tivemos problemas técnicos para realizar o exame com os sujeitos desta pesquisa³⁷. Uma exceção foi o sujeito AL, que havia feito exame em uma clínica particular, com o seguinte resultado: “presença de onda V a 80 e 90 dBNA em ambas as orelhas”. Apresentou latências absolutas de ondas dentro da normalidade para sua faixa etária. A conclusão do laudo sugere *Perda auditiva Neurosensorial bilateral*, quadro compatível com a sua AAB, realizada no CEPRE; isto é, ele não apresenta perda auditiva retrococlear (decorrente de lesão na via auditiva, que leva ao tronco cerebral). Segundo os autores, o registro do Potencial Evocado Auditivo de Tronco Encefálico (PEATE) permite compreender a fisiologia das vias auditivas do tronco encefálico, diferenciando alterações cocleares daquelas do VIII nervo (vestibulococlear).

5. A avaliação de “processamento auditivo”

O “processamento auditivo” é um conceito modular, compatível com a definição proposta pela ASHA (2005) e, evidentemente, orienta as avaliações feitas na área. Enfatiza as contrapartes orgânicas do funcionamento auditivo, seja aquela responsável pelo reconhecimento da produção sonora e discriminação auditiva, seja a região responsável pelo *processamento central* propriamente dito, verificado nos testes por meio da repetição de palavras ou frases.

Na literatura da área, como no trabalho de Pereira (1997), o processamento auditivo central é geralmente concebido em termos de etapas ou fases, como uma série de processos que se sucedem no tempo. Embora o teste permita verificar o nível de audição em termos puramente corticais, uma vez que seu limite é o funcionamento auditivo até o

³⁷O aparelho para realizar exames eletrofisiológicos estava em manutenção à época da realização dos demais procedimentos de avaliação.

Colículo Olivar Superior (COS), os resultados são interpretados pelos avaliadores como problemas de outra natureza cognitiva, como déficits de memória, atenção e compreensão.

Para a ND, os resultados dos exames de processamento auditivo realizados com *palavras isoladas e frases* não podem ser interpretados de forma a extrapolar a análise para questões de natureza complexa como *linguagem, memória e compreensão*, dentre outros. No caso das afasias, torna-se ainda mais complexo, pois os sujeitos nem tem à disposição os recursos verbais para responder às questões do teste. Segundo Queiroz (2010), do ponto de vista linguístico-cognitivo, o “erro” cometido por um sujeito no teste de processamento auditivo significa entender a compreensão como decodificação de sons e desprezar os fatores implicados na atribuição de sentido.

Apenas para ilustrar a questão, inserimos um trecho do laudo de exame de processamento auditivo central do sujeito MG:

(...)Alterações nas habilidades de figura-fundo para sons verbais e não verbais e ordenação temporal. Configurando desta forma, um distúrbio do processamento auditivo do tipo de codificação, decodificação e prejuízo gnósico não-verbal. Como conduta, sugerimos treinamento auditivo formal em cabina acústica.

6. Considerações finais sobre o funcionamento auditivo no âmbito do estudo das afasias

O funcionamento auditivo - como vimos ao longo do trabalho - é uma das facetas do fenômeno da compreensão. Poderíamos nos referir a ela como a *interface sensorial da compreensão*, já que defendemos o conceito de compreensão como uma noção ampla, na qual estão imbricadas todas as possibilidades de um Sistema Funcional Complexo – linguagem, memória, atenção, as diversas formas de percepção (visual, auditiva, tátil). Mais ainda, de um funcionamento que não prescinde do *Outro*. Por isso vimos nos referindo à compreensão como (inter) compreensão, compatível com os demais conceitos que mobilizamos nesta tese de orientação discursiva.

Ao considerarmos o uso de recursos alternativos de significação nas avaliações auditivas (logaudiometria) que realizamos com os afásicos, foi possível constatar alterações auditivas na grande maioria dos sujeitos, sendo que apenas MG e TR apresentaram resultados compatíveis com a normalidade. Entre os sujeitos não-afásicos (cuidador informal), encontramos alterações auditivas nos sujeitos Aim (esposa de JM) e Alc (esposa de AC). Ambas relataram, ao final do exame, dificuldades para entender seus respectivos companheiros, o que nos faz pensar que nem sempre a dificuldade de (inter) compreensão deva ser atribuída ao afásico, uma vez que esta também depende da integridade sensorial do seu interlocutor. Este capítulo buscou oferecer uma contribuição embasada na visão discursiva de afasia, discutindo questões ainda não previstas nos protocolos padronizados da AAB, dentre as quais a de considerar como *corretas* as respostas não-verbais (por meio de gestos, desenhos e enunciados escritos) que identifiquem a palavra ouvida pelos sujeitos.

CAPÍTULO 4

Os instrumentos metalinguísticos na avaliação de *compreensão*

A compreensão de uma obra em uma língua bem conhecida (ainda que seja materna) sempre enriquece a nossa compreensão de tal língua como sistema (BAKHTIN, 1979/2003: 316).

Introdução

O principal objetivo deste capítulo, intitulado *Os instrumentos metalinguísticos na avaliação de compreensão*, é avaliar, a partir da análise dos dados que emergiram em situações experimentais com afásicos, as dificuldades (ou não) dos sujeitos para compreenderem sentenças e narrativas curtas, o que poderia nos dar pistas sobre como operam com as unidades da língua – palavras e frases de diferentes complexidades, nos processos de interpretação.

À medida que formos apresentando os protocolos, procederemos também a uma análise crítica acerca dos limites dessas avaliações e à forma como são aplicados tradicionalmente. Como já dissemos no Capítulo 2, trabalhamos com esses protocolos sem seguir os procedimentos recomendados nos manuais – cronometrar o tempo, reduzir as pistas pragmáticas, quantificar as respostas, etc. Utilizamos os subtestes das baterias de Boston e PALPA apenas como experimentos para orientar o olhar para questões mais específicas da língua e para que pudéssemos avaliar as estratégias dos sujeitos para interpretar, enquanto respondiam às questões.

Em trabalho recente, de Fugiwara & Novaes-Pinto (2013)³⁸, apresentamos as análises iniciais dos resultados das duas baterias neuropsicológicas – BDAE e PALPA³⁹

³⁸Muitas das questões relativas à aplicação do BDAE e do PALPA, bem como a análise crítica desses procedimentos, foram extraídas deste trabalho das autoras.

que visam analisar o comprometimento da compreensão de sujeitos afásicos. Esses testes servem tanto para compor o diagnóstico e a tipologia das afasias como, segundo Goodglass & Kaplan (1995), para orientar o acompanhamento terapêutico.

Segundo Novaes-Pinto (1999; 2004), um dos problemas relativos à avaliação de compreensão nas afasias é que a maior parte das baterias foi desenvolvida para testar crianças em processo de *aquisição de linguagem* (normal ou patológica). A autora cita as reflexões de Corrêa (1995), quando esta afirma que também no campo da aquisição as avaliações seguem orientações metodológicas que visam eliminar a interferência de variáveis de natureza contextual ou mesmo semântica, partindo do pressuposto de que a criança fará a “análise” do enunciado somente com base em seu conhecimento gramatical. Segundo a autora, Chomsky sugere que “o estudo do desenvolvimento linguístico deva despir o uso da língua de quaisquer fatores cuja atuação possa levar a criança a um desempenho satisfatório, independentemente do conhecimento gramatical que possua” (Corrêa, 1996: 31). A autora questiona se isso é possível, ou seja, se o acesso ao *conhecimento linguístico* é factível. Segundo ela, a técnica mais comumente adotada na área de aquisição de linguagem para abordar questões relativas à *compreensão* é a da manipulação de brinquedos, a partir da apresentação de sentenças, como por exemplo: *O leão empurrou a girafa que chutou o porco*.

Nos testes que visam avaliar a compreensão de afásicos, em vez de manipularem brinquedos, como é feito com crianças, os sujeitos devem apontar para figuras desenhadas – geralmente descontextualizadas - e responderem às questões. Além disso, há em geral muitos problemas de tradução⁴⁰. Segundo Fugiwara & Novaes-Pinto (2013: 906), isso “se justifica pela necessidade de sua *validação*, que só é atestada se estiver de acordo com critérios internacionalmente estabelecidos”, pois se privilegia a *normatização*, em detrimento das singularidades que marcam a presença do sujeito e da cultura na língua.

³⁹Como vimos no capítulo 2, as siglas BDAE e PALPA referem-se, respectivamente, ao *Boston Diagnostic Aphasia Examination*, elaborado por Goodglass & Kaplan (1995) e ao *Psycholinguistic Assessments of Language Processing in Aphasia*, de Kay et al (1992).

⁴⁰A esse respeito, ver a crítica feita por Novaes-Pinto (1999) acerca da (má) tradução – em geral feita quase que literalmente – e falta de adaptação dos testes às características culturais de cada país.

Passamos, a seguir, a apresentar dados relativos ao trabalho que desenvolvemos com os sujeitos desta pesquisa em situações que podemos considerar “experimentais”, quando comparados àqueles que emergiram em situações dialógicas nas sessões coletivas e individuais no CCA.

1.Dados relativos às situações experimentais com sujeitos afásicos

Trazemos para esta reflexão alguns dados que emergiram em situações experimentais com sujeitos afásicos, em tarefas que se propõem a avaliar a compreensão. Os primeiros (1.1) foram obtidos por meio do trabalho realizado com a Prova de Compreensão Auditiva⁴¹ da BDAE, elaborada por Goodglass & Kaplan (1995) e os demais (1.2) a partir das atividades com sub-testes da bateria PALPA, de Kay et al (1992). À medida que forem sendo apresentamos, faremos nossas considerações tanto a respeito dos testes e seus limites quanto sobre as respostas dos sujeitos da pesquisa e de que forma esses dados nos permitem inferir acerca das suas dificuldades nas tarefas, bem como o que as respostas dadas por eles nos dizem acerca dos processos de compreensão.

1.1.Prova de *Compreensão Auditiva* do BDAE

O teste de Compreensão Auditiva do BDAE é composto por quatro narrativas curtas⁴² que são lidas para o sujeito que, em seguida, deverá responder apenas “sim” ou “não” aos pares de perguntas feitas. Na aplicação do teste, para fins de diagnóstico, a pontuação é atribuída apenas quando o sujeito acerta o *par* de respostas. O trabalho com essas narrativas foi realizado primeiramente por Novaes-Pinto (1999), com o objetivo de analisar criticamente a BDAE e o fato de esta servir para categorizar diferentes tipos de afasias. Decidimos repetir este experimento, por acreditarmos que apesar de seus limites, seria possível inferir sobre algumas das dificuldades para compreender e também sobre as estratégias desenvolvidas pelos afásicos ao longo da atividade. Em seguida, transcrevemos as três histórias que selecionamos para o trabalho e inserimos, após cada uma, as respostas dos sujeitos, que foram vídeo-gravadas e podem ser comparadas àquelas consideradas corretas no teste (última coluna da tabela).

⁴¹Essas provas foram traduzidas por Novaes-Pinto (1999) a partir da versão em espanhol.

⁴²Optamos por apresentar apenas três narrativas para que o trabalho pudesse ser feito com cada um dos sujeitos em apenas uma sessão individual do CCA.

É relevante lembrar que a literatura afasiológica relaciona diretamente as dificuldades de compreensão às afasias ditas *fluentes*. Por isso, decidimos priorizar a *fluência* como critério para comparar os resultados dos sujeitos afásicos: dois considerados *fluentes* (MG e AC) e um *não-fluente* (JM)⁴³.

História 1: [Uma mulher entra em uma sapataria e diz ao atendente: “Boa tarde, vim comprar uns sapatos”. O atendente começou a trazer os modelos e a mulher os experimentava. Depois de um bom tempo, ela por fim decidiu-se e disse: “O que eu quero são uns sapatos de crocodilo”. O atendente, já desesperado, lhe respondeu: “Mas a senhora não sabe que os crocodilos não usam sapatos?”]

1a) Demorou muito tempo para a mulher decidir-se?

1b) Quando ela entrou na sapataria, ela sabia o tipo de sapatos que queria?

2a) A mulher comprou os sapatos que queria?

2b) Ela acabou ficando sem os seus sapatos de crocodilo?

PERGUNTA	MG	AC	JM	RESPOSTA ESPERADA
1-a	Sim	Sim	Não	Sim
1-b	Não	Sim	Não	Não
2-a	Não	Não	Não	Não
2-b	Sim	Sim	Não	Sim

Tabela 03 – Respostas dos sujeitos MG, AC e JM

Com relação às perguntas feitas sobre a História 1, Novaes-Pinto (1999: 142) afirmou que essas extrapolam as informações contidas nas narrativas e, assim, induzem o

⁴³Não nos deteremos, neste trabalho, na discussão acerca do par *fluente* vs *não-fluente*, mas não podemos deixar de apontar que se trata de outra questão relevante nos estudos das afasias. A esse respeito, ver Novaes-Pinto (2012b): *O conceito de fluência nas afasias*.

sujeito a errar no teste. Segundo a autora, “na história da mulher que queria comprar sapatos de crocodilo, por exemplo, a ambiguidade só existe fora do mundo real, num mundo imaginário, no qual se possa conceber que os sapatos sejam *para* o crocodilo e não *feitos de* couro de crocodilo”. É daí que vem o tom de estranhamento que causa o humor. Em seu trabalho, foi possível concluir que dois afásicos logo perceberam que se tratava de uma piada, tanto é que riram ao final. Entretanto, na hora de responder às questões, tiveram dúvidas e erraram as respostas. Um deles disse que não sabia se quando a mulher entrou na sapataria, já sabia o que queria – resposta que procede, uma vez que ela pode ter se decidido a respeito dos sapatos apenas após ter visto tantos outros pares (e que seria a resposta correta, de acordo com o teste). Outro sujeito respondeu que não sabia se a mulher tinha ou não comprado os sapatos que queria. A história de fato não deixa claro se isso aconteceu.

Não se pode justificar a anulação de uma resposta correta por outra incorreta, a nosso ver, porque as sentenças não são opostas dentro do mesmo par; isto é, não contém a mesma informação semântica, sendo apenas uma a negativa da outra (Por exemplo, as sentenças: 1a) *Demorou muito tempo para a mulher decidir-se?* e 1b) *Quando ela entrou na sapataria, ela sabia o tipo de sapatos que queria?*). Seria justificável anular o par, apenas se 1-b fosse uma sentença como: 1-b*: *Demorou pouco tempo para a mulher decidir-se?* Neste caso, se estaria avaliando se o sujeito percebeu a diferença entre *muito tempo* e *pouco tempo*. Esses critérios já nos mostram que a bateria privilegia o erro e não aquilo que o sujeito consegue produzir/compreender (COUDRY 1986/1988).

Quanto aos sujeitos desta pesquisa, temos que para esta primeira narrativa, MG acertou todas as respostas e AC errou apenas uma – 1-b – lembrando que, pelos critérios de avaliação, ele teria errado o primeiro par (1-a e 1-b), ou seja, teria acertado apenas metade das respostas para a História 1. O sujeito JM errou duas respostas – 1-a e 2-b – portanto, uma de cada par. Novamente vemos que, pelos critérios do teste, teria errado a questão inteira.

Ao ser perguntado se quando a mulher entrou na sapataria, sabia o tipo de sapato que queria, AC respondeu: *Com certeza!* Apesar de ele ter errado a resposta

esperada pelo teste, a dúvida deriva do fato de que isso não está explicitado na história. Pode-se imaginar que ela já soubesse e não tivesse encontrado os sapatos na vitrine e só depois ter dito ao atendente o que queria, mas também que tivesse decidido após algum tempo, depois de ter visto outros pares.

Quanto às respostas “erradas” de JM, podemos levantar a hipótese de que ele não tenha prestado atenção na expressão “depois de um bom tempo”, durante a narrativa, o que permitiria acertar a resposta 1-a: “que ela demorou muito tempo”. Podemos imaginar que não tenha “ouvido”, justamente por se tratar de um detalhe na história, que pode não ter sido enfatizado pelo leitor/avaliador.

Outras questões acerca das diferenças entre esses sujeitos serão discutidas após a análise das outras duas narrativas. A seguir, passamos à segunda história:

História 2: [Encontraram-se pela rua dois amigos. Um era mineiro e outro era um gaúcho, que estava muito triste. O mineiro lhe perguntou: "Que está acontecendo, homem?" e o gaúcho respondeu: "É que ando muito mal de dinheiro. Se você pudesse me emprestar um pouco ... ". O mineiro tirou a carteira e lhe deu 100 reais mas o gaúcho, em vez de se alegrar, começou a chorar. O mineiro, estranhando, lhe perguntou: "Mas o que agora?" e o gaúcho respondeu: "É que tenho a impressão de que não nos veremos mais".]

1a) O gaúcho estava triste?

1b) Estava contente o gaúcho?

2a) Quando o mineiro deu dinheiro a seu amigo, ele ficou contente?

2b) Quando o mineiro deu dinheiro a seu amigo, este começou a chorar?

PERGUNTA	MG	AC	JM	RESPOSTA ESPERADA
1-a	Sim	Sim	Sim	Sim
1-b	Não	Não	Não	Não

2-a	Não	Não	Sim	Não
2-b	Sim	Sim	Sim	Sim

Tabela 04 – Respostas dos sujeitos MG, AC e JM

Quanto a esta segunda narrativa, o fato de as perguntas serem opostas uma a outra, dentro do mesmo par, pode ter colaborado para que os sujeitos em geral acertassem. MG e AC não apresentaram erros. JM errou a sentença 2-a (*Quando o mineiro deu dinheiro a seu amigo, ele ficou contente?*). Antes de dar a resposta “sim”, JM disse: “E, agora, eu não:: acho que sim”. Não é possível saber, com certeza, o que levou JM a dar essa resposta. Além de demonstrar incerteza, a sua resposta pode ter sido dada não com base na narrativa (que dizia que o gaúcho, em vez de ficar contente, chorou), mas porque JM percebeu que se tratava de uma farsa. O gaúcho se fez de triste e começou a chorar, afirmando que talvez nunca mais fosse rever o mineiro, mas evidente que estava contente porque havia conseguido o dinheiro. Vale ainda ressaltar que a referência de “ele” pode ter sido ambígua: *quem chorou? O mineiro ou o gaúcho?*

Passemos, agora, à terceira narrativa:

História 3: [Os filhotes de leão já nascem com um profundo instinto para a caça. Em suas brincadeiras, se perseguem e se lançam uns sobre os outros, como se estivessem lutando. Ao primeiro ano de sua vida, estas brincadeiras transformam-se em uma técnica eficaz para atacar e matar suas presas. Essa habilidade se adquire depois de muita prática e da imitação dos leões maiores.]

1a) Esta história nos diz como se caça leões?

1b) Esta história nos diz como os leões aprendem a caçar?

2a) Esta história nos diz que os leões são hábeis caçadores desde que nascem?

2b) Esta história nos diz que os leões precisam praticar antes de caçar?

PERGUNTA	MG	AC	JM	RESPOSTA ESPERADA
-----------------	-----------	-----------	-----------	--------------------------

1-a	Sim	Não	Não	Não
1-b	Não	Não	Sim	Sim
2-a	Sim	Sim	Sim	Não
2-b	Sim	Não	Sim	Sim

Tabela 05 – Respostas dos sujeitos MG, AC e JM

Em relação aos resultados dos três sujeitos, temos que MG errou três das quatro respostas da História 3, o que não poderíamos prever, tendo ele acertado todas as questões das histórias 1 e 2. Cabe ressaltar que MG solicitou que as três histórias fossem repetidas após a primeira leitura. Ao final da História 3, ele diz: “Tem alguma coisa errada aí, mas tudo bem”, o que poderia indicar que de fato ele não havia compreendido a narrativa muito bem. Na primeira resposta, à pergunta *Esta história nos diz como se caça leões?*, MG diz: “Deveriam, mas sim”. O fato de MG ter respondido “deveriam”, no plural, nos leva a pensar que ele se referisse aos *leões* – como estes caçam. Por isso respondeu que “sim”. Não temos como inferir sobre o que o levou a errar na pergunta 1-b (*Esta história nos diz como os leões aprendem a caçar*). Provavelmente porque não pense que sejam *ensinados*. Só acertou a última – 2-b (*Esta história nos diz que os leões precisam praticar antes de caçar suas presas*), que está explícita literalmente na narrativa (“Essa habilidade se adquire depois de muita prática e da imitação dos leões maiores”).

Assim como MG, AC também errou todas as respostas, menos a primeira para responder às perguntas referentes a essa história. Ao final da narrativa, AC diz: “Não entendi”. O avaliador lê novamente a história e a cada pergunta AC, sem responder “sim” ou “não”, como exige o teste, vai interpretando a narrativa, a partir de sua experiência contrapondo o leão, primeiramente, a gato: “gato nasce sabendo brincar” e depois à criança: “criança não nasce sabendo”. Trata-se de uma estratégia pragmático-discursiva utilizada por AC para lidar com as dificuldades impostas pelo teste. Outras respostas de AC evidenciam isso, por exemplo, quando diz: “quando estão com fome, a fome obriga eles a caçar”, para a pergunta 1-b (*Esta história nos diz como os leões aprendem a caçar?*).

JM também demonstrou dificuldade para responder as perguntas da terceira história, embora tenha errado apenas uma delas (2-a). Ao analisarmos suas respostas, durante a atividade, vemos que o tempo todo ele se mostra inseguro para responder. Na primeira pergunta (1-a): *Esta história nos diz como se caça leões?* JM respondeu da seguinte forma: “está... não, não, não”. Na segunda pergunta *Esta história nos diz como os leões aprendem a caçar?*, diz: “Oh, e::u, acho que, os dois, eh::, não tá, num tô, num tô.” A avaliadora pergunta se ele quer que repita a pergunta 2-a, que ele errou, e JM diz: “vai, isto!” e logo após ele responde “sim”.

Uma observação que podemos fazer com relação às três histórias é que houve uma mudança no gênero discursivo. Enquanto as histórias 1 e 2 são narrativas fictícias – que se assemelham às piadas – a história 3 seria um texto descritivo mais complexo.

Esses primeiros resultados mostram que não se pode correlacionar diretamente dificuldades de compreensão com o tipo de lesão, como faz a literatura organicista, e nem dicotomizar *produção* e *compreensão*, já que sujeitos com diferentes formas de afasia podem apresentar dificuldades para interpretar devido a outros motivos – como o gênero discursivo em questão, o conhecimento que se tem do tema e os pressupostos que são mobilizados para interpretar cada novo enunciado, o que torna cada caso singular.

Os resultados apontados no trabalho de Fugiwara & Novaes-Pinto (2013), portanto, indicam que o teste não ajuda a diferenciar as dificuldades de compreensão entre os sujeitos e nem a relacioná-las aos diferentes tipos de afasia – o que seria outro objetivo da prova (a classificação dos casos em uma semiologia). Os resultados mostram, por exemplo, que AC (fluente) e JM (não-fluente) tiveram o mesmo número de acertos e erros no teste.

A seguir, discutiremos os dados que emergiram ao longo do trabalho desenvolvido com subtestes da bateria PALPA.

1.2.Prova de compreensão do PALPA

A partir de agora, discutimos alguns dos resultados obtidos com a avaliação de compreensão proposta pela bateria PALPA, que consiste de um conjunto de 60 pranchas,

cada uma contendo três figuras, dentre as quais o sujeito deve apontar apenas uma relacionada ao significado de uma sentença lida oralmente. A figura 11 reproduz uma das pranchas, que é mostrada ao afásico enquanto se lê a sentença 1: *O cavalo está chutando o homem.*

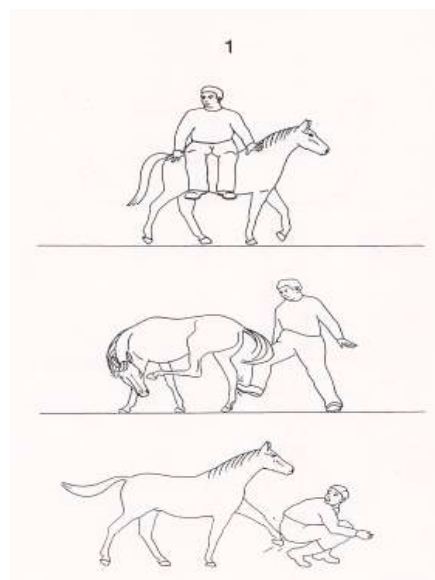


Figura 11 - Prancha 1 (Bateria PALPA)

Depois de testar outras sentenças, uma prancha idêntica a número 1 é mostrada, mas desta vez para se avaliar a estrutura passiva da sentença: *O homem está sendo chutado pelo cavalo* (sentença 41).

A primeira consideração relevante a ser feita acerca das sentenças apresentadas é que o sentido dessas duas sentenças – seu valor semântico – corresponde a uma única ação: *o cavalo chuta o homem*, realizada na forma ativa: *o cavalo está chutando o homem* e na forma passiva: *o homem está sendo chutado pelo cavalo*. A hipótese inicial, considerando-se o que a literatura tradicional diz a respeito, seria a de que os sujeitos tenderiam a apresentar maiores dificuldades de compreensão nas sentenças passivas (KOLK et al, 1985). Esta é uma das questões que visamos esclarecer a partir do trabalho com este sub-teste da bateria.

No trabalho com a bateria PALPA, participaram os sujeitos SS, JM, MA (não-fluentes) e AC e MG (fluentes). A primeira consideração que fazemos é que houve grande

variação entre os resultados dos sujeitos, como veremos na série de tabelas que apresentaremos. A primeira delas (**Tabela 6**) refere-se às sentenças que estamos chamando de “reversivas”, como já exemplificamos acima, ao apresentarmos a resposta do sujeito AC ao par 1/41.

SS	JM	AC	MG	MA	SENTENÇAS
o – x	o – o	x – o	o – o	x – o	1 – 41 (ativa – passiva)
o – o	o – o	o – o	o – X	o – o	3 – 38 (passiva – ativa)
o – X	o – o	X – o	X – o	o – o	4 – 54 (ativa – passiva)
o – o	X – X	X – o	X – o	X – X	16 – 49 (passiva – ativa)
o – o	o – o	o – o	o – o	o – o	21 – 44 (passiva – ativa)
o – X	X – o	o – X	o – o	o – X	18 – 47 (ativa – passiva)

Tabela 6⁴⁴: Resultados de sentenças correspondentes - ativa & passiva

LEGENDA: o: resposta correta; x: resposta errada.

Iniciamos a análise apontando para o fato de que todos os sujeitos acertaram o par 21/44⁴⁵ (*O homem está sendo puxado pelo cavalo // O cavalo está puxando o homem*) e acreditamos que isso se explique, parcialmente, pela clareza da figura e por questões relativas às expressões da língua: cavalos dão coice, puxam, etc. Outro fator que explica

⁴⁴Os pares de sentenças utilizadas no teste (tabela 6) estão transcritos a seguir: 3/38 - *O gato está sendo carregado pelo cavalo // O cavalo está carregando o gato*; 4/54 - *O gato está lambendo o homem // O homem está sendo lambido pelo gato*; 16/49 - *O cavalo está sendo perseguido pela menina // A menina está perseguindo o cavalo*; 21/44 - *O homem está sendo puxado pelo cavalo // O cavalo está puxando o homem*; 18/47 - *O homem está seguindo o cachorro // O cachorro está sendo seguido pelo homem*.

⁴⁵Ver Figura 11.

que os sujeitos tenham acertado é que ambas as sentenças são possíveis no mundo real. Do ponto de vista da estrutura, observamos que a ordem dos sintagmas nominais: *o homem* e *o cavalo* na sentença 21 não parece ter sido um problema para nenhum dos sujeitos, contrariamente ao que sugere a literatura. Esta constatação nos move para o passo seguinte da análise, com o objetivo de avaliar se os sujeitos tiveram maiores dificuldades com as demais sentenças passivas. A esse respeito, temos que:

- ✓ A sentença passiva 3: *o gato está sendo carregado pelo cavalo* – também foi acertada por todos os sujeitos. Nesse caso, além da figura ser clara (em apenas uma das figuras há um gato em cima do cavalo), há outro ponto a ser enfatizado: não haveria possibilidade, no mundo real, de um gato carregar um cavalo. Há que se considerar, entretanto, que só acertaram a resposta relacionando a figura à sentença passiva porque interpretaram corretamente o valor semântico do verbo *carregar* e atribuíram corretamente os seus argumentos – ou seja, quem são os sujeitos e os complementos (objetos) do verbo.

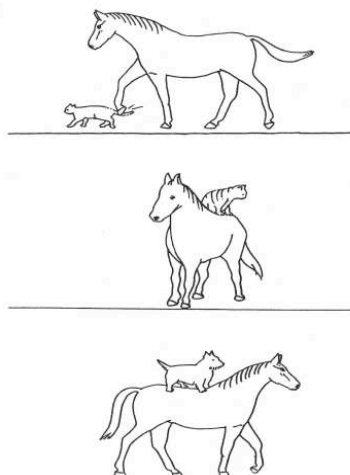


Figura 12 – Prancha 38 (Bateria PALPA)

- ✓ Com relação às sentenças passivas 41 e 54, todos os sujeitos, menos SS, acertaram (41: *O homem está sendo chutado pelo cavalo*; 54: *o homem está sendo lambido pelo gato*). Com relação à sentença 41 do teste (cuja figura já foi inserida anteriormente – Figura 11), podemos arriscar uma hipótese para

o erro de SS. Trata-se da representação pictórica de como o cavalo está chutando o homem, que não é forma a mais comum de um cavalo chutar. O sujeito AC já havia feito um comentário sobre a mesma figura, que já comentamos anteriormente. Quanto a SS, ela já havia acertado a sentença ativa, relativa à figura. Talvez SS de fato seja, dentre todos os sujeitos, a que tenha dificuldades com estruturas sintáticas mais complexas, como as passivas.

- ✓ Com relação à sentença 16 (*o cavalo está sendo perseguido pela menina*), apenas SS acertou. O fato de ela ser tão detalhista (o que sabemos pela sua participação nas sessões do CCA) pode ter contribuído para ela perceber, apesar da representação imagética bidimensional (pelos movimentos da menina – o desenho dos braços e pernas em movimento), que ela perseguiu o cavalo (Figura 13). Esse limite da figura pode ter influenciado a percepção dos demais sujeitos. Que ela não estaria correndo atrás do cavalo. O fato de JM e MA terem errado também a sentença ativa correspondente mostram que pode ter havido, de fato, problemas com a interpretação do verbo “perseguir” – seu escopo em relação ao verbo “seguir”, por exemplo.

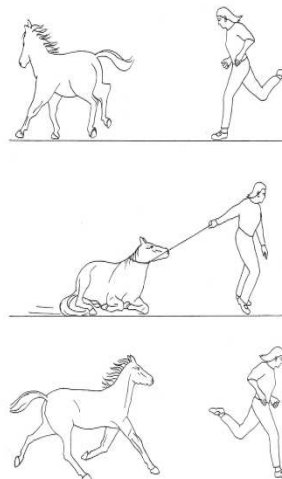


Figura 13 – Prancha 16 (Bateria PALPA)

- ✓ A última sentença passiva é a número 47 (*o cachorro está sendo seguido pelo homem*). Apenas os sujeitos JM e MG acertaram. Talvez o que explique o erro, no caso dos demais sujeitos, é o fato de que normalmente é o cachorro que segue o homem, não o contrário. Entretanto, não temos mais pistas sobre as respostas para formular outras hipóteses sobre os erros dos sujeitos SS, MA e AC.

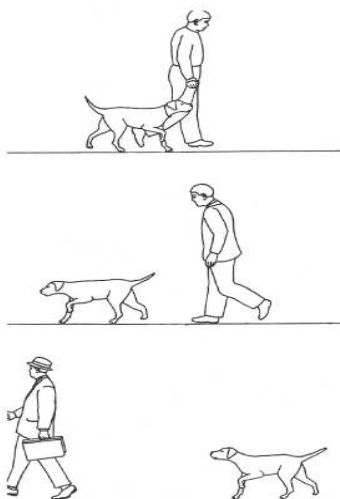


Figura 14 – Prancha 47 (Bateria PALPA)

O que podemos concluir, portanto, acerca das passivas, a partir dos resultados deste subteste, é que não há uma quantidade significativa de erros que justifique afirmar que os sujeitos tenham dificuldades com esta estrutura. Das 30 sentenças passivas testadas no total (6 sentenças para 5 sujeitos), apenas 9 erros foram cometidos (30%), dentre os quais alguns justificados pela má qualidade das figuras. Desses 9 erros, 3 foram dos sujeitos fluentes (2 de AC e 1 de MG) e 6 dos sujeitos não-fluentes (3 de SS, 2 de MA e 1 de JM).

Vemos, portanto, que não há uma diferença significativa entre sujeitos fluentes e não fluentes com relação às dificuldades com as sentenças passivas.

A seguir, faremos uma breve tentativa de análise dos resultados relativos às sentenças ativas, correspondentes às sentenças passivas já analisadas. Iniciamos, novamente, por aquelas que todos os sujeitos acertaram. As de número 38 (*o cavalo está*

carregando o gato) e a 44 (o cavalo está puxando o homem). Quanto à segunda (44), trata-se daquela figura para a qual todos os sujeitos acertaram o par, como vimos acima. A de número 38 também se explica que tenham acertado pelo mesmo motivo, ou seja, a de que o oposto seria impossível – o gato carregar o cavalo. Argumentamos que os sujeitos teriam interpretado corretamente o verbo “carregar” e atribuído corretamente a ele os seus argumentos (sujeito e objeto).

As sentenças 1 (*o cavalo está chutando o homem*) e 18 (*o homem está seguindo o cachorro*) obtiveram respostas erradas de MA e JM respectivamente. A explicação para os erros pode ser a mesma, do ponto de vista semântico, daquela que colocamos acima, para as passivas (o modo como o cavalo chuta e que normalmente é o cachorro quem segue o homem).

Os sujeitos JM e MA erraram a sentença 49 (*a menina está perseguindo o cavalo*). Neste caso, lembramos que esses dois sujeitos erraram o par (ativa e passiva), o que pode significar um problema com a interpretação semântica do verbo *perseguir*, além da influência do limite bidimensional da figura, como já comentado anteriormente. Os sujeitos AC e MG erraram a sentenças 4 (*o gato está lambendo o homem* – figura 15). O sujeito AC pode ter confundido, na avaliação desta sentença, o homem com a menina (de exemplos anteriores). Isso pode ser devido à representação pictográfica desses personagens do teste. Não conseguimos formular uma hipótese para o erro de MG nesta sentença, já que ele acertou a passiva correspondente e este foi seu único erro, nas sentenças ativas.

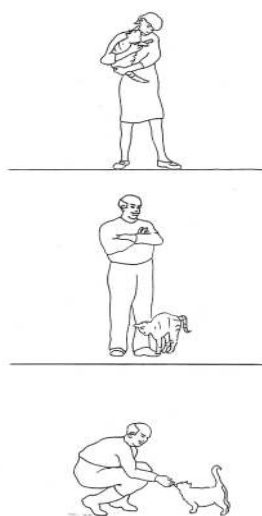


Figura 15 – Prancha 04 (Bateria PALPA)

Do total de 30 testes (6 sentenças ativas para cada um dos 5 sujeitos), foram feitos apenas 6 erros (20%). Desses, 2 erros dos sujeitos fluentes (1 de AC e 1 de MG – a mesma sentença) e 4 erros dos sujeitos não-fluentes (2 de JM, 2 de MA, 0 de SS). Novamente, vemos que o teste não nos ajuda a perceber a diferença na dificuldade de compreensão de estruturas ativas entre sujeitos fluentes e não-fluentes e nem entre estruturas ativas e passivas. Vimos que nas ativas os sujeitos erraram um pouco menos que nas passivas (30% nas passivas, 20% nas ativas), mas a diferença não é significativa quando se observa os resultados de cada sujeito – o que cada um erra.

Passamos, agora, a apresentar os resultados de sentenças do mesmo subteste em que outras categorias sintático-semânticas estão envolvidas. Enfatizamos que essa divisão foi feita por nós, para possibilitar a análise. O teste da bateria PALPA apenas lista o conjunto de sentenças.

A tabela seguinte (**Tabela 7**) traz os resultados de duas sentenças constituídas por elementos comparativos (maior que/ menor que).

SS	JM	AC	MG	MA	SENTENÇAS
o	o	O	o	o	2
o	o	O	o	o	12

Tabela 7⁴⁶: Resultados de sentenças comparativas (Bateria PALPA)

LEGENDA: o: resposta correta; x: resposta errada

Todos os sujeitos acertaram as respostas para as duas sentenças envolvendo relações comparativas: 02 (*a menina é mais alta do que o cachorro*) e 12 (*O homem é mais magro do que o cavalo*), apesar de serem comparações que ninguém faz, ou seja, não se compara um humano a um não-humano com relação a ser mais alto que ou mais magro que. Com apenas duas sentenças não se pode concluir sobre as dificuldades (ou não) de compreensão dos sujeitos sobre essas estruturas.

A **Tabela 8**, a seguir, refere-se à avaliação de itens lexicais verbais com valores semânticos opostos; no teste considerados “reversivos” (comprar/vender; dar/receber). Há, no sub teste da bateria PALPA dois pares de sentenças a serem analisadas.

⁴⁶As sentenças utilizadas no teste (Tabela 7) estão transcritas a seguir: 2 – *A menina é mais alta do que o cachorro*; 12 – *O homem que é mais magro que o cavalo*.

SS	JM	AC	MG	MA	SENTENÇAS
o-o	o-o	x -o	o- x	o-x	80-31
o-x	o-o	o-o	o -x	x -o	29-51

Tabela 8⁴⁷: Resultados de sentenças com reversivos lexicais (Bateria PALPA)

LEGENDA: o: resposta correta; x: resposta errada.

Apesar de realizar parafasias de natureza semântica – em itens lexicais do mesmo campo semântico e muitas vezes opostos – em episódios dialógicos, como veremos no próximo capítulo (ver episódio 5), JM não errou nas respostas destas sentenças.

AC errou apenas a sentença 8 (*A menina está comprando o gato*). Chamamos a atenção para o fato de que AC atenta muito para o contexto da figura 16 e nesta, especificamente, observa-se que o lugar parece um mercado, onde se pagaria pelo gato numa caixa registradora. Nos pareceu, no momento da avaliação, que ele parecia não ter compreendido, mas apontou para uma outra figura, na qual havia um homem. Imaginamos que sua dificuldade tenha novamente sido a de identificar a menina (como fez na sentença 4), uma vez que ele acertou a sentença 31 (*A menina está vendendo o gato*). Esta sentença, por sua vez, obteve respostas erradas de MG e de MA. MG, apesar de já ter acertado a sentença 8, não percebeu a diferença na figura 16 – a posição da menina em relação ao caixa - e apontou para a figura onde a menina estava *comprando* o gato.

⁴⁷As sentenças utilizadas no teste (tabela 8) estão transcritas a seguir: 8/31 - A menina está comprando o gato // A menina está vendendo o gato; 29/51 - O homem está dando um prêmio // O homem está recebendo um prêmio.

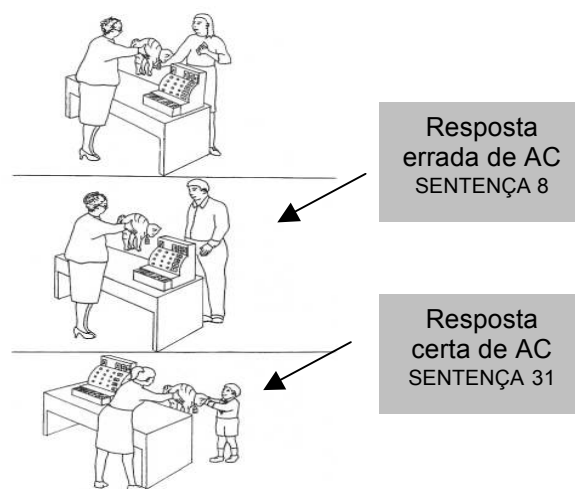


Figura 16 – Prancha 31 (Bateria PALPA)

Também MA errou a reversibilidade de 29 (*O homem está dando o prêmio*), apontando para a figura em que ele estava recebendo, mas acertou na 51. Talvez a imagem de uma mulher dando um prêmio a um homem, por ser mais recorrente, tenha influenciado MA, que apontou tanto na sentença 29, quanto na sentença 51, o homem recebendo da mulher o prêmio. É intrigante, entretanto, o fato de SS ter errado a sentença 51 e acertado a 29 (o contrário de MA). Talvez, conhecendo aspectos da história de vida de SS, possamos inferir que, para ela, a mulher é quem poderia receber o prêmio, em ambos os casos.

Por fim, a **Tabela 9** apresenta resultados de sentenças que avaliam a noção de *quantidade*, com frases que adaptamos para a forma interrogativa, para melhor corresponderem à língua portuguesa (por exemplo: *Qual é o homem que tem mais galinhas?* / *Qual é a menina que tem menos cachorros?*, a partir de sentenças como *This man's got more chickens* / *This girl's got less dogs*).

SS	JM	AC	MG	MA	SENTENÇAS
o	o	o	o	X	5
o	o	o	o	X	22
X	o	X	o	o	24
o	X	o	o	o	42
o	o	X	o	o	56

Tabela 9⁴⁸: Resultados de sentenças interrogativas (Bateria PALPA)

LEGENDA: o: resposta correta; x: resposta errada.

Ao analisarmos as respostas dos sujeitos (Tabela 9) com relação às sentenças interrogativas/quantitativas, percebemos que foi recorrente o fato de SS e JM, ao ouvirem uma sentença como a 22: *Qual a menina que tem menos **cachorros?***, apontarem primeiro para uma das figuras do teste - *menina* e/ou *cachorro*. Essa estratégia servia para fazerem uma primeira *triagem* dos elementos lexicais contidos na cena enunciativa. Num passo seguinte, pediam para repetir a sentença e só então apontavam a figura.

Há um exemplo de JM (com relação à prancha 42 – que ele errou), em que ele parece haver se fixado exclusivamente no valor semântico de *mais*, na sentença: *Qual é a menina que tem **mais cavalos** para dar comida?* Isso talvez tenha a ver com a ênfase dada pela avaliadora na hora de ler a sentença, já que este era o foco da análise (verificar se o sujeito compreendia relações de quantidade). A primeira figura da prancha 42 apresenta dois cavalos; a terceira (resposta correta) três cavalos⁴⁹ e a figura intermediária, que foi aquela que ele apontou, apresenta **quatro cachorros** (não cavalos). Isso nos permite concluir que o processo de compreensão, mesmo de sentenças, é bastante complexo. A

⁴⁸As sentenças utilizadas no teste (tabela 9) estão transcritas a seguir: 5 – *Qual é o homem que tem mais galinhas?*; 22 - *Qual é a menina que tem menos cachorros?*; 42 – *Qual é a menina que tem mais cavalos para dar comida?*; 56 – *Qual é a menina que tem mais gatos?*

⁴⁹Na figura 17 há, de fato, um quarto cavalo, mas ele aparece apenas parcialmente, no canto da página, e com o focinho dentro do balde. Nós só percebemos a presença deste quarto animal na figura ao retomarmos nossas análises. Esta seria a figura correta (mesmo com três cavalos), porque estaria com um maior número de animais em relação à primeira.

estratégia de JM para compreender parecer partir da análise de unidades lexicais. Neste caso, ele selecionou “menina” e “mais”, em detrimento de “cavalo”, tanto é que apontou a figura com a menina que tinha mais cachorros. SS parece ter usado a mesma estratégia, apontando inicialmente para os “personagens” de cada enunciado, antes de optar por uma das figuras. Ela não errou nenhuma das quatro sentenças. MG e AC também não erraram nada nesta parte do teste.

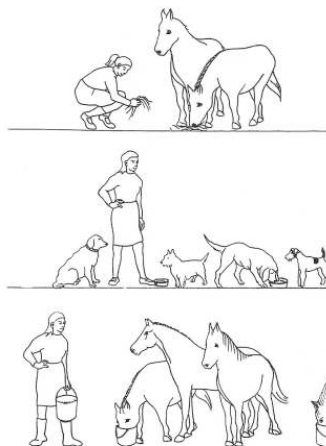


Figura 17 – Prancha 42 (Bateria PALPA)

MA errou as sentenças 5 (*Qual é o homem que tem mais galinhas?*) e 22: (*Qual é a menina que tem menos cachorros?*). Pensamos que talvez as dificuldades de MA nesta análise que envolve comparação quantitativa (numérica) possam estar relacionadas mais diretamente às características de sua afasia (fronto-parietal), mais especificamente as que envolvem relações de espacialidade.

2.Considerações gerais sobre os resultados da avaliação metalinguística

Antes de encerrarmos este capítulo, julgamos relevante apresentar algumas considerações acerca da avaliação metalinguística no contexto dos objetivos apontados no início deste capítulo. A primeira delas diz respeito à (má) qualidade dos desenhos e à ambiguidade das tarefas. Ao terminarmos o trabalho com AC, ele comentou que as imagens eram “esquisitas”. Ao longo deste capítulo fomos chamando a atenção para

diversos problemas com relação às figuras e também às sentenças e narrativas. Novaes-Pinto (1999) e Forigo (2008) já haviam chamado a atenção para os problemas decorrentes da representação imagética, em testes metalinguísticos. Exemplos disso são a representação dos reversivos “comprar/vender,” “dar/receber” nas figuras do teste.

Outro exemplo que diz respeito a problemas de representação pictórica é o da prancha, abaixo, que deve corresponder à sentença 46: *É difícil de ver o homem*,

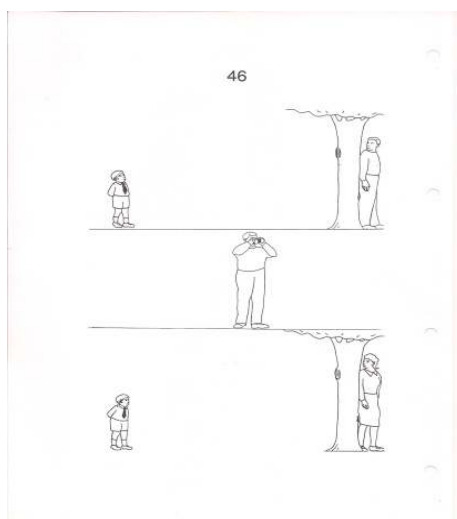


Figura 18 – Prancha 46 (Bateria PALPA)

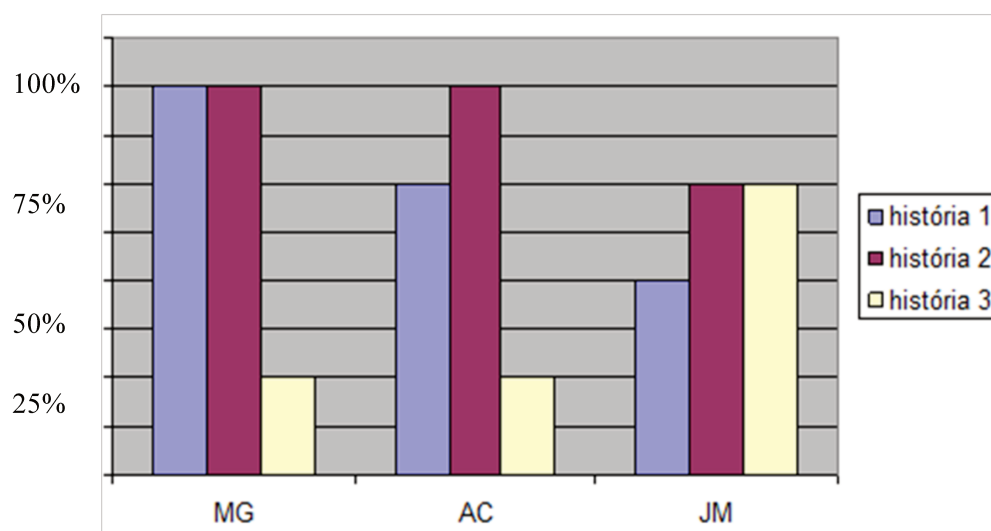
A figura considerada correta é a primeira. Na terceira há uma mulher, portanto, está errada. Todos os seis sujeitos, durante a aplicação do teste, apontaram para a figura do meio, na qual um rapaz utiliza binóculos. Consideramos a resposta dos afásicos correta, pois na primeira figura, embora escondido, o homem poderia ser visto. Já na segunda, só poderia ser visto com o auxílio de binóculos; portanto, mais difícil de ser visto.

Pudemos constatar com os resultados obtidos nas avaliações metalinguísticas discutidas neste capítulo que, em geral, os sujeitos não apresentaram dificuldades significativas de compreensão, no escopo das unidades lexicais, das sentenças e das narrativas curtas. Eles acertaram muito mais do que erraram.

Para finalizar, apenas para dar maior visibilidade aos resultados que obtivemos, inserimos alguns gráficos que representam seus acertos e erros em cada uma das tarefas desenvolvidas. O primeiro apresenta os resultados do Teste de Compreensão Auditiva, da

Bateria de BOSTON (item 1.1). Os demais são relativos ao subteste de compreensão da Bateria PALPA (item 1.2).

**GRÁFICO 1: TESTE DE COMPREENSÃO AUDITIVA -
BATERIA DE BOSTON**

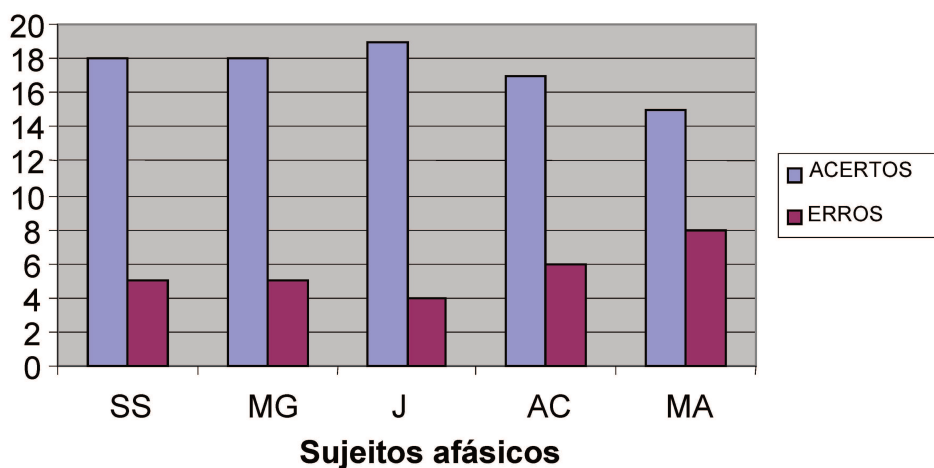


Os resultados para cada história já foram apresentados no item 1.1. Apenas apontamos, com este gráfico, que os sujeitos acertaram mais do que erraram e que a história 3 (sobre os leões) foi formulada em um gênero mais complexo, com perguntas mais ambíguas, com estruturas mais complexas: *esta história nos diz como se caça leões?*, por exemplo. Lembramos ainda que estas são as porcentagens que nós consideramos corretas, tendo em vista que não anulamos outra resposta correta do par, como demanda a avaliação tradicional (para fins diagnósticos e de validação dos resultados).

A seguir, inserimos os gráficos relativos aos resultados dos cinco sujeitos nos subtestes da Bateria PALPA. O primeiro refere-se aos dados gerais, comparando para cada sujeito os totais de acertos e erros, num total de **23 sentenças testadas**. Esclarecemos que os números à esquerda se referem à quantidade de sentenças avaliadas. Assim, lê-se, por exemplo, no gráfico abaixo, que SS acertou 18 respostas e errou 5 (assim como MG). No

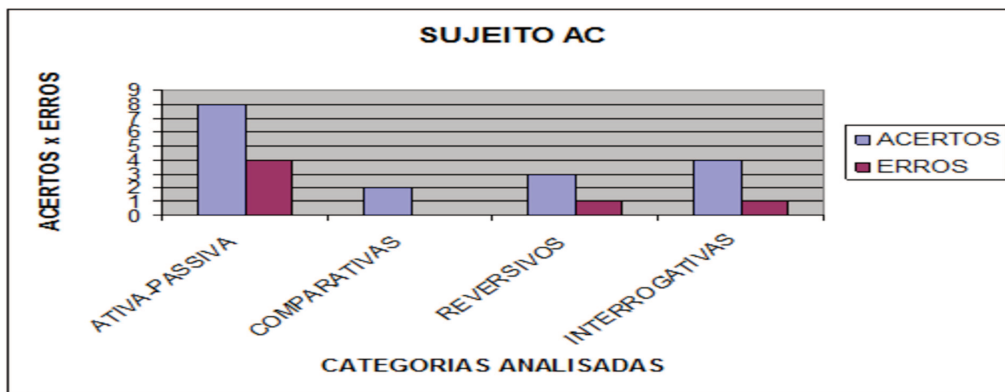
caso de JM, acertou 19 e errou 4, AC acertou 17 e errou 6 e MA acertou 15 e errou 8. A mesma leitura deve ser feita para os demais gráficos.

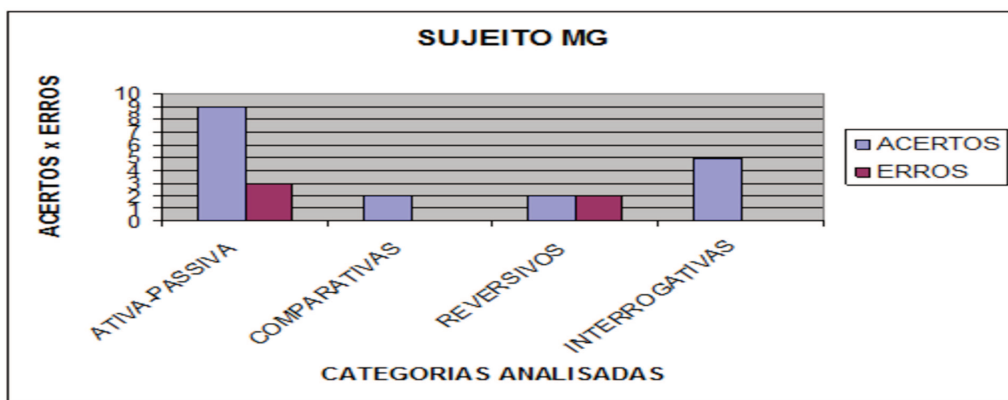
GRÁFICO 2: ACERTOS E ERROS DOS SUJEITOS AFÁSICOS NO SUBTESTE DE COMPREENSÃO DA BATERIA PALPA



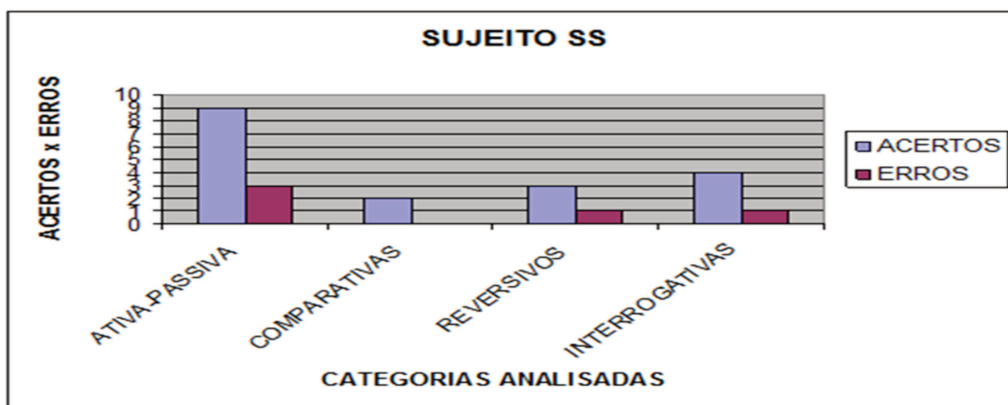
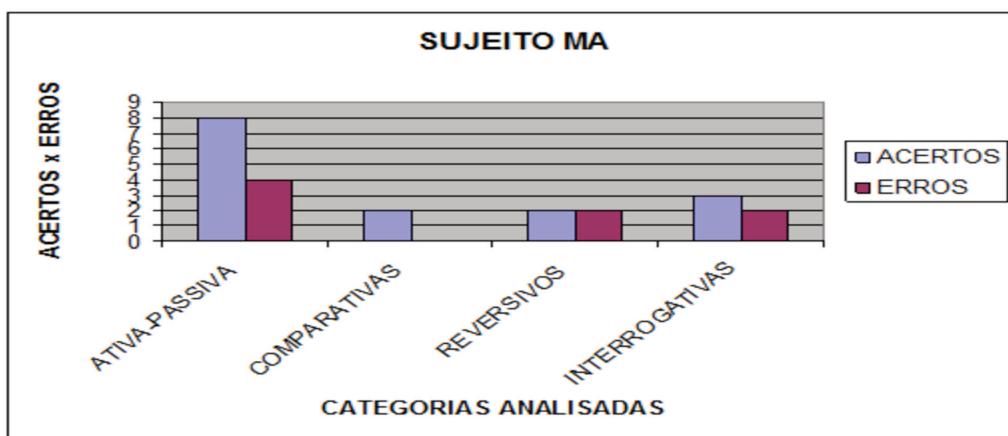
Os próximos gráficos comparam os acertos e erros de cada sujeito com relação às diferentes categorias sintático-semânticas analisadas.

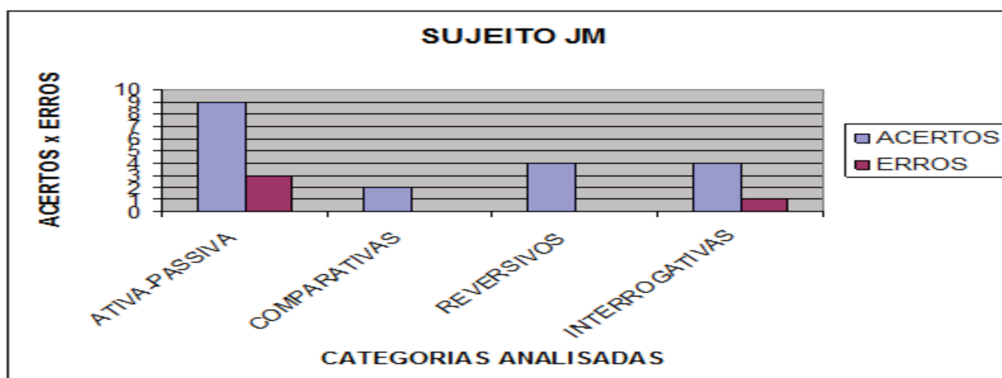
✓ **Sujeitos fluentes: AC e MG**





✓ Sujeitos não-fluentes: MA, SS e JM





Os gráficos evidenciaram, como já dissemos, que nenhum dos sujeitos erra mais do que acerta, contrariamente ao que afirmam os resultados dessas mesmas baterias, quando aplicadas de forma tradicional. Foi possível constatar que MA e AC tiveram mais dificuldades que os demais no teste, como indica o Gráfico 2, seguidos pelos resultados de MG, SS e por último JM.

A síntese desses resultados encontra-se na tabela abaixo:

SUJEITO	ATIVA-PASSIVA	COMPARATIVAS	REVERSIVAS	INTERROGATIVAS
AC	50%	100%	75%	80%
MG	75%	100%	50%	100%
JM	75%	100%	100%	80%
SS	75%	100%	75%	80%
MA	50%	100%	50%	60%

Tabela 10 - Comparação geral dos resultados dos sujeitos no PALPA

MA tem uma afasia predominantemente não-fluente, enquanto AC é fluente. MG e SS (fluente e não-fluente) tiveram o mesmo número de acertos e erros. Esses resultados são interessantes, pois indicam que não podemos correlacionar diretamente as

dificuldades de compreensão às afasias fluentes ou não-fluentes e ainda às lesões anteriores ou posteriores, como normalmente a literatura faz, baseada nesses mesmos testes metalinguísticos. Esses testes parecem gerar “pegadinhas” para os afásicos, de tal forma que induzem os sujeitos avaliados ao “erro”, além de produzirem ambiguidades nas sentenças. É provável que se nos limitássemos a aplicar o teste como requer os manuais, anotando as respostas e quantificando os erros, nossos resultados serviriam para corroborar os dados da literatura, que atestam o fracasso dos sujeitos afásicos nas tarefas de compreensão. Entretanto, a postura de investigação que desenvolvemos na Neurolinguística Discursiva (ND) nos interpela não só para trabalharmos de forma diferenciada, mesmo que seja com tarefas metalinguísticas, mas também com relação aos procedimentos analíticos, em busca dos indícios dos processos. O relativo “sucesso” dos sujeitos nas tarefas pode ser devido ao fato de estas terem sido realizadas, apesar de se tratar de um teste, de forma dialógica. As respostas evidenciam que a (inter) compreensão resulta de diferentes facetas que vão desde a percepção (dentre as quais a auditiva) até a mobilização de aspectos pragmáticos e discursivos que colocam em jogo os conhecimentos partilhados e pressupostos, construídos ao longo de sua vivência.

Em outras palavras, a compreensão só se realiza a partir do trabalho ativo do avaliador/interlocutor e do próprio sujeito diante das figuras ou das frases apresentadas. O modo como o avaliador se expressa diante do teste que ele mesmo está aplicando também interfere no resultado, pois o sujeito, mesmo afásico, observa as suas expressões faciais, os gestos, a entonação, dentre outros aspectos, para responder ao que lhe foi perguntado, assim como fazemos para compreender e sermos compreendidos em situações interativas.

No próximo capítulo, ao analisarmos os episódios dialógicos dos sujeitos, nas sessões do Centro de Convivência de Afásicos (CCA), essas questões relativas à construção conjunta da (inter) compreensão deverão ficar ainda mais evidentes.

CAPÍTULO 5

Inferências sobre os processos de (inter) compreensão a partir de enunciados de sujeitos afásicos em episódios dialógicos

A alternância dos sujeitos do discurso, que emoldura o enunciado e cria para ele a massa firme, rigorosamente delimitada dos outros enunciados a ele vinculado (...) o primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de responder a ele, em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele a posição responsiva (BAKHTIN, 1979/2003: 280).

Introdução

Neste capítulo, analisamos um conjunto de nove dados produzidos em episódios interativos entre sujeitos afásicos e não-afásicos, em sua maioria nas sessões coletivas do Grupo III do CCA ou em sessões de acompanhamento individual. Esses dados serão *analisados*, como vimos dizendo desde o início desta tese, qualitativamente, em busca dos indícios que nos deem pistas para inferirmos acerca dos processos de (inter) compreensão no campo das afasias, no âmbito da Neurolinguística Discursiva, que propõe uma relação não-dicotômica entre produção e compreensão, nos processos interativos (COUDRY, 1986/1988) e de acordo com a perspectiva bakhtiniana, que concebe tanto os processos de *produção* como os de *interpretação* como um *trabalho* realizado pelos *parceiros da comunicação verbal* (BAKHTIN, 1929/2010) e que, por isso mesmo, caracteriza a compreensão como *ativo-responsiva*, como vimos no capítulo 1.

O corpus está organizado em duas partes: na *primeira* selecionamos *cinco* episódios interativos em que os protagonistas são sujeitos com afasias predominantemente *não-fluentes*: JM (episódios 1 e 2); TR (episódio 3); GS (episódio 4) e MA (episódio 5). Os episódios 2 e 3 foram selecionados para dar visibilidade às dificuldades de compreensão dos sujeitos não-afásicos, tendo em vista que quanto mais indeterminada a linguagem, do ponto de vista da produção, mais são necessários dados do contexto (tanto do contexto

imediatamente quanto das outras coordenadas sócio-culturais) para que seja possível interpretá-los. Na *segunda parte* transcrevemos quatro dados de sujeitos fluentes – MG (episódios 6 e 7), AC (episódio 8) e AL (episódio 9).

Antes de passarmos aos dados, apresentamos a legenda relativa à transcrição dos enunciados – verbais e não verbais – produzidos nos episódios dialógicos. Todas as sessões coletivas e individuais do CCA são registradas em vídeo, editadas e, posteriormente, transcritas discursivamente ou foneticamente, de acordo com os interesses das diferentes pesquisas. As normas para transcrição foram adaptadas parcialmente do Projeto da Norma Urbana Linguística Culta (NURC)⁵⁰ e do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN).

LEGENDA

Irn, Imp, Iec, Itn, Is, Ihb; Irf	Interlocutores não afásicos
EF	Estagiário de Fonoaudiologia
?	Interrogação
, (vírgula)	Pausa de curta duração
...(reticências)	Pausa de longa duração
*	Imprecisão articulatória
::	Alongamento de vogal
::::	Maior alongamento de vogal
()	Observações e comentários quanto às condições de produção

1.Dados de episódios interativos com sujeitos não-fluentes

Passamos, a seguir, ao primeiro conjunto de dados, iniciando com dois episódios do sujeito JM. O primeiro ocorreu durante a sessão em que se trabalhava com o

⁵⁰De acordo com Preti (2003) e também baseada na tese de Cazarotti-Pacheco (2012).

PALPA, para verificar se ele havia compreendido a seguinte frase do teste: *O homem está pensando no que comer*, que correspondia à figura abaixo:



Figura 19 – “o homem está pensando no que comer”
(Prancha 7 – Bateria PALPA)

1.1.Episódio 1 (Sujeito JM)

Contexto: **JM** e Irf conversam sobre uma das imagens da Prancha 7 do PALPA (figura 19). O episódio ocorreu em agosto de 2012.

TURNOS	INTERLOCUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENUNCIADOS
1	Irf	O senhor também vai na geladeira?		JM olha a imagem, enquanto Irf faz a pergunta.
2	JM	Bastante!	Gesto afirmativo com a cabeça	
3	Irf	Tem uma hora certa pra ir?		
4	JM	Despoi, depois, despoi.		
5	Irf	Depois do futebol? De madrugada?		
6	JM	Todo lugar!	Gesto afirmativo com a cabeça	

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para o gênero discursivo que caracteriza o Episódio 1: o *diálogo cotidiano* que, segundo Bakhtin, “por sua clareza e simplicidade, é a forma clássica da comunicação verbal”. Vimos, no capítulo 1, que Sebeok (*apud* PETRILLI & PONZIO, 2011) afirma que é necessário, em todo ato de *comunicação*, que haja *compreensão*, ou seja, condições para a *identificação* do signo verbal. Mesmo com as dificuldades próprias da afasia, JM e Irf vão construindo conjuntamente uma interpretação dos enunciados – um do outro – a partir das coordenadas do contexto (inclusive a figura que dá início ao diálogo), e dos recursos da língua, mesmo que indeterminados. Em relação ao turno 6, por exemplo, mesmo JM tendo produzido: */todo lugar/*, é possível atribuir o significado ao seu querer-dizer: *a toda a hora*.

O episódio 1 – em que o querer-dizer do sujeito afásico foi rapidamente alcançado pelo seu interlocutor – pode ser contraposto aos próximos – Episódio 2 , do mesmo sujeito (JM) e Episódio 3 – de TR , com o objetivo, desta vez, de argumentar que a dificuldade de compreensão nos processos dialógicos não é só do afásico, mas também dos sujeitos não-afásicos, causados justamente quando não há, nos contextos de produção, coordenadas suficientes para dar pistas sobre os tópicos discursivos, mesmo nos gêneros narrativos, que são os mais preservados nas afasias (CAZAROTTI-PACHECO & NOVAES-PINTO, 2010; CAZAROTTI-PACHECO, 2012).

A primeira observação que fazemos é a quantidade de turnos em cada um deles – 166 no Episódio 2 e 124 no Episódio 3. Isso só acontece porque nossas práticas de linguagem concedem ao sujeito afásico o tempo que necessita para organizar, com os recursos de que dispõe, seus enunciados verbais e não verbais para se fazer compreender. Sempre que necessário buscamos intervir para auxiliar nesse processo, dando pistas, fornecendo promptings, dentre outras estratégias, sem, no entanto, falar por eles.

1.2.Episódio 2 (Sujeito JM)

Contexto: O episódio 2 ocorreu em uma sessão individual em maio de 2011 e teve como participantes, **JM** e Irf.

TURNOS	INTERLOCUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENUNCIADOS
1	JM	Eu quero falar uma coisa	Mostra “três”, na mão esquerda	
2	Irf	Que são esses três dedos?		
3	JM	É treis, treis , treis...		
4	Irf	Três lugares?		
5	JM	<i>Utebol</i>		
6	Irf	Futebol?		
7	JM	Não... antes foi...		
8	Irf	Quase vocês foram?		
9	JM	Não		
10	Irf	Você e o Ajm?		Ajm é o filho de JM

11	JM	Espera, espera. Eu quero falar o nome de*.... Todo dia ela... fala... Eles começam... nada... ah... eu quero falar e não tem um jeito.	*mostra os mesmos três dedos	
12	Irf	Que aconteceu? Foi na sua casa?		
13	JM	Foi, foi		
14	Irf	Quem estava lá? Você e a Dona Aim?		
15	JM	Ela... Ela que vai muito lá esse lugar...		
16	Irf	A Dona Aim?		
17	JM	É...		
18	Irf	Mas esse lugar ou esses lugares?		
19	JM	Nesses dois...	mostra três dedos	
20	Irf	Supermercado e padaria?		
21	JM	Não, não		
22	Irf	Igreja e hospital?		
23	JM	Não		

24	Irf	Onde que a Dona Aim costuma ir? Na casa de alguém?		
25	JM		olha para o teto	
26	JM	Olha... onde é que ele vai.		
27	Irf	Quem vai? Vai no Médico?		
28	JM	Não.		
29	Irf	Quem vai?		
30	Irf	A Dona Aim vai sempre?		
31	JM	Vai.		
32	Irf	E dessa vez, você também foi?		
33	JM	Eu não vou mais esse lugar de jeito nenhum.		
34	Irf	De jeito nenhum? É... O senhor não gosta?		
35	JM	Não gosto, muito feio... tudo tudo!		
36	Irf	É um lugar que se faz o quê?		
37	JM	É...		
38	JM	Oh, esse lugar que onde		

		é que eu fui... oh, poxa...		
39	Irf	É um lugar triste, senhor JM?		
40	JM	Não, não!		
41	Irf	É um lugar alegre?		
42	JM	É! É isto.... despoi!		
43	Irf	É um lugar que se dança?		
44	JM	Não!		
45	Irf	É um lugar que se canta?		Tom: Interrogativo
46	JM	É! É... Vanta... vanta...		
47	Irf	É um restaurante?		
48	JM	Não, não, não!		
49	Irf	É um bar?		
50	Irf	É aqui em Campinas?		
51	JM		JM faz um gesto negativo com a cabeça	
52	JM	Não... É na casa de onde di que...		
53	Irf	É na casa de alguém?		
54	JM	É. Aqui e o outro lugar também.		

55	Irf	A Dona Aim vai?		
56	JM	Vai. Mais não... Eles falam falam...		
57	Irf	Eles mandam ela ir? Eles ligam pra ela ir?		
58	JM	Não.. Esse lugar é onde... onde nós vai... Ih... Eu quero falar, mas não sei.		
59	Irf	Mas é um lugar aqui em Campinas... É?		
60	JM	Não. Na casa da de on..		
61	Irf	É lá no Paraná? No Mato Grosso?		
62	JM	Não.		
63	Irf	Em São Paulo?		
64	JM	Um pouquinho pra lá... mais		
65	Irf	Mais pra frente de São Paulo?		
66	JM	É mais mais mais longe.		
67	Irf	Mas quem mora lá?		
68	JM	Não. É onde é que nós vai dançá...		
69	Irf	Dançar?		

70	JM	Não... não... não...		
71	Irf	Rezar?		
72	JM	Tá. Também pode.		
73	Irf	O pessoal reza lá?		
74	JM	Isto. Óia. Fala... Você falo.		
75	Irf	Rezar?		
76	JM	Não.		
77	Irf	É onde... Nossa senhora da Aparecida?		
78	JM	Não, não!, Pode ser. Era na... É lugar de que nós...		
79	Irf	Mas a Dona Aim vai sempre?		
80	JM	Não... não... Vai quando...		
81	Irf	Mas o senhor disse que ela vai sempre.		
82	JM	Fala, fala... Fala muito.		
83	Irf	O pessoal fala muito?		
84	JM	Fala. Isso... É. fala sim...		
85	Irf	O pessoal conversa muito lá?		
86	JM	Tem sim. Não. Nova...		

		aqui.		
87	Irf	É um lugar de pessoas adultas? Ou de crianças?		
88	JM	Não.		
89	Irf	É de adultos?		
90	JM	Não. É outra coisa... Outra		
91	Irf	É outra coisa?		
92	JM	Sim.	Gesto afirmativo com a cabeça	
93	Irf	Seo JM. O senhor começou hoje aqui... dizendo... olha... três lugares...	Mostra os três dedos	
94	JM	Isso.		
95	JM	Três lugares onde... nós.. onti...		
96	Irf	Onde que vocês?		
97	JM	Nóis fala.		
98	Irf	Vocês falam?		
99	JM	Não	Gesto negativo com a cabeça e coloca o dedo no dente	
9100	Irf	Você mexeu no dente?		
101	JM		Gesto negativo com a	

		Não.	cabeça	
102	Irf	O que vocês fazem nesses três lugares?		
103	JM	É difícil saber... sabendo...		
104	Irf	O que vocês fazem nesse lugar?		
105	JM	Eu tenho raiva. Não gosto desse lugar.		
106	Irf	Tem raiva?		
107	JM	Não gosto desse lugar de jeito nenhum.	Mostra os três dedos	
108	Irf	Onde que é esse lugar? É enterro?		
109	JM	Não.		
110	Irf	Velório?		
111	JM	Não.		
112	Irf	A Aim sabe que você não gosta?		
113	JM	Ele sabe.		
114	Irf	A Aim sabe?		
115	JM	Sabe		
116	Irf	E o Ajm sabe?		

117	JM	Também. Três lugares.		
118	Irf	Cidades?		
119	JM	Não. Todo dia eles... todo dia faz... eles faz... eles fala... eles falam.		
120	Irf	É na televisão?		
121	JM	É.		
122	Irf	Ah tá. Na televisão?		
123	JM	Isto!	Abre um sorriso enorme	
124	Irf	Na globo?		
125	JM	É isto! Isto!		
126	Irf	Ou no SBT?		
127	JM	Não, não!		
128	Irf	Na globo?		
129	JM	Isto!		
130	Irf	Tá! E eles falam de acidentes, eles falam de mortes?		Tom: Exclamativo
131	JM	Falam! Não... não!		

132	Irf	O senhor não gosta?		
133	JM	De jeito nenhum!		
134	Irf	Hum. Tá, então, a Dona Aim não vai no lugar?		
135	JM	Não. Gosta... ixi!		
136	Irf	Ela gosta de assistir?		
137	JM	Isto. Fala é.		
138	Irf	Qual é o programa que ela gosta de assistir?		
139	JM	Esses três	Gesto com os dedos.	
140	Irf	Jornal?		
141	JM	É quase.		
142	Irf	Bom dia Brasil?		
143	JM	Não.		
144	Irf	O SPTV?		
145	JM	Não, não. É os três lugar que nós.		
146	Irf	É o jornal Nacional?		
147	JM	Quase. Em cima desse.		
148	Irf	As novelas?		

149	JM	Isso! isso é!	Abre um sorriso	
150	Irf	Ah. Ela assiste as três novelas!		
151	JM	Eu não gosto!		
152	Irf	O senhor não gosta?		
153	JM	Ixi, nada. Eu gostei bastante dessas novelas.		
154	Irf	Novelas?		
155	JM	<i>Navêla.</i>		
156	Irf	Novela?		
157	JM	É! Muito.		
158	Irf	Gostou?		
159	JM	Bastante, mas despoi... não gosto.		
160	Irf	As novelas atuais são ruins, não?		
161	JM	Mais despoi... não gosto mais nada... não gostei mesmo		

162	Irf	Eu também, JM. Não tô assistindo nenhuma novela. Você também não está assistindo?		
163	JM	Nada, nada, nada.		
164	Irf	E a DonaAim assiste todas?		
165	JM	Ixi, tudo tudo.		
166	Irf	Sabe tudo?		Tom: Interrogativo
167	JM	Tudo.		

Como já argumentamos no capítulo 2 desta tese, é por meio de análises qualitativas, de natureza abductiva – aparentemente quase que por “adivinhação”, que alguns processos são descobertos. No Episódio 2 fica evidente o quanto o impacto da afasia compromete a (inter) compreensão. Não é possível, por um lado, afirmar que JM não tenha nenhuma dificuldade de compreensão em relação às perguntas colocadas por sua interlocutora, em pontos específicos da cadeia. É interessante como se apoia, por exemplo, nos verbos dos enunciados de Irf – em especularidade: “A Dona Aim vai sempre?”; “Vai. De jeito nenhum?” (Turnos 30 e 31). “O senhor não gosta?”; “Não gosto, muito feio... tudo tudo” (Turnos 34 e 35) “É um lugar que se faz o quê?”. “Oh, esse lugar que onde é que eu fui... oh, poxa...” (Turnos 36,37 e 38). “.Tá! E eles falam de acidentes, eles falam de mortes? “. Falam! Não...não! (Turnos 130 e 131). “Aim sabe?”, “Sabe...!” (Turnos 114 e 115).

Neste episódio, desde o início, se tinha a impressão de que JM se referia a um lugar. Todos os marcadores discursivos dão a entender de que poderia ser um lugar – o futebol (Turnos 5 e 6), a padaria e o supermercado (Turnos 19 e 20), a igreja e o hospital (Turnos 22 e 23), um velório (Turnos 110 e 111), perto de Aparecida (Turnos 77 e 78), um

bar (Turnos 49 e 50) etc. Ele vai dando, também, coordenadas afetivas ao longo dos enunciados – “Eu tenho raiva. Não gosto desse lugar” (Turno 105), “Não gosto desse lugar de jeito nenhum” (Turno 107).

Observa-se que apenas no turno 149 é que foi possível concluir que JM se referia às novelas – provavelmente às três novelas da Rede Globo, que vêm antes do futebol. Essa referência está no turno 05 – quando ele diz “utebol”. De fato, a principal novela vem antes do futebol: “Não... antes foi...” E nas novelas se passa tudo aquilo a que ele se referiu ao longo de seus turnos. As dificuldades de (inter) compreensão se deveram à maior indeterminação dos enunciados, com a seleção e combinação dos recursos lexicais e gramaticais na cadeia discursiva e com a falta de outras pistas. Ambos, afásico e não-afásico, trabalham sobre os enunciados um do outro para construírem a significação. Por isso Bakhtin concebe esse processo, de ambas as partes, como *compreensão ativo-responsiva*. Cada turno representa o acabamento⁵¹ que um interlocutor dá ao enunciado do outro. Por isso são, ambos, considerados *parceiros da comunicação verbal*. É basicamente também o que se passa no Episódio 3, que veremos a seguir, extraído da dissertação de Mestrado de Nandin (2013).

1.3.Episódio 3 (sujeito TR)

Contexto: Na sessão coletiva, TR falava sobre uma viagem que o marido faria para ajudar a “consertar” a casa de um familiar e quer falar sobre a profissão de seu marido. O episódio ocorreu em uma sessão individual em junho de 2012.

⁵¹ Acabamento é um termo desenvolvido por Bakhtin (1929/2010) ao analisar a relação entre autor e personagem no plano artístico (plano estético). No plano da vida (plano ético), o enunciado do “eu” ganha um acabamento feito pelo enunciado do outro, pela própria posição que este outro ocupa em relação ao “eu”. Para Bakhtin, é uma conferência de valores que são inacessíveis e transgredientes ao “eu” (GEGE, 2009).

TURNO	INTERLO-CUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENUNCIADOS
1	Itn	O quê o Aot fazia antes de aposentar?		
2	TR			Olha para Itn e Icb, com expressão de dúvida
3	Itn	Não sei...		
4	TR	Não? Não?	(Ri).	
5	Itn	Nunca falamos disso, eu acho.		
6	TR	É?		
7	Itn	É. Da senhora eu sei, mas dele não.		
8	TR			Pega o lápis e olha para Icb
9	Itn	Tá vendo? Se a gente soubesse...		
10	TR			Começa a gargalhar
11	Itn	É verdade... Se a gente soubesse já tinha...		Itn refere-se ao assunto anterior, pois demoraram para entender o quê exatamente o marido de TR iria ajudar a “consertar” na casa do parente.

12	TR	Ah é?.		
13	Itn	É. A gente já ia saber o que ele vai fazer.		
14	TR	Eu?		Pega o lápis e começa a escrever
15	Itn	Não. O que ele fazia; o quê que ele trabalhava.		
16	TR		Termina de escrever	Olha para Icb, que está ao seu lado
17	Itn	IEN... MEN... TEN..	IEN MEN TEN (escrita de TR)	Olhando o que TR escreveu.
18	TR	BÊ?		Olha para Itn.
19	Itn	PÊ?		
20	Icb	TEN?		
21	TR	Não, não!		
22	Itn	Não é encanador?		
23	TR	Não, não! I:.....	(Faz esse som e, com a mão, faz como se estivesse puxando algo).	Aponta para fora da sala
24	Icb	Não é encanador? Eletricis...		
25	TR	Não, não!	Faz sinal de positivo com a mão	.
26	Itn	Não era de pedreiro, de construir casa?		
27	TR	Não, não!	Faz careta. Franze as sobrancelhas.	
28	Icb	Mas ele trabalhava indo nas casas das pessoas ou não?		

29	TR	Isso!	Acena positivamente com a cabeça, sorrindo.	
30	Icb	Consertando...	Aponta para a pia da sala.	
31	Itn	Encanamento, assim?		
32	TR	Isso!.	Acena com a cabeça, concordando.	
33	Itn	Mas não é encanador?		
34	TR	Não, não.		
35	Itn	m...ecânico.		
36	TR	Não, não. Ó... Ai Deus.		[(Quando Itn inicia com o som /m/ TR arregala os olhos.)]
37	Itn	Soldador?		
38	TR	Não, não!.	Nega com a cabeça	Começa a rir
40	Icb	Não é encanador? Pra mim quem trabalha assim...		
41	TR	Não, não!	Nega com a cabeça.	
42	Icb	Não é?		
43	TR	PA...	Gesto negativo com a cabeça	Tenta iniciar o som da palavra
44	Itn	Engenheiro mecânico?		
45	TR	Não, não.		Olha para o que escreveu no caderno.
46	Icb	Eita.		
47	TR	PA.. Aot		Começa a escrever no

				caderno, as mesmas letras de antes;
48	Itn	Não é pintor?		
49	TR	Não, não. Nossa, na:: não, tudo, nada.	Sacode a mão.	
50	Itn	Ele fazia de tudo na casa da pessoa? Se falasse assim...		
51	TR	Não, não. Hoje, não.	Balança a mão, negando.	
52	Itn	Hoje não.		
53	TR	Ó, não, não, tudo bem. Ai Deus.	Levanta a mão esquerda, como se cobrisse algo	
54	Itn	Antes ele fazia?		
55	TR	Não, não.		
56	Itn	Que parte que ele mexia mais, TR? De encanamento?		
57	TR	Não, não.	Nega com a cabeça	
58	Itn	De água não é?		
59	TR	Não, não.	Abana a mão, negando.	
60	Icb	Não era de força?	Aponta para a lâmpada	
61	Itn	Da parte elétrica?		
62	TR	Não, não.		
63	Itn	Não é elétrica?		
64	TR		Aponta para Itn	Sorri
65	Itn	É?		

66	TR	Não, não.		
67	Itn	Água, eletricidade...		
68	TR	I:.....:	Aponta para Itn	Começa a bater na mesa com o lápis e imita o apito do trem
69	Icb	Campainha?	Imita o gesto de TR	.
70	TR	Não, não. Onde? Ca... carro, não. Carro.	Aponta para Itn novamente.	Sorri
71	Itn	Mecânico?		
72	TR	Não, carro, não.		
73	Itn	Não carro.		
74	Icb	Funileiro?		
75	TR	Não, não. Ca...		
76	Itn	Casa...		
77	TR	Não, não.		
78	Icb	Manobrista?		
79	TR	Oi?	Arregala os olhos e olha para Icb	
80	Icb	Manobrista!		
81	TR	Isso. Onde? Quem?	Continua apontando para Icb	TR fala de maneira mais motivada
82	Icb	Que fica dirigindo?	Faz gesto como se estivesse segurando um volante	
83	TR	Não.		

84	Itn	Motorista?		
85	TR	Não, não. Onde?	Aponta para Itn	
86	Itn	Não, motorista.		
87	TR	Não, não.	Apontando para Itn esfrega o dedo indicador no dedo médio	
88	Itn	De... Andar?		
89	TR	Não, não. Ai Deus.		
90	Icb	É um carro?	Faz o gesto do volante novamente	
91	TR	Não, não.		
92	Itn	Chegamos perto.		
93	Icb	Ônibus?		
94	TR	Não, não. Isso.	Fica animada e balança a mão "para continuar"	
95	Icb	Trator?		
96	TR	Não, não.	Continua com a mão levantada e sorrindo	
97	Itn	No ônibus?		
98	TR	Não, não.	Gesto de negação com cabeça	
99	Itn	Helicóptero?		

100	Icb	Taxista?		
101	TR	Não, não.		
102	Icb	Era de carro?		
103	TR	Não, não.		
104	Icb	Também não?		
105	Itn	Ele trabalhava dentro do carro?		
106	TR	Isso. Não, não.	Faz novamente o gesto de esfregar o dedo indicador com o dedo médio	
107	Itn	Não era dentro do carro?		
108	TR			Começa a rir
109	Icb	Eu falei manobrista, e a senhora...	Imita o gesto de TR de esfregar os indicadores paralelos, interpretando como “parecido, igual”	
110	TR	Isso, onde?		
111	Icb	É quase manobrista?		
112	TR	Isso, onde?	Concorda com a cabeça	Começa a gargalhar olhando para Icb
113	Icb	Aonde? De criança?		Olha para Itn

114	TR	Não, não.		
115	Icb	De levar criança pra escola?		
116	TR	Não, não.	Nega com o dedo indicador	
117	Itn	Manutenção?		
118	TR	Oi?		
119	Itn	Manutenção?		
120	TR	Não, não.	Faz um gesto de negação com o indicador e aponta para Itn.	
121	Itn	Então começa com MA? Começa com MA..		
122	TR	Isso, isso.	Aponta para Itn	
123	Icb	Ma.. quinista....		
124	TR	Isso, isso. Obrigado!		

Segundo Nandin (2013: 63), este dado dá visibilidade às dificuldades severas de produção de TR:

(...), por exemplo, a sua dificuldade de encontrar a palavra desejada: *maquinista*, o uso do recurso não-verbal (no turno 68), de bater com o lápis na mesa, enquanto imitava o apito do trem: I::::. – que, neste caso, não foi bem-sucedido, já que as interlocutoras não conseguiram interpretar sua pista. Como num jogo de adivinhar a palavra, entretanto, TR vai conseguindo delimitar o campo semântico da palavra que deseja dizer - que foi possível após ter dito, no turno 70, a palavra

“carro”. Ao final, felizmente, consegue ser interpretada, depois de mais de cem turnos travados no processo dialógico.

Os interlocutores de TR conseguem alcançar o seu querer-dizer apenas depois de muito tempo tentando esgotar todas as possibilidades na interpretação das pistas, por meio de um trabalho conjunto na construção da significação. TR se colocou de forma ativa no processo dialógico, no jogo discursivo e isso também foi fundamental para que se chegasse, ao final, ao seu querer-dizer. Poderíamos dizer que o procedimento indiciário (ou abdução) dos enunciados de TR não é apenas um procedimento que se dá numa instância como esta, de análise propriamente dita, em que nos distanciamos depois de haver transcrito o episódio dialógico para buscar os indícios das dificuldades e dos processos alternativos de significação. É um procedimento que se dá entre os interlocutores, ao longo do processo dialógico, no momento da interação. Não só o não-afásico a todo o momento fica atento aos indícios presentes em cada enunciado de TR, para compreender aquilo que não é transparente, mas também ela, pelas dificuldades próprias de sua afasia, também fica atenta para os enunciados de seus interlocutores, não só para compreendê-los, mas para fazer dos enunciados deles (não-afásicos e até mesmo de outros afásicos) os seus próprios. Segundo Bakhtin (1979/2003: 271), “compreender é fazer corresponder palavras suas às palavras do outro”. Há inúmeros exemplos, no dado acima, em que isso se dá. Quando TR concorda com os enunciados dos interlocutores, diz: *Isso, isso!* (Turnos 29, 32, 81, 94, 106, 110, 112 e 122) ou quando os recusa, diz: Não. Não! (Turnos: 21, 23, 27, 34, 36, 38, 41, 45, 49, 51, 53, 55, 59, 62, 70, 72, 75, 77, 85, 87, 91, 96, 98, 101, 103, 114, 116 e 120) Nas afasias severas, o sujeito afásico, como estratégia alternativa de significação, acaba utilizando palavras dos outros para fazer corresponder às palavras suas. Esse é um dos efeitos do trabalho realizado no CCA, na perspectiva discursiva (NOVAES-PINTO, 2013c).

Segundo Nandin (2013), TR dá pistas indiciárias, com produção de signos não verbais de natureza icônica, associados com enunciados verbais (a imitação do apito do trem ou a produção de um gesto para puxar algo). ajudando seus interlocutores a delimitarem o campo semântico da palavra alvo, na tentativa de dizer “maquinista”:

Quando Icb diz “manobrista” (Turno 78), TR dá um sinal positivo de que a palavra está de alguma forma relacionada àquela que ela deseja produzir. De fato, há uma relação estreita, tanto de sentido quanto de semelhança fonológica. Foi esse jogo de apontar semelhanças e diferenças entre as palavras que iam surgindo e aquela que TR queria dizer que levou à palavra buscada: maquinista (NANDIN, 2013: 63).

Até aqui, apresentamos os dados de dois sujeitos – JM e TR – para argumentar que em afasias não-fluentes a compreensão conjunta ou (inter) compreensão pode ser alcançada desde que seja possível alçar pistas – seja contextuais (como no episódio 1, em que havia uma figura que deu início à narrativa e foi o tema discursivo) ou construídas a partir dos recursos lexicais e gramaticais mobilizados pelos interlocutores – afásico e não afásico – ao longo do processo interativo.

O próximo dado tem o objetivo de ilustrar como podemos pensar se a compreensão está comprometida ou preservada em casos em que a linguagem verbal está praticamente ausente na produção. Trata-se do caso do sujeito GS, que tem uma afasia caracterizada por uma produção marcada por estereotípias fonológicas, sem produção de unidades lexicais. O episódio foi extraído da tese de Doutorado de Cazarotti-Pacheco (2012).

1.4.Episódio 4 (Sujeito GS)

Contexto: O recorte foi extraído de uma sessão coletiva do Grupo III do CCA, de março de 2009, na qual participaram GS⁵² e a pesquisadora Irn. Na atividade proposta, os sujeitos foram convocados a contar sobre as notícias da semana.

TURNOS	INTERLOCUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENUNCIADOS
1	Irn	Seo GS, conta pra gente... Aconteceu uma coisa essa semana...que	Risos. Olha para GS.	

⁵²Nós decidimos apresentar este dado, por ser ilustrativo e de grande importância para este estudo. Para maiores informações sobre este caso clínico, consultar também o estudo de Nandin (2013).

		tá...na televisão o TEMpo Todo. É::: uma notíci::cia... ahn:: eu não queria dar nenhuma pista... Eu queria ver se ele falava da notícia que eu to querendo. O que aconteceu lá pros lados de Goiânia, a semana passada?		
2	GS	/ó'da/ /pó...a'do/	Faz, com a mão, o gesto de voar e depois de cair. Acena positivamente com a cabeça.	
3	Irn	Uhn::o quê que aconteceu? O que foi aquilo? O quê o senhor sabe da história?	Acena positivamente com a cabeça.	
4	GS	/ó'da/	Faz gesto de voar em várias direções. Une as mãos e aponta para o chão, como se fosse um mergulho.	
5	Irn	Onde foi?		
6	GS	/ó'da/	Aponta para frente.	
7	Irn	Ele quase... quase caiu. NÃO... Ele quase caiu em cima do shopping. Ele caIU,, né? Ou se jogou? O que o senhor acha? Que ele cai:::u o que ele se jogou?	Risos.	
8	GS	/Ah...óda/	Faz gesto negativo com o indicador.	
9	Irn	O senhor acha o quê?		
10	GS	/O'DA/	Faz gesto de cair e faz um aceno positivo de cabeça.	
11	Irn	Ele se jogou?		
12	GS	/a'da/	Faz gesto com indicador para frente, indicando	

			novamente o gesto de cair.	
13	Irn	Então não foi acidente?		
14	GS	/A'da/.	Faz gesto negativo com o indicador.	
15	Irn	Não...		
16	GS	/’Oda/ /a/	Mostra dois dedos e fica olhando para sua mão.	
17	Irn	Quem tava junto? Ele e:::quem era a outra pessoa que tava junto?	Repete o gesto de mostrar os dois dedos.	
18	GS		Deixa a mão paralela ao chão, provavelmente indicando a altura da criança.	Sabíamos que havia uma criança junto com o piloto
19	Irn	Filha, né?	Acena positivamente com a cabeça.	
20	GS		Repete seu gesto anterior.	
21	Irn	Ele tinha uma filha. Quantos anos tinha a menina, o senhor lembra?		
22	GS		Abre os dedos, um de cada vez e depois vira sua mão aberta, mostrando os cinco dedos, em direção a Irn.	
23	Irn	Cinco anos. Todo mundo acompanhou essa notícia, né gente? O que o senhor acha que deu na cabeça dele, seo GS?		Olha ao redor, pois está ouvindo risos. Volta a olhar para GS.
24	GS	/oda’dá/.	Volta suas mãos para cima e movimenta a cabeça, indicando não saber.	

No início deste episódio, Irn contextualiza ao Grupo III a notícia sobre a qual pretende falar e logo interpela GS a respeito, pois sabe que ele assiste ao Jornal Nacional. Segundo Cazarotti-Pacheco (2012), GS é compreendido logo em seu primeiro turno (Turno 2), ao dizer: /ó'da/ /pó...a'do/, acompanhado de gestos e expressões fisionômicas. A autora também salienta que é principalmente pela prosódia que GS enfatiza, afirma e nega, dando o *colorido expressivo* aos enunciados (2012:107), do qual fala Bakhtin. No turno 7, Irn pergunta para GS a opinião dele sobre o acontecimento,: (...) “O que o senhor acha, que ele caiu ou que ele se jogou?”. GS, dos turnos 8 a 14 vai mostrando sua opinião a respeito do que teria ocorrido. Isso significa que ao ouvir a notícia na TV, compreendeu bem a descrição dos fatos, os argumentos a favor da tese de que o pai haveria sequestrado a criança e tentado jogar o avião sobre um shopping center e não que se tratasse de um simples acidente.

Nos turnos 10, 12 e 14, GS argumenta, por meio de gestos, e usando recursos prosódicos, possibilitando que Irn lhe dê os acabamentos, isto é, que vá construindo uma compreensão responsiva de seus enunciados.

Os enunciados não-verbais de GS, portanto, nos dão indícios de que ele tem uma compreensão relativamente preservada⁵³, apesar da impressão que causa em seus interlocutores de que não compreende, assim como não fala. Este era, de fato, o relato que nos foi feito pela pessoa que o trouxe ao CCA e que afirmou que foi também aquilo que o médico disse à família quando teve alta do hospital depois do AVC: que teriam que ter muita paciência, pois ele “não iria mais falar e nem compreender nada e ninguém, já que o AVC havia sido devastador” (sic).

O último episódio desta primeira parte, referente ao grupo de sujeitos não-fluentes, é de MA e trouxemos este dado porque acreditamos que esta senhora, ao contrário dos anteriores, de fato apresente maiores dificuldades de compreensão.

⁵³ Não diremos, neste caso, que está totalmente preservada, já que GS deixou o CCA depois do falecimento de sua esposa e não foi possível avaliar outros aspectos de sua compreensão.

1.5. Episódio 5 (Sujeito MA)

Contexto: O evento ocorreu em 01 de dezembro de 2009 e teve como participantes, além de MA, os sujeitos JM, MC, DP e Irn. Em uma conversa sobre os quadros feitos por MA, que era artista, especialmente aqueles com flores, JM pergunta – com a ajuda de Irn e de DP – sobre a produção e a comercialização desses quadros, o que desencadeia o processo dialógico a seguir.

TURNO	INTERLOCUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENUNCIADOS
1	Irn	O JM quer fazer uma pergunta pra você, MA.	Aponta para JM	
2	JM	Ela.. .ela...		
3	Irn	Pergunta pra ela.		
4	JM	Ela...		
5	Irn	Você...		
6	JM	Não.		
7	Irn	Vamos lá, você..., o que você quer saber do quadro?		
8	JM	Ela gostava... Não. Gostava... Comprava... comprava... Comprava?		

9	DP	Ela vendia.		
10	JM	Isso. Comprava.		
11	DP	Ela vendia.		
12	JM	Isso!	JM faz um gesto de “joia” com o polegar esquerdo.	
13	Irn	Ela vendia. Você não vendia quadros, MA?		
14	MA	Não, não.		
15	Irn	Não vendia?		
16	MA	Uhu, não::		
17	Irn	Vendia?		
18	MA	Não.	MA faz gesto de “não” com o indicador esquerdo.	
19	DP	Só dava.		
20	MA	Aqui:::	Abre o álbum com as fotos dos quadros de flores.	
21	Irn	Os de flores?		
22	MA	Comprava... Comprava, tudo, tudo...		
23	Irn	Ah, ta. Você comprava as telas,...tudo e fazia... Pintava.		
24	MA	É.		
25	Irn	E depois você não vendia? Vendia?		

26	DP	É... Vendia.		
27	Irn	Vendia sim, só que alguns ela deu de presente para os irmãos... O Ama tem.		
28	MA	Ah, sim.		

Com relação a MA, gostaríamos de chamar a atenção para um dado específico, que pode nos ajudar a explicar uma maior dificuldade de compreensão em relação aos outros sujeitos já apresentados. Ela tem, como já dissemos no capítulo 3, uma lesão em região fronto-têmporo-parietal esquerda.

Neste episódio, imaginamos que algumas das dificuldades de compreensão de MA possam ter ocorrido em decorrência de sua interação com JM, que produziu algumas parafasias ao fazer perguntas a ela, por exemplo, no turno 8: “Gostava... Comprava... comprava... Comprava? quando, de fato, queria saber se ela vendia os quadros. Também salientamos, no turno 9, a mediação do sujeito DP, mais fluente, no processo interativo, que diz: *vendia*. JM compreende e concorda com ela, porém (no turno 10) repete “isso. comprava”. DP interfere novamente, até que MA consiga dizer o que fazia com seus quadros.

Em episódios nos quais há interação de vários sujeitos afásicos, ficam mais evidentes não apenas os limites de cada um, as diferentes formas como a linguagem foi impactada pela afasia, mas também as diferentes formas como cada qual lida com suas dificuldades e como reconhece as dificuldades dos outros sujeitos – e como lida também (ou não) com elas.

Apenas este episódio, isoladamente, talvez não seja suficiente para ilustrar as dificuldades de compreensão de MA, comparada aos outros sujeitos. Em geral, é necessário que repitamos as perguntas várias vezes para que ela nos responda. Muitas vezes precisamos interpelar MA durante as atividades que estão sendo desenvolvidas, . isso pode estar relacionado às suas características de personalidade (falta de vontade em conversar sobre algo que não é do seu interesse) ou às características de sua lesão, também frontal, e ainda aos medicamentos que toma.

2.Dados de episódios interativos com sujeitos *fluentes*

2.1.Episódio 6 (Sujeito MG)

Contexto: Em uma atividade individual realizada com o sujeito MG, em 12 de abril de 2011, ele fala de sua dificuldade para encontrar a palavra que deseja. Nessa ocasião, havia sido solicitado a ele que preenchesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), necessário para o início dos trabalhos e da pesquisa com sujeitos afásicos no CCA.

TURNO	INTERLO- CUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕE S SOBRE OS ENUNCIADOS
1	Irn	Então me conta... Isso que você que é isso? Pra que serve e mais ou menos qual é o conteúdo?	Aponta para a folha referente ao Termo de Consentimento Esclarecido (TCE)	
2	MG	Eu tenho con...consciência		
3	Irn	Então... me conta o que que é.		
4	MG	Aí... então...		
5	Irn	O que você me autorizou aqui?		
6	MG	Você pediu a autorização pra mim, usar meus ví::deos, meu::, vamos dizer assim, meu:, meu... tem dar um nome bonito... pensei... Entendeu a dificuldade? E::, hum..., Como é que eu vou chamar isso de um... Se eu fosse um médico, eu teria um... Entendeu a dificuldade? É pra saber o nome que eu vou dar pra isso?	Aponta novamente para o TCE.	

7	Irn	Uh-hã		
8	MG	Que nome é disso, é um...		
9	Irn	Você tá falando o nome do documento?		
10	MG	Não, o que eu tava fazendo agora... eu tava lá no grupo, faz parte de um grupo de X.		
11	Irn	Ah, tá.		
12	MG	Isso.. Some o nome. E... aí.		
13	Irn	A convivência, por exemplo. A convivência de...		
14	MG	E você me deu a autoridade, autorização, e... deu a autorização pra usar essa estatística pra saber se eu estou bem ou mal, ou pior ou melhor... ou qualquer coisa que você quiser.	Risos	
15	Irn	De onde você tirou que é estatística?		
16	MG	Porque eu fazia essa bendita coisa.		
17	Irn	Você acha que a gente vai fazer conta?		

18	MG	Todo mundo faz.		
19	Irn	Não, nós não fazemos.		
20	MG	Deviam. Lógico. Se tem um, dois, já virou estatística.		
21	Irn	Ah, tá, eu achei que você tava falando de uma outra coisa. Tá!	Risos	
22	MG	Análise, não.		
23	Irn	A gente faz um tipo de análise que aqui a gente chama de qualitativa. A gente tenta entender o que tá...		
24	MG	Pode também. Mas eu só tô dizendo que a consciên... a consciência tá... eu tenho... o problema é montá uma é:: tem que pensar, tá? Porque, eu tenho dificuldade de ver o JM... Agora eu vou dar um exemplo, é fácil pra mim.		
25	Irn	Uh-hã..		
26	MG	Eu sei que ele sabe.		
27	Irn	Uh-hã..		

28	MG	Ele tem a mesma dificuldade que eu, já percebi.		
29	Irn	Uh-hã..		
30	MG	Cê, entendeu? Eu percebi isso, só que:, é:: talvez eu tenho um pouquinho mais de:: de facilidade ou não, não sei, mas eu sei...		
31	Irn	E qual você diria que é a dificuldade que você tem e o senhor JM também tem?		
32	MG	Exatamente, de tentar lembrar o que a gente quer falar pras pessoas.		
33	Irn	A palavra.		
34	MG	O da frente também, esqueci o nome dele agora. Eu não lembro		
35	Irn	O da frente, quem é?		
36	MG	Mas é o:::	Aponta o sujeito à sua frente	
37	Irn	Quem que tava na sua frente?		
38	MG	O carequinha.	Passa a mão na cabeça	
39	Irn	O seo...		

40	MG	Desculpe o termo. Eu também sou careca.		Olha para a câmera e coloca a mão esquerda na cabeça
41	Irn	O Sr A? Não, não é o Sr A...		
42	MG	Não. É:: o::: tava de frente hoje aqui. O::.	Aponta para o local onde fica o sujeito.	
43	Irn	Tava de frente pra você?		
44	MG	Isso. Então, pelo cabelo eu lembro. Fala o nome que eu lembro.		
45	Irn	Hum.		
46	MG	O Seo SR?		Ele mesmo fala o nome do sujeito SR.
47	Irn	Tá.		
48	MG	Então.		
49	Irn	Aliás...		
50	MG	Mas ele sabe bem do que....		
51	Irn	Uh-hã..		
52	MG	Certo. Ele diz que lembra e na realidade ele lembra, mas se não lembrasse não faria...		
53	Irn	Portanto, não é problema de memória.		

54	MG	É. É dificuldade...		
55	Irn	Quando você fala assim, é::		
56	MG	É. Eu tenho memória, como é que eu vou dizer? Por isso que eu brinco hoje, hoje em dia. Eu já não lembrava antes; agora menos, mas o passado tá muito mais fácil. Tá muito fá... a:: a:flo:Ra:do, tá vendo?		A palavra “aflorado” foi dita de forma silabada.
57	Irn	Hum...		
58	MG	Porque... graças a Deus, acho que tem bastante palavras que tá guardada aqui... Puxa... mais, que e:: infelizmente ou bom... Não sei se é ruim, sei lá. Tem muita memória que aparece. Quando aparece eu faço um <i>link</i> . Aí eu tenho que ensinar pra esse cabecinha aqui que às vezes tem que dá volta. Mas hoje em dia vai se... vai ser de:: tá vendo? Se:: di:: eu tenho... eu tenho que lembrar pra... Mem... É... Aí... essa onde trava, tá vendo? Eu tenho que falar alguma coisa diferente e eu saio fora do...	Faz um gesto com as mãos, significando “muitos”	
59	Irn	Mas é bom, porque você sabe o que você tem que fazer quando a palavra não vem... Tem que dar essa volta.		
		Eu tenho grande, é.... Não		

60	MG	sei... Por isso que falei se isso é defeito ou não, mas eu tento.		
61	Irn	Ãhã. Claro que não.		
62	MG	Eu tenho, eu sentava na igreja...		
63	Irn	Você tem que explorar...		
64	MG	Eu olhava pra, eu copiava cada quadradinho.		
65	Irn	Então, o que você tem que fazer é isso mesmo, explorar esses recursos.		
66	MG	Entendeu?		
67	Irn	Se não consegue de um jeito, você tenta, dá as voltas que precisar, porque sai.		
68	MG	Eu tento, mas chega uma hora, uma hora que não vai.		
69	Irn	Porque a gente também faz isso, mesmo sem ter tido o episódio neurológico a gente faz. Quando a gente quer falar uma coisa e não consegue, às vezes, não é nem pra, por exemplo, às vezes tem que conversar um assunto delicado com alguém, cê não sabe como você vai fazer... o que faz? você dá umas voltas até que você vai chegar lá.		
70	MG	Então, mas::eu tenho		

		dificuldade.		
71	Irn	É, outra natureza da dificuldade, mas a gente sabe que é por aí mesmo, né? Você usou uma metáfora interessante, a gente faz uns links. O que a gente faz o tempo inteiro em linguagem é isso mesmo, cê, faz links.		
72	MG	É, então...		
73	Irn	E vai se virando.		
74	MG	É, eu vou dizer assim...		
75	Irn	Bom		
76	MG	É:: ler, e:u: leio bastante, tanto que eu tô, mas na área de informática, então... eu me foquei em cima do que... do que eu já conhecia... então pra mim é muito mais fácil..		
77	Irn	Você tá falando sobre os peixes, por exemplo, que é uma coisa que você lê muito...		
78	MG	De peixe, quando eu era, um, uns quinze anos, acho que uns quinze pra trás. Eu cuidava dos betas pra que, na ma... maternidade dos peixinhos, né, eu até consegui, consegui, tal, mas foi uma época que assim, eu morava..		
79	Irn	Quase dentro do aquário,	Risos	

		junto com os peixes....		
80	MG	É. Mas era antes de eu trabalhar na Unicamp.		
81	Irn	Ãh. Certo		
82	MG	Eu, trabalhava em empresas, eu já fui na:: empresas nacionais... importadas.	Risos	
83	Irn	Uh-hã..		

A primeira questão relevante a ser mencionada neste episódio é o fato de Irn aproveitar o momento em que MG preenchia a ficha onde constam informações pessoais e quando ele deve assinar o TCLE para conhecer também as dificuldades relativas à sua afasia. Assim, no turno 1, ela lhe pergunta sobre o que ele tinha assinado, o que seria o documento: “Isso que você assinou aqui... O que é isso... Para que serve... Qual é o conteúdo?” e ele responde que tem consciência do que seria (turno 2). Ela insiste: “Então me conta o que que é”(Turno 3), “O que você me autorizou aqui?” (Turno 5). MG descreve mais do que está descrito no TCLE, pois conhece o gênero do documento e sabe que tipo de pesquisa desenvolvemos, tanto é que responde: “Você pediu a autorização pra mim, usar meus vídeos, meu::, vamos dizer assim, meu:, meu tem que dar um nome bonito, pensei, entendeu a dificuldade é::, hum..., como é que eu vou chamar isso de um... se eu fosse um.. médico, eu teria um... entendeu... a dificuldade? É para saber o nome que eu vou dar pra isso”. É evidente que ele tem dificuldades para organizar seu discurso, demonstrando neste enunciado (turno 6) uma das características de sua afasia – a produção de circunlóquios e paráfrases, um bom exemplo de enunciado para caracterizar sua afasia do tipo fluente.

Observa-se que parece não haver uma dificuldade específica da compreensão, no sentido estrito de saber para que serve o TCLE – autorizar um pesquisador a filmar, a divulgar um vídeo, utilizar um dado da pesquisa, Entretanto, compreender, como vimos defendendo desde o início deste trabalho, não é apenas decodificar uma informação específica de um contexto restrito, ou seja, no nível da *identificação*. MG se preocupava também em buscar um nome específico para o documento. Diz que se fosse um médico saberia tal nome. Irn pergunta se estaria se referindo ao nome do documento. Ele diz: “Não, o que eu tava fazendo agora, eu tava lá no grupo, faz parte de um grupo de X” (turno 10). A imprecisão de seus enunciados causam também dificuldades na compreensão de Irn. Ele justifica sua dificuldade, dizendo que “o nome some”.

Interessante, no turno 14, observar que MG diz que Irn foi quem deu a ele a *autoridade*, a *autorização* e complementa “e deu a autorização para estatísticas” para saber se ele está bem. Imagina que será avaliado – talvez como tenha já sido em algum outro lugar – por algum neuropsicólogo, “para saber se eu estou bem ou mal, ou pior ou melhor, ou qualquer coisa que você quiser”. Irn pergunta de onde ele tirou que é estatística e ele responde que fazia essa *bendita coisa*; que *todo o mundo* faz (turnos 16 e 18). Ela responde: “Nós não fazemos” (turno 19).

MG fala sobre dificuldades, mostrando que tem “consciência” de seus limites: “o problema é montá uma é:: tem que pensar, t, porque, eu tenho dificuldade de ver o JM, agora eu vou dar um exemplo, é fácil pra mim....” (turno 26).. E passa a comparar o que pensa ser a dificuldade de JM e a sua. Pensa que os dois têm a mesma dificuldade, mas que para JM seja um pouco mais difícil: “Talvez eu tenho um pouquinho mais de:: de facilidade ou não, não sei...” (turno 30). MG acha que seu problema é de memória, pois quando Irn lhe pergunta o que pensa ser problema (turno 31), ele responde: “Exatamente, de tentar lembrar o que a gente quer falar pras pessoas”. Continua relatando suas dificuldades – que acredita serem de memória – até o turno 58, mas também dá pistas sobre como faz para superar essas dificuldades: “eu faço um link... Eu tenho que ensinar pra esse cabecinha aqui... que às vezes que dá volta, mas hoje em dia vai...”..(Turno 58).

Temos que considerar que MG é um sujeito letrado. No próprio episódio 62 vemos que se refere às suas leituras na igreja (turno 62), na área de informática (turno 76),

mas também dos manuais de biologia (sobre os peixes, no turno 78 e sobre as plantas no turno 86). Ele transitava, portanto, entre vários gêneros e tópicos discursivos. Devemos nos lembrar que nas narrativas do Capítulo 4, MG teve mais dificuldades com a história dos leões, que era a mais complexa do ponto de vista descritivo. Não era uma narrativa mais simples, como as duas primeiras. O dado a seguir, também de MG, nos ajuda a compreender melhor algumas dificuldades de compreensão que podem ser explicadas em decorrência de ser sua afasia decorrente de lesão frontal, assim como vimos em MA e AC – características de natureza pragmático-discursivas e também algumas que talvez possam ser decorrentes de operações atribuídas mais especificamente aos lobos temporal – de funcionamento lexical – e parietal e que envolvem operações gramaticais de natureza espacial, que poderiam explicar a dificuldade em operar com ambiguidades e sentidos figurados, estruturas relativas e passivas, dentre outras.

2.2. Episódio 7 (Sujeito MG)

Contexto: Desenvolvia-se com MG uma atividade de interpretação de expressões cristalizadas da língua portuguesa, representadas por figuras construídas a partir da combinação de elementos que compõem seu sentido literal. Uma das expressões era “bater as botas” que significa “morrer”. Este dado foi discutido por Novaes-Pinto (2013a) para tratar da contribuição da teoria semiótica para as análises de dados no contexto das afasias, relativos às dificuldades na tradução dos sistemas sígnicos não-verbais para os signos verbais, como também aponta Coudry (2008).

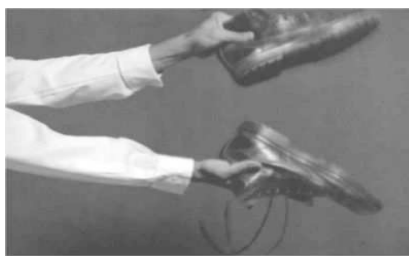


Figura 19 – “Batendo as botas”

Fonte: NOVAES-PINTO (2013a)

TURNO	INTERLOCUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENUNCIADOS
1	MG	Pé direito. Dois pés... Bota. Duas botas. O cara está batendo as botas		
2	BO ⁵⁴	Isso aí. Quando podemos usar essa expressão? “Bater as botas”.		
3	MG	Para limpar as botas...		
4	BO	Sim. Mas quando nós dizemos: “Fulano bateu as botas”.		
5	MG	“Bateu as botas” é igual morrer. Eu não gostei disso. Eu não acho isso engraçado.		

Quando se pergunta a MG o que a figura significa, ele inicia fazendo uma descrição literal dos elementos contidos (turno 1): “Pé direito. Dois pés... Bota. Duas

⁵⁴A sigla BO foi mantida como no artigo original de Novaes-Pinto (2013a) e não seguiu as descrições utilizadas no capítulo 2.

botas”. Mesmo quando ele enuncia: “O cara está batendo as botas”, podemos afirmar que está ainda preso no nível da identificação, pois, no turno 3, ao ser perguntado quando tal expressão pode ser usada, ele respondeu que seria para se referir a “limpar as botas”.

Apenas quando BO interpela MG, dizendo: “Sim, mas quando nós dizemos: *Fulano bateu as botas?*” (Turno 4) é que MG consegue alçar o seu sentido figurado: “Bateu as botas” é igual a “morrer”, como se estivesse solucionando uma equação, passo a passo e também avaliando o resultado obtido – um novo resultado, como que de uma (re) descoberta: Eu não gostei disso. Eu não acho isso engraçado (turno 8).

De acordo com Novaes-Pinto (2013a), esses dados nos permitem sugerir que a afasia de MG de certa forma desconectou o sentido literal da palavra de seus outros sentidos possíveis. Em outras palavras, alterou o que Petrilli tem chamado de polivalência do significado e da natureza dinâmica dos signos e dos processos interpretativos (NOVAES-PINTO, 2009a), por sua vez em uma referência direta à teoria de Welby.

Neste caso, devemos concordar que isso se configura como uma dificuldade que compromete os processos de compreensão, uma vez que a linguagem é, por natureza, polissêmica, polivalente, indeterminada e não-transparente. No caso de MG e de outros sujeitos com afasias decorrentes de lesões frontais ou de lesões em hemisfério direito (como o caso do sujeito AJ, relatado na dissertação de Canoas-Andrade, 2009), os processos inferenciais ficam bastante comprometidos quando a afasia impacta a capacidade dos sujeitos para operar simultaneamente com as múltiplas possibilidades de significação das palavras e expressões e escolher, dentre os sentidos possíveis, aquele mais adequado para o contexto comunicativo no qual está ocorrendo. É como se MG primeiro precisasse operar no nível da língua – *bota, uma bota, duas botas....* para depois operar no nível do enunciado. *O cara está batendo as botas*. Para chegar à enunciação foi preciso a mediação de seu interlocutor.

O próximo episódio, de AC, objetiva apresentar outro sujeito fluente que também tem afasia decorrente de lesão fronto-têmporo-parietal, que apresenta dificuldades que consideramos serem principalmente de ordem pragmático-discursivas.

2.3.Episódio 8 (Sujeito AC)

Contexto: Na sessão de 23 de abril 2011, AC conta a Irf sobre a sua deficiência auditiva. Ele usa aparelho e a entrevista foi realizada antes de ele e sua esposa serem avaliados no CEPRE.

TURNO	INTERLOCUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENUNCIADOS
1	Irf	O senhor usa há quanto tempo?		
2	AC	Faz pouco tempo que eu tô usando ele.		
3	Irf	Quanto tempo?		
4	AC	Há... Há... Há...		
5	Irf	Mais ou menos? Uns dez anos, cinco anos, dois anos?		
6	AC	Ahã...		
7	Irf	Mais ou menos um mês?	Aponta para a orelha esquerda	
8	AC	É... mais ou menos um mês		
9	Irf	Un-hú		
10	AC	Então, eu deixei de usar esse aqui e usava só esse aqui. O que não era pra ser usado, usava só esse aqui	Aponta para a orelha direita; depois aponta para a orelha esquerda. Aponta, novamente, para a orelha esquerda.	
11	Irf	Entendi. E o senhor começou a perceber que a audição da orelha esquerda começou a ficar pior que a orelha direita, mas a direita não melhorou. E Ela ficou um pouco melhor comparada com a esquerda depois do AVC		

12	AC	Exatamente. Então, por isso eu não usava ele, entendeu?	Aponta para orelha direita	
13	Irf	Ahã.. Mas chegou a colocar e a incomodar o senhor?		
14	AC	Ahã... Me incomodava e.. Deixa pra lá.	Aponta para a orelha direita	
15	Irf	Como era o incômodo? Que tipo de incômodo que era?		
16	AC	É... É o coiso atrapalhava a gente...		
17	Irf	Atrapalhava... Mas tinha um zumbido... um barulho?		
18	AC	Não, nada		
19	Irf	Só que o senhor começou a escutar mais do que antes, o que era um barulhinho virou um barulhão?	Aponta para a orelha direita	
20	AC	Não, a mesma coisa. O que atrapalhou mais foi esse aqui porque era pra mim usar. O médico falou: “usa só o que tá te atrapalhando”. ,É essa aqui. Então... Portanto... Que um é diferente do outro.	Aponta, primeiro para a orelha esquerda e depois para a direita	
21	Irf	E a perda é diferente, é? As audiometrias, os exames de audição estão todos no HC?		
22	AC	Não sei. Tá.		
23	Irf	Não tem nenhum exame em casa, tem?		
24	AC	Não, não, não		
25	Irf			Silêncio. Irf olha os aparelhos

26	AC	Um dia tava. Não sei. Porque tava lá. Aí eu passei no aparelho dela lá... Não no na... Não no médico, nela lá...		
27	Irf	Fez o exame com ela?		Irf se refere a fonoaudióloga do HC
28	AC	Exatamente.		

Este dado visa ilustrar um caso onde observamos de forma mais evidente a relação entre alguns aspectos da dificuldade de compreensão de natureza linguístico-cognitiva, visto que AC tem uma afasia decorrente de lesão fronto-têmporo-parietal e também considerando-se seu déficit auditivo prévio ao AVC.

Em vários enunciados, principalmente nos primeiros turnos, fica evidente que AC parece não escutar muito bem o que Irf lhe pergunta. Em um dos enunciados, por exemplo, ela pergunta há quanto tempo ele usa o aparelho e ele não responde: “há... há... há...”. Para ajudá-lo, ela diz: Mais ou menos? Uns dez anos, cinco anos, dois anos? E ele diz: “A..hã”. Ou seja, não responde. Novamente, ela insiste: Mais ou menos um mês? E ele diz: “É. Mais ou menos um mês”, o que provavelmente não correspondia aos fatos, àquela época.

AC inicia a sua narrativa falando do “problema” que tem na orelha direita, constatado no exame de audição. Segundo ele, após o evento neurológico (o AVC), o problema “passou para o lado esquerdo”. Ele então deixou de usar o aparelho na orelha direita (antigamente relata que era a pior orelha) e passou a usar o aparelho na orelha esquerda. Comparativamente, acha que a audição, portanto, piorou no lado esquerdo.

No entanto, ao fazermos o exame de audição em 2012, constatamos uma perda auditiva com uma configuração ascendente da curva audiométrica em ambas as orelhas, dificuldade para discriminar sons na logaudiometria e ausência do reflexo do músculo do estapédio em algumas frequências, compatível com a literatura. Segundo Colletti (1992), a ausência do reflexo estapediano pode levar a uma alteração da discriminação auditiva.

Esta queixa de AC provavelmente possa ser explicada pela dificuldade maior deste sujeito para compreender a fala do outro. Compreender em vários sentidos. Em primeiro lugar, devido a uma dificuldade na discriminação auditiva, decorrente do mascaramento causado pelas frequências graves, que estariam preservadas nos sons agudos.

No arco reflexo contralateral, o estímulo sonoro sentido por AC ativa as orelhas externas, médias e internas, o nervo coclear, o núcleo coclear do mesmo lado e cruza a linha média; ativa o complexo olivar superior e o núcleo motor do nervo facial contralateral à orelha estimulada, até provocar a contração do músculo estapediano contralateral. Podemos inferir que é nesta passagem, após o cruzamento da linha média, que acontece a interrupção do estímulo provocado pela isquemia, na região têmporo-parietal, e consequentemente uma dificuldade na discriminação auditiva.

Além disso, haveria comprometimento de outros aspectos da compreensão propriamente dita, derivadas de sua lesão frontal, mas também devido às características de natureza subjetiva. AC parece ser um senhor de gênio bastante temperamental, conservador, um tanto machista, o que o leva simplesmente a não dar muita atenção a alguns tópicos discursivos iniciados por outros sujeitos ou a iniciar conversas paralelas enquanto outros falam, como observamos nas sessões do CCA. Ele chega a dizer que não se interessa, que não quer saber e às vezes é até meio rude com seus interlocutores.

Se concebemos a (inter) compreensão como um trabalho em que ambos os parceiros da comunicação verbal operam sobre os enunciados um do outro para construir a significação, podemos concluir que no caso de AC, muitos processos interativos ficam comprometidos sempre que não há, por parte deste sujeito, o desejo de colocar-se na escuta do outro – seja ele afásico ou não-afásico.

2.4.Episódio 9 (sujeito AL)

Contexto: Na sessão do dia 20 de outubro de 2013, os membros do Grupo III conversam sobre a fábula que irão dramatizar e gravar em vídeo, ao longo das sessões coletivas até o final do ano, que será apresentado aos familiares na festa de encerramento do ano. Irn, depois de haver perguntado a outros sujeitos sobre seus papéis na peça, pergunta a AL qual personagem quer representar.

TURNO	INTERLOCUTOR	ENUNCIADO VERBAL	ENUNCIADO NÃO-VERBAL	OBSERVAÇÕES SOBRE OS ENUNCIADOS
1	Irn	E o seo AL?		
2	AL	Agora é::		
3	Irn	Todo mundo vai participar.		
4	AL	Mas pra mim... não é fácil... não.		
5	Imc	Seo AL, o senhor não quer fazer a cigarra, não? Sabe o que eu tava pensando? o senhor e a Dona TR podiam cantarolar uma música, porque a cigarra toca violão...		
6	AL	A moça aqui:: e fala... é duro e eu fico... é:: duro.		
7	Irn	Você pensa que pra mim é fácil, eu morro se tiver que ser... Eu sei... seo AL, eu acho que a gente vai se divertir fazendo... E no dia que a gente for mostrar, a gente vai divertir as pessoas também, não é? Uma das coisas que a gente faz aqui todo mundo junto, não é isso também? Essa parte assim gostosa... de amizade... de se divertir junto...		
8	Imc	De ter oportunidade,,, Alguém aqui já foi ator? Tá... ora aquele dia que nós fizemos aquela encenação, alguém já foi?		
9	AL	Ah... ontem...		
10	MG		Gesto afirmativo com a cabeça	
11	Imc	Já?	Olha para MG	
12	MG	Eu era Jesus!		Ri

13	AL	Depois... todo dia... numa pasta...vai...	Gesto com o corpo para frente.	AL está sentado e faz um gesto que parece o de simular uma corrida ou exercício da academia de ginástica
14	Irñ	O senhor tá falando da fisioterapia?		
15	AL	A:::é:::não...aguenta...e:::eu vou também.		
16	Irñ	Na fisioterapia, o senhor tá falando? Na ginástica? O quê é que...		
17	Irñ	Na ginástica?		
18	AL		Mostra dois dedos da mão esquerda	
19	AL	Graças a Deus!		
20	Irñ	Tá indo bem?		
21	AL	É:::no quinhentos...		“conta nos dedos”.
22	Irñ	Quinhentos o quê?		
23	AL	É...		
24	Irñ	O senhor chegou no 500 de fazer qual exercício?		
25	MG		MG arregala os olhos	
26	AL	É::: louco... ficava doido...	Gesto afirmativo com a cabeça	
27	Irñ	Mas é fisioterapia ou é a ginástica?		
28	AL	É... tem... se sente... é oito...	mostra 3 dedos para Irñ	
29	AL		faz gesto de correr	
30	Irñ	Oito meses? Quê que o senhor...		
31	AL	De::: tinha	mostra os três dedos para Irñ	
32	Its	O senhor faz fisio duas vezes por semana?		
33	AL	Sim... para... para... todo dia, todo... todo... todo dia	Gesto afirmativo com a cabeça	
34	Irñ	Mas é fisio ou academia?		
35	AL	É...		
36	Irñ	Academia?		

37	AL	Todo dia... aqui... quilo... eu vô... não aguento... a::: peci... todo dia para... e::: depois no outro dia... outro		
38	Irñ	Então, o senhor não acha que fazendo isso vai ajudar o senhor também participar dessa...		
39	AL		Gesto afirmativo com a cabeça	
40	Irñ	Tá melhorando, não tá?		
41	AL		Gesto afirmativo com a cabeça	
42	Irñ	Essa coisa da fala, a gente vê depois o que cada um consegue, senhor AL.		
43	AL	Tudo bem... é... bom... das... a::: gente quer... é passa uma pessoa aqui, outra tem... outro dia a vez... todo dia quando eu... a gente quer uma coisa... sabe?	Coloca a mão no rosto – no olho esquerdo e depois coloca a mão na boca	
44	Irñ	O senhor tá falando de “falar”?		
45	AL	Isso!		
46	Irñ	Que é difícil?		
47	AL	Exatamente!		
48	Irñ	Todo mundo aqui tem dificuldade. AL, cada um vai participar fazendo o que consegue fazer.		
49	AL	Ah. Sim.	Gesto afirmativo com a cabeça	
		[Recorte]		
50	Irñ	Quando o senhor chegou, a gente não conseguia entender quase...		
51	AL	Quando... chegô... /ba'So/... fala... que::: na::: não sabia	Junta as mãos	
52	Irñ	De quem o senhor tá falando?		
53	AL	É...	Gesto afirmativo com a cabeça	
54	AL	Eu fico... nó... mãe... fala	Abre a boca	
55	Irñ	Não conseguia falar...		

56	AL	O quê:: eu queria...meu Deus do céu...		
57	Imc	Todo mundo aqui tá muito melhor.		
58	Irn	Todo mundo passou por isso... É difícil.		
59	AL	O cara falou pra mim... Você para e cabô tudo... para tudo... não sabia mais nada...		
60	Irn	Quem falou isso?		
61	AL	É::é::	Olha para MG	
62	Irn	Médico?		
63	AL		gesto afirmativo com a cabeça	
64	AL	Não sabe que...		
65	Irn	Então, melhorou e é isso que a gente tá fazendo aqui. O que a gente quer é que todo mundo melhore sempre...		
66	AL	É... eu uma só fala...hoje...fala um porque...fica...todo..e:pouco tempo...	Junta as mãos	
67	Irn	Melhorou...		
68	AL	Fica...melhor...		
69	Irn	Ahã...		
70	AL	Então, tem dia que...brinca...a minha...criança...a gente... minha mãe... eu falo para você... não fala nada...o::: mãe, você tá bom? Tudo bem... você...cê... para... tudo bem...	Junta dois dedos da mão esquerda	
71	Irn	Você tá falando que tem uns dias que vai bem e tem dias que não consegue? É isso?		
72	AL	É... Que você não pode... as coisas... fica quieto... se tem a moça você fala...		Encosta a mão no braço de MG (que está sentado ao lado dele)
73	Imc	Você tem que conversar, tem que falar...		
74	AL	Isso!		
75	Irn	Você tem a família perto...		

76	AL	Isso! E chega e fala oh... e é quando? Ela fala pra mim... Espera um pouquinho porque eu tenho o:: chegar aqui.. vim aqui... hoje fala com...um.. pouquinho.		
77	Imc	Ah.. tá... tem vezes que querem falar pelo senhor, não é isso?		
78	AL	É...		

Não visamos, com este episódio, salientar apenas os indícios das dificuldades de compreensão de AL. Para iniciar, é preciso dizer que este sujeito chegou ao CCA em agosto de 2012, com uma jargonafasia clássica. Tradicionalmente, essa síndrome é concebida como um quadro no qual necessariamente estão presentes as dificuldades de compreensão e também anosognosia – um sintoma associado que se refere ao fato de o sujeito não ter consciência de que não está sendo compreendido ou de que fala como fala – produzindo parafasias fonológicas sucessivas, o que explica ser conhecido como um “jargão”.

Quando AL chegou ao CCA, as únicas unidades lexicais possíveis de serem delimitadas em seus enunciados eram “Maria”, “mãe”, “não sei”, “mais” e “Santos”, dentre outras poucas. Ele reclamava muito, também, de um zumbido constante em seu ouvido. Inferimos, a partir das impressões que tivemos ao longo das primeiras interações, que assim como nós não compreendíamos AL, ele também não nos compreendia. Todas as significações só podiam ser feitas a partir de expressões faciais e corporais e alguns poucos gestos cristalizados (simbólicos) que foram surgindo pouco a pouco e começaram a ser melhor compreendidos nas sessões individuais⁵⁵.

⁵⁵ Apenas para dar uma ideia da produção inicial de AL, transcrevemos abaixo dois enunciados da sua entrevista inicial com Irn e o fonoaudiólogo Imv, também referido no dado 7 como BO.

Imv	Então... O meu nome é Imv . Eu sou fonoaudiólogo; trabalho com fonoaudiologia. Eu tô aqui neste instituto, tô fazendo doutorado.
Irn	O seu nome é::
AL	/Pra:: gɔs'tw... ma::is... não sei... ma':::is.../
Irn	Então... o seu nome é A...?
AL	/se'btw'sãtw o na:: ne:: mi:: ni:: mi::a mi'nu ka/ não... não tem!/

Apesar de enunciados ainda bastante comprometidos do ponto de vista da seleção e da combinação, podemos dizer que AL compreende, pelo menos parcialmente, os enunciados de Irn, logo no início do episódio 9. Ela o convida a participar das atividades e ele argumenta que teria dificuldades: “Mas pra mim... não é fácil... não (turno 4). A partir deste momento, Irn vai tentando convencê-lo a participar, pois todos os outros sujeitos também têm dificuldades. No turno 6, ele ainda está argumentando dentro do mesmo tópico: “A moça aqui:: e fala... é duro e eu fico... é duro.”. Começam, entretanto, as dificuldades de (inter) compreensão, neste ponto, pois AL não explicita quem seria “a moça” e faltam aos demais participantes da interação as referências contextuais e conhecimentos partilhados para atribuir referência. A partir do turno 8 tem início uma tentativa de se aproximar do querer-dizer de AL. Entretanto, enquanto Irn, Imc e MG tentam trazer AL para o tópico que estava sendo desenvolvido – o trabalho no CCA com a fábula – AL passa a falar de suas próprias dificuldades. Por meio de gestos, como no turno 13 e depois no 26, ele dá a entender que se refere aos exercícios físicos que realiza na academia ou nas sessões na fisioterapia; o quanto se dedica, quanto é duro. Vários enunciados enfatizam suas dificuldades: “Não aguenta” (turno 15), “É louco... ficava doido” (turno 24), dentre outros.

Para todos esses enunciados de AL, vemos que os interlocutores vão produzindo acabamentos por meio de outros enunciados, em geral interrogativos, para certificarem-se de que o compreenderam. A indeterminação excessiva dos seus enunciados provoca a incerteza da conclusibilidade por parte dos outros interlocutores. É importante também dizer que ao mudar o tópico discursivo como fez, o sujeito AL evidenciou que não estava compreendendo as regras inicialmente instauradas para a atividade a ser desenvolvida na sessão coletiva e que já havia sido acordada previamente por todos. Na sessão, os integrantes do grupo III leram diferentes versões da fábula, assistiram vídeos de desenhos, peças de teatro e montagens humorísticas sobre a história, decidiram o roteiro e o final que queriam para a versão do CCA e, nesse momento da sessão, deveriam atribuir os papéis aos participantes.

Os interlocutores conduziram a sessão e, ao mesmo tempo deram continuidade ao que tinha sido proposto, mas não podiam deixar AL, naquele momento, sem os acabamentos de que necessitava. Os interlocutores de AL sentiram que ele estava angustiado, que precisava falar. Isso fica mais evidente ainda no final do episódio. Não chegaram a compreender bem todos os seus enunciados – do que ele está falando nos turnos 37, 41, 43, 54 e 59. Neste (turno 59), ele diz: “O cara falou pra mim... você pára e cabô tudo... pára tudo... não sabia mais nada”. No turno seguinte, durante a interlocução, os interlocutores haviam concluído que teria sido o médico, mas não temos essa certeza. No turno 68, vemos que ele se refere a alguém que lhe diz para ficar quieto. No turno 76, pode ser que “ela” esteja querendo dizer que alguém peça aos outros para esperar um pouquinho para que ele fale, mas ele diz: “Ela fala pra mim... espera um pouquinho”. Ou seja, pode ser que peça a ele que não fale. Havia naquela situação, um sofrimento na fala de AL que não podia ficar sem resposta, sem a compreensão ativo-responsiva de seus interlocutores. Por outro lado, talvez pela dificuldade de o compreenderem, os outros sujeitos passaram a conversar paralelamente.

O episódio 9 ilustra, a nosso ver, vários aspectos do que vimos chamando de *compreensão ativo-responsiva* que ultrapassa a concepção de decodificação, de identificação e que pode estar alterada nas afasias em seus mais diferentes aspectos.

Tendo analisado neste capítulo este conjunto de episódios dialógicos, buscando compreender diferentes aspectos do complexo processo que vimos caracterizando como *(inter) compreensão* no campo das afasias, passamos, a seguir, nas *considerações finais*, a destacar as principais contribuições que acreditamos que esta tese tenha trazido para a área de Neurolinguística acerca do tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A responsabilidade do ato é sobretudo responsabilidade pelos outros, e a unicidade do eu é a não delegação de tal responsabilidade, o não poder ser substituído nesta, até abnegação, até substituir o outro (PONZIO, 2010b:36).

Esta tese buscou refletir sobre algumas das diversas facetas implicadas no processo de *compreensão* no campo das afasias, na perspectiva bakhtiniana. Ao caracterizá-la, desde o início, como (inter) compreensão e mobilizando o conceito de *compreensão ativo-responsiva*, buscamos evidências do trabalho realizado pelos *parceiros da comunicação verbal* (afásicos e não-afásicos) na construção conjunta da significação e na interpretação dos sentidos. Essas evidências foram trazidas à tona por meio das análises de cunho microgenético, dos muitos *enunciados* – unidades reais da comunicação verbal (BAKHTIN, 1929/2003) – tanto aqueles obtidos em avaliações metalinguísticas (Capítulo 4), quanto nos episódios dialógicos (Capítulo 5). A nosso ver, os dados da tese ilustram o que Bakhtin afirma sobre os processos *ativos* daquele que fala e dos processos *também ativos* daquele que escuta. Como dissemos anteriormente, nos contextos comunicativos concretos, a compreensão deve ultrapassar o nível da *identificação* do valor linguístico do signo – ou seja, de seu significado, no interior do sistema da língua. Para ser interpretado, o signo depende de um contexto linguístico e situacional. As análises realizadas contribuem para pensarmos, também, no trabalho terapêutico com sujeitos afásicos.

Destacamos, assim, para finalizar este trabalho, as principais contribuições que acreditamos que esta tese tenha trazido para a área de Neurolinguística Discursiva, acerca do tema:

- ✓ Retomamos o conceito de *compreensão ativo-responsiva*, de Bakhtin, colocando-o em primeiro plano no estudo das afasias, seguindo o que já havia sido feito por Novaes-Pinto (1999, 2004, 2007, 2009, 2013b), por sua vez ancorada nos trabalhos de Geraldi (1991/2013) e na Neurolinguística

desenvolvida por Coudry (1986/1988), autores que já na década de 80 criticavam os modelos que dicotomizavam produção e compreensão.

- ✓ Relacionamos questões acerca do método qualitativo e das análises de cunho microgenético, que vêm sendo mobilizadas nos trabalhos em Neurolinguística, ao raciocínio de natureza abdutiva, essencial para as análises holísticas de dados de sujeitos afásicos, a fim de estabelecer hipóteses a respeito de comprometimento (ou não) de processos linguístico-cognitivos complexos, como é o caso da compreensão. Nos baseamos, principalmente, nas aproximações que Ponzio faz entre Peirce e Bakhtin (apud Petrilli, 2013 e Novaes-Pinto, 2013c), para afirmar que o método abdutivo – que explica as inferências do pesquisador restropectivamente - é o que tem o mais alto grau de dialogicidade. Essa discussão foi apresentada no Capítulo 2.
- ✓ Trouxemos para a reflexão um dos aspectos da compreensão, geralmente desconsiderado nos estudos afasiológicos, que foi de fato o que motivou o início desta pesquisa – a queixa de alguns sujeitos afásicos, sobretudo alguns com lesão temporal, “com dificuldades para escutar e para entender o que os outros diziam”. Buscamos analisar os resultados obtidos nas avaliações auditivas e relacioná-los às dificuldades observadas nas avaliações metalinguísticas e ao longo das situações interativas. Foi possível, em três sujeitos de forma mais evidente – MA, AC e AL – perceber correlações entre os resultados auditivos, as lesões temporais e dificuldades mais severas de compreensão. Outra contribuição a essa discussão foi a de poder apontar a necessidade de se desenvolver protocolos especiais para avaliar a audição de sujeitos afásicos, por meio de outros recursos que não seja a produção oral, já que eles não têm condições, na maioria das vezes, de repetir o que ouvem – em função dos comprometimentos de natureza motora ou práxica, ou mesmo por especificidades do tipo de afasia. Ilustramos com o caso de JM algumas alternativas que podem ser desenvolvidas e enfatizamos que a

Linguística pode contribuir para o desenvolvimento de protocolos de avaliação adequados para esse fim. Essa discussão foi desenvolvida no Capítulo 3.

- ✓ Seguindo o trabalho já desenvolvido por Novaes-Pinto (1999) e mais recentemente por Fugiwara e Novaes-Pinto (2013), utilizamos os materiais dos subtestes de duas baterias metalinguísticas, não só para apontar alguns problemas desses protocolos, mas também para tentar observar dificuldades de alguns sujeitos afásicos com unidades da língua – com destaque para sentenças, que depois seriam relacionadas a figuras e narrativas curtas. A análise permitiu constatar que protocolos não nos ajudaram a perceber diferenças significativas entre sujeitos fluentes e não-fluentes e se tinham mais dificuldades com sentenças passivas do que com sentenças ativas, com reversivas, dentre outras. Podemos afirmar que quase tudo o que pudemos inferir a respeito das dificuldades dos sujeitos ao longo dos experimentos foi mais pelos comentários que foram fazendo ao longo do trabalho do que pelas respostas objetivas que deram aos testes. Ao final do capítulo, buscamos dar visibilidade às respostas *objetivas* dos testes, em gráficos e em uma tabela de porcentagem, justamente para mostrar que os resultados entre os sujeitos não nos dizem muito sobre suas dificuldades, os tipos de afasias e nem podem ser correlacionados diretamente, seja com o tipo de lesão – anterior ou posterior – ou com a forma de afasia – fluente ou não fluente. Esse foi, portanto, o objetivo do Capítulo 4.
- ✓ Por fim, por meio de análises microgenéticas de enunciados de sujeitos afásicos em episódios dialógicos, buscamos evidenciar diferentes aspectos da compreensão – não só apontando para as dificuldades – do afásico e do não-afásico – mas principalmente salientando a possibilidade de (inter) compreensão construída a cada *acabamento* (BAKHTIN, 1929/2010) dado aos enunciados, no trabalho conjunto dos parceiros da comunicação verbal – pelo trabalho *ativo* daquele que fala e do trabalho *ativo* daquele que ouve e

que busca atribuir sentido – em mão dupla, de afásicos e não-afásicos nos dois lados do processo. Os pressupostos teóricos e metodológicos dessas interações que foram descritas (e transcritas) no Capítulo 5 foram explicitados nos capítulos anteriores e estão presentes não apenas como instâncias analíticas.

Quando damos tempo aos sujeitos afásicos para que reorganizem seus enunciados, ou quando com eles construímos uma referência (um objeto de discurso – como TR, para se referir à profissão do marido, no Episódio 3, ou JM para se referir às novelas, no Episódio 2), mesmo que para isso sejam necessários mais de 100 turnos no processo dialógico – as vezes mais de 200 – é porque há um conjunto de princípios teóricos, metodológicos e também éticos que foram construídos, ao longo de mais de vinte e cinco anos de trabalhos realizados na área de Neurolinguística no IEL. Para Novaes-Pinto (2013d) o conceito de “ato ético e responsável” de Bakhtin (1929/2010) não se aplica diretamente a alguma instância de análise, mas sintetiza uma postura com relação ao agir na vida (NOVAES-PINTO, 2013d).

Nesse sentido, podemos considerar que os mesmos princípios teórico-metodológicos e éticos adotados na área da Neurolinguística do IEL também se encontram subjacentes aos trabalhos desenvolvidos tanto no CCA, quanto no âmbito da clínica. Os estudos pautados em uma perspectiva discursivamente orientada dão aos fonoaudiólogos a possibilidade de trabalhar com os sujeitos afásicos com um olhar diferenciado, respaldado por uma concepção de linguagem como atividade constitutiva. É nesta construção conjunta que o fonoaudiólogo encontra pistas sobre as possibilidades e os limites na produção e compreensão dos enunciados. O CCA, portanto, constitui-se como um espaço de reflexão e de aprendizado para os fonoaudiólogos que lidam com a linguagem em sofrimento e que buscam desenvolver outras possibilidades para alcançar a significação. Nesta tese, abordamos uma das questões subjacentes ao trabalho realizado no CCA, então, para encerrá-la terminamos com a seguinte citação de Bakhtin (1979/2003):

...ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de

conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele (BAKHTIN, 1979/2003: 302).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABISON, M. I. Em busca de pistas. In: _____ (Org.), *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas: Mercado de Letras, 1997. p. 13-36.

ALMEIDA, K.; IORIO, M. C. M. *Próteses auditivas: fundamentos teóricos & aplicações clínicas*. São Paulo: LOVISE, 1996.

ALVARENGA, K. F.; LAMÔNICA, D. C.; COSTA FILHO, A. O.; BANHARA, M. R.; OLIVEIRA, D. T.; CAMPO, M. A. Estudo eletrofisiológico do sistema auditivo periférico e central em indivíduos afásicos. *Arq. Neuro Psiquiatr.* v. 63, n.1, p.104-9, 2005.

AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION. *Central Auditory Processing: Current Status of Research and Implications for Clinical Practice*. Disponível em <http://www.asha.org/members/deskref-journals/deskref/default.2005>. Acesso em 05/04/2011.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. [Tradução de Michel Lahude; Yara Frateschi Vieira]. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, [1929] 2010.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2003.

BARAN, J. A.; BOTHFELDT, R. W.; MUSIEK, F. E.; Central auditory deficits associated with compromise of the primary auditory cortex. *J. Am. Acad. Audiol.* v. 15, p.106 – 16, 2004.

BIERDERMANN, F.; BUNBERT, P.; DORRSCHIEDT, G. J.; VON CRAMON, D. Y.; RUBSMEN, R. Central auditory impairment in unilateral diencephalic and telencephalic lesions. *Audiology and neurotology.* v. 13, p. 123-44, 2008.

CANOAS-ANDRADE, R. *Questões Neuropsicológicas e Neurolinguísticas de uma afasia fluente e progressiva: inferências a partir de um estudo de caso para a clínica fonoaudiológica*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CARVALLO, M. M. R. *Fonoaudiologia: Informação Para Formação. Procedimentos em Audiologia*. (org.) Suelly C.O. Limonge. 1.ed. São Paulo: Ed Guanabara Koogan, 2003.

CAZAROTTI-PACHECO M. *O discurso narrativo nas afasias*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

_____;NOVAES-PINTO, R. C. *Aspectos discursivos da narrativa de um sujeito afásico fluente*. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 568-577, mar./ago. 2010. ISSN 14130939. Disponível em: <http://www.gel.org.br>. Acesso em 07/06/2013.

CHERMAK G. D.; MUSIEK F. E. *Central auditory processing disorders: new perspectives*. San Diego: Singular Publishing Group, 1997, 374p.

CHO-REYES, S., THOMPSON, C. K. Verb and sentence production and comprehension in aphasia: The Northwestern assessments of verbs and sentences (NAVS). In: *Aphasiology*. v. 26, p. 1-28, 2012.

CLARK, K. & HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. [Tradução de J. Guinsburg]. São Paulo: Editora Perspectiva, [1984] 2004. 381p.

CORRÊA, L. Dificuldades e potencialidades do uso do método experimental no estudo da aquisição da linguagem, in CASTRO, M. F. (org.). *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996, p.31 – 54.

COUDRY, M. I. H. *Diário de narciso: discurso e afasia*. São Paulo: Martins. Fontes, [1986] 1988.

_____. O que é dado em neurolinguística? In: CASTRO, M. F.(org). *O Método e o Dado no Estudo da Linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996, p. 179 - 194.

_____. "Língua, Discurso e a Lógica da Linguagem Patológica. *Cadernos da F.F.C. (UNESP)*, v. 6, p. 131-148, 1997.

_____. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da neurolinguística. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v.42, p. 99-129, jan./jul. 2002.

_____. Neurolinguística discursiva: afasia como tradução. *Estudos da Linguagem*. Vitória da Conquista, v. 6 n. 2. p. 7-32, dez. 2008.

_____; FREIRE F. M. P. Pressupostos teóricos da Neurolinguística Discursiva. In: COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F. (orgs..) *Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

DAMICO, J. S.; OELSCHLAEGGER, M.; SIMMONS-MACKIE, N. Qualitative methods in aphasia research: conversation analysis. In: *Aphasiology*, v.13, n. 9-11, p. 667-679.1999.

ENSINAS, R. V. Dificuldades de encontrar palavras em lesão têmporo-parietal esquerda. *Estudos Linguísticos*; v.40,n.2, p.955-965, mai/ago,2011. Disponível em: <http://www.gel.org.br>. Acesso em 12/09/2011.

FERRE, J. M. Processing power. A guide to CAPD. Assessment and management. Texas: Communication Skill Builders, 1997; 186p.

FEDOSSE, E. *Processos alternativos de significação de um poeta afásico*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

FORIGO, D. *A significação imagética no contexto das baterias de avaliação de afasias e diagnóstico de demências e declínios cognitivos*. Relatório Final de Iniciação Científica. CNPq, IEL/UNICAMP. 2008.

FRANCHI, C. *Hipóteses para uma Teoria Funcional da Linguagem*. 1977. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1977.

FUGIWARA R. V. E.; NOVAES-PINTO R. C. Avaliação de compreensão nas afasias: o limite dos instrumentos metalinguísticos e a contribuição das análises discursivas. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n.2, p. 903-915, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.gel.org.br>. Acesso em 05/05/2013.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGe. *Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, [1991] 2013.

GÓES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos CEDES*, v. 20, n.50, p 9-25, 2000.

GOMES DA SILVA, F. *Estudo correlacional entre o desempenho em tarefas linguísticas e audiológicas de indivíduos afásicos*. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2007.

GOODGLASS, H & KAPLAN, E. *Evaluación de La Afasia y transtornos Relacionados*. Madrid: Editorial Medica Panamericana, 1995.

GRASEL, S. S.; GUEDES, M. C.; ALMEIDA, E. R.; BECK R. M. O. Imitância Acústica e Imitanciometria. In: *Tratado de Otorrinolaringologia e Cirurgia cervicofacial*. v 1. 2. ed. São Paulo: Rocca, 2011. p. 412 – 430.

GUIDA, H. L. et al. Revisão anatômica e fisiológica do processamento auditivo. *Acta ORL*, v. 25, n. 3, p.173-254, jul/ago/set. 2007.

GUINSBURG, C. Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. In: ECO, U.; SEBEOK, T. A. (Org.) *O signo de três*. São Paulo: Editora Perspectiva,[1983]1989.

HUNGRIA H. Manual de Otorrinolaringologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 3.ed, 1973. p. 226-243.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, [1956] 1969. p. 34-62.

KAGAN, A.; SALING, M. *Uma introdução à afasiologia de Luria*: Teoria e aplicação. São Paulo: Artes Médicas, 1997.

KAY, J.; LESSER, R.; COLTHEART, M. *Psycholinguistic Assessments of Language Processing in Aphasia*: PALPA. London: Psychology Press, 1992.

KILENY, P.; PACIORETTI, D.; WILSON, A. F. Effects of cortical lesions on middle latency auditory evoked responses (MLR) Electroencephalography and clinical neurophysiology. v. 66, n.2, p. 128-20. 1987.

KOLK, H., VAN GRUNSVEN, M., KEISER, A. On parallelism between production and comprehension in agrammatism, (org.) KEAN, M. *Agrammatism*. New York: New York Academic Press, 1985. p. 165-206.

LEBRUN, Y. *Tratado de afasia*. [Coord. Dra. Maria Alice de Mattos Pimenta Parente], São Paulo: Panamed editorial, 1983.

LENT R. A linguagem e os hemisférios especialistas. A neurologia da linguagem e das funções lateralizadas. In: _____(org.) *Cem bilhões de neurônios. Conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Atheneu, 2005a. p. 619 – 50.

_____. Os sons do mundo. Estrutura e função do sistema auditivo. In: _____(org.) *Cem bilhões de neurônios. Conceitos fundamentais de neurociência*. São Paulo: Atheneu, 2005b. p. 241 – 70.

LURIA, A. R. *Fundamentos de neuropsicologia*. São Paulo: Edusp, 1981.

_____. *Pensamento e Linguagem: As últimas conferências de Luria*. São Paulo: Arned Editora, 1986.

_____. *Curso de Psicologia Geral: introdução evolucionista à psicologia*. [Tradução: Paulo Bezerra], Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira S.A. v. 1. 2.ed,1991.

MAZUCHELLI, L. P. *O efeito de práticas sociais com leitura e escrita num caso de afasia progressiva*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

MCALLISTER, T.; BACHRACH, A.; WATERS, G.; MICHAUD, J.; CAPLAN, D. Production and comprehension of unaccusatives in aphasia. *Aphasiology*, v. 23, p.989–1004, 2009.

MENEZES et al. *Audiometria tonal e logaudiometria. In: otorrinolaringologia e cirurgia cervicofacial*. v..1. 2.ed, 2011.

MINAYO, M. C. de S & SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementariedade?, *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, v. 9, n.3, p. 239-262, jul/set, 1993.

_____. *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo, SP: Hucitec, 2004.

MOMENSOHN-SANTOS, T.; RUSSO, I. C. P. *A prática da audiologia clínica*. 5.ed. São Paulo: CORTEZ, 2005.

MUNHOZ M. S. L.; CAPOVILLA H. H.; SILVA M. L. G.; GANANÇA M. M. *Audiologia clínica*. São Paulo: Atheneu, Série otoneurológica.v.2, 2003, 284p.

MUSIEK F. E. Frequency (pitch) and duration patterns tests. *J Am Acad Audiol* v.5, n.4, p.265-8, 1994.

NANDIN T. L. C. *Possibilidades narrativas com sujeitos com afasias severas de produção:o papel dos signos não-verbais para alcançar o “querer-dizer”*. 2013. Dissertação (mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2013.

NOVAES-PINTO, R. C. *Agramatismo: uma contribuição para o estudo do processamento normal da linguagem*. 1992. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1992.

_____. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

_____. A adoção de conceitos bakhtinianos para a análise de linguagem de sujeitos afásicos. In: *Lingua(gem)*, v. 01. Macapá, AP: ILAPE, 2004.

_____. As práticas linguísticas como locus para avaliação de compreensão em sujeitos afásicos. In: *Anais da XX Jornada do GELNE*, João Pessoa, 2007.

_____ & SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: implicações para a clínica fonoaudiológica, In: *Perspectivas na Clínica das Afasias: o sujeito e o discurso* 2009a.

_____ & SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. In: *Psicologia: Reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009b.

_____ Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. *Letras de Hoje*. v. 47, n.1, p. 55-64, 2012b. (ISSN 0101-3335)

_____ O conceito de *fluência* nas afasias. *Caderno de Estudos Linguísticos*, São Paulo, SP. 2012b. ISBN: 978-85-7288-749-6 Disponível em: <http://www.gel.org.br> . Acesso em 19/11/2012.

_____ A social-cultural approach to aphasia: contributions from the work developed in a center for aphasic subjects. In: *Latest Findings in Intellectual and Developmental Disabilities Research*. In Tech Open Access, Rijka Croácia. p. 219-244., 2012c.

_____ The aphasic utterance: A significal perspective. *Semiotica* (online), v. 2013, p. 457-472, 2013a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1515/sem-2013-0071>

_____ Bakhtinian ethics in the light of contemporary problems: Ponzio and The Art of Listening. In: Petrilli, Susan. (org.). *Writing, Voice, Undertaking*. ed.Otawa: Legas, v. 1. 2013b, p. 231-237.

_____ Diálogo da neurolinguística enunciativo-discursiva com as neurociências e com as teorias linguísticas. *Seminário apresentado no I REBAK*, Cuiabá, 2013c.Inédito. A ser publicado como capítulo de livro em 2014. No prelo.

_____ As contribuições de conceitos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin para a descrição e análise de enunciados de sujeitos afásicos. Disponível em <http://2eeba.files.wordpress.com/2013/09>.

OLIVEIRA, M. V. B. *As palavras na ponta da língua: influencias para o estudo das relações entre linguagem, memória e consciência*. Relatório científico – IEL/UNICAMP – FAPESP, jan/julh, 2013.

PANHOCA, I.; RODRIGUES A.N. Avaliação da qualidade de vida dos cuidadores de afásicos. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.* v.14, n.3., p. 394-401, 2009.

_____.; PUPO A. C. S. Cuidando de quem cuida: avaliando a qualidade de vida dos cuidadores de afásicos. *Rev. CEFAC* (online). v.12, p. 299-307, 2010. Disponível em <http://www.cefac.com.br>. Acesso em 05/04/2013.

PEREIRA, L. D. Avaliação do processamento auditivo central. In: *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Roca, 1997, p. 109-26.

PETRILLI S. & PONZIO A. *Thomas Sebeok e os signos da vida*. [Tradução de Pedro Guilherme Orzari Bombonato], São Carlos: Pedro e João Editores, 2011.p.71p.

PETRILLI, S. *Em outro lugar e de outro modo. Filosofia da linguagem, crítica literária e teoria da tradução em torno e a partir de Bakhtin*. São Carlos: Pedro e João editores, 2013.415p.

PÊUCHEUX, M. O discurso – estrutura ou acontecimento. [Tradução de Eni P. de Orlandi]. Campinas: Pontes, 1983/1988.

PIRES de MELO, I. H. et al. *Potencial evocado auditivo de longa latência: um estudo de caso de afasia de expressão*. Rev. Cefac, São Paulo, v.9, n.3, jul-set., p. 417-22. 2007.

PONZIO A. *A revolução bakhtiniana. O pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. [Coordenação da Tradução: Valdemir Miotello], São Paulo: Contexto, p. 161-200, 2009.

_____. *Encontros de Palavras o outro no discurso*. [Coord. Trad. Valdemir Miotello], São Carlos: Pedro e João, 2010a.

_____. *Procurando uma palavra outra*. [Coordenador da Tradução de Valdemir Miotello], São Carlos: Pedro e João, 2010b.

PRETI, D. Normas para transcrição. In: *Análise de textos orais*. Projetos Paralelos – NURC/SP (núcleo USP) (org.) Dino Preti, 6. ed. São Paulo: Humanitas, 2003. p.13.

QUEIROZ, C. *Processamento auditivo: uma reflexão crítica*. In: COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F. (orgs.) *Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p.189-217.

ROBERTT, W. et al. A comparison of the mismatch negativity (MMN) event-related potential to tone and speech stimuli in normal and aphasic adults. In: *Aphasiology*, v.12, n. 7, p. 499-507,1998.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo, Cultrix, [1916]1981.

SOUSA, L. C. A; ISAAC, M. L Avaliação Eletrofisiológica da Audição- Eletrococleografia, Potenciais Evocados Auditivos de Tronco Encefálico, Resposta Auditiva de Estado Estável, P300, Latências Médias e Mismatch Negativity.. In: *Tratado de Otorrinolaringologia*. 2. ed. São Paulo: Roca, v. 1, p. 441-488. 2011.

STACHOWIAK F. J.; HUBER W., POEK K., KERSCHENSTEINER. *Text Comprehension in aphasia. Brain and language*. n.4, p. 177-195. 1977.

THOMPSON, C. K. *Northwestern Assessment of Verbs and Sentences*. Evanston, IL, 2011.

VYGOTSKY, L. S. *A construção do pensamento e da Linguagem*. [Tradução de Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, [2001] 2009.